

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGH

ALEXANDRE RIBEIRO DA SILVA

**O PROTESTANTISMO DE MISSÃO BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DA
PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE CASCAVEL (1952-1966).**

Marechal Cândido Rondon

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA - PPGH

ALEXANDRE RIBEIRO DA SILVA

**O PROTESTANTISMO DE MISSÃO BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DA
PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE CASCAVEL (1952-1966).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História,
Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná
– UNIOESTE, para obtenção do título de mestre em História.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Geni Rosa Duarte.

Marechal Cândido Rondon

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

S586p Silva, Alexandre Ribeiro da
O Protestantismo de Missão brasileiro e a formação da
Primeira Igreja Presbiteriana de Cascavel (1952-1966) /
Alexandre Ribeiro da Silva. - Marechal Cândido Rondon, 2014.
123 p.

Orientadora: Prof. Dr. Geni Rosa Duarte

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual
do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

1. Igreja Presbiteriana Central de Cascavel. 2. Igrejas
protestantes - Missões Brasil. 3. Presbiterianismo -
Paraná. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II.
Título.

CDD 22.ed. 238.51
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

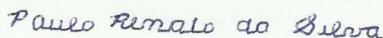
Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado
Reconhecido pela Portaria Ministerial – MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.

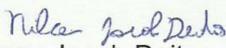
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de 2014, às 14 horas, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr^a Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE), Dr. Paulo Renato da Silva (UNILA) e Dr. Nilceu Jacob Deitos (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho "*O protestantismo de missão brasileiro e a formação da primeira Igreja Presbiteriana de Cascavel (1952-1966)*", apresentado pelo pós-graduando **Alexandre Ribeiro da Silva** para a obtenção do título de "Mestre em História" do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Geni Rosa Duarte, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pelo pós-graduando avaliado.

Marechal Cândido Rondon, 28 de fevereiro de 2014.


Geni Rosa Duarte
Orientadora


Paulo Renato da Silva
Membro


Nilceu Jacob Deitos
Membro


Alexandre Ribeiro da Silva
pós-graduando



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
UNIOESTE

PARECER DESCRITIVO

Título da Dissertação: *“O protestantismo de missão brasileiro e a formação da primeira Igreja Presbiteriana de Cascavel (1952-1966)”*.

Nome do concluinte: **Alexandre Ribeiro da Silva**

Integrantes da Banca:

Dr^a Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE);

Dr. Paulo Renato da Silva (UNILA);

Dr. Nilceu Jacob Deitos (UNIOESTE).

Parecer:

O trabalho apresenta uma contribuição importante na compreensão de aspectos culturais da região, investigando o campo da religiosidade. Mostra o esforço do pesquisador na busca de documentos, e na articulação com questões locais e regionais. A banca faz uma leitura cuidadosa e apresenta sugestões e sentidos de articular o propósito teórico com a investigação empírica desenvolvida.

Marechal Cândido Rondon, 28 de fevereiro de 2014.

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Rita Ribeiro, mãe que partiu tão cedo, dedico o trabalho, o sonho que se materializou a partir do seu esmero e dedicação sem limites em me dar o melhor de si no pouco tempo que vivemos juntos. (Em memória).

Ao Rev. Martinho Rickli, como reconhecimento do seu esforço na semeadura presbiteriana no Oeste do Paraná. (Em memória).

AGRADECIMENTO

À minha Orientadora, Prof^a. Dr^a. Geni Rosa Duarte, que soube com maestria lidar com minhas deficiências e inexperiências, transformando dificuldades em superação e estímulo para meu tráfegar nas vias do saber histórico.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História e Letras da UNIOESTE, que foram de relevância na construção deste trabalho.

Aos colegas de turma do mestrado. Minha admiração e apreço.

Aos membros que aceitaram e participaram da Banca de Qualificação desta dissertação, cuja contribuição relevante, aprimorou da discussão sobre o assunto pesquisado.

A Sra. Silvia, do Museu da Imagem e do Som, em Cascavel/PR, que tornou parte da pesquisa algo mais prazeroso e edificante.

A IPCC, na pessoa do Rev. Ednaldo Batista Ribeiro, pastor amigo que autorizou meu ingresso e acompanhou minha caminhada no Mestrado em História da UNIOESTE.

Ao Prof. Presb. Amigo Rui Carneiro, grande incentivador deste trabalho, homem apaixonado pela história religiosa, comprometido com a problematização das questões concernentes a história do tempo presente.

A Sra. Eliane Quintans, amiga que contribuiu com suas fotografias e lembranças sobre imagens referentes à IPCC.

A amiga jornalista Michelle Marques de Mello de Nez, por sua relevante contribuição na leitura e revisão do texto escrito.

À Inês Cristina Grunevald, minha mulher, grato por todo o apoio durante esta caminhada de aulas, leituras, pesquisas, alegrias, lágrimas e vitórias.

O agradecimento especial é para o Senhor da História. Aquele que me concedeu desde a minha graduação (1994) até o mestrado (2014) as devidas e necessárias vitórias no campo do saber e do conhecer.

EPÍGRAFE

“Qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade.”

Os usos sociais da ciência, 2004 – Pierre Bourdieu.

“A religião não é somente um sistema de ideias, ela é antes de tudo um sistema de forças.”

Les formes élémentaires de La vie religieuse, 1912 – Émile Durkheim.

“A aceitação de um discurso como verdadeiro e ortodoxo e a rejeição de outro como falso e heterodoxo se dá no nível do poder político dos sujeitos que enunciam e sustentam tais discursos. O que importa é quem tem a última palavra.”

Dogmatismo e Tolerância, 2004 - Rubem Alves.

RESUMO / PALAVRAS-CHAVE

O PROTESTANTISMO DE MISSÃO BRASILEIRO E A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DE CASCAVEL (1952-1966).

RESUMO: Esta dissertação tem por objeto de estudo a formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR, denominada de Igreja Presbiteriana Central de Cascavel (IPCC), por entender que tal formação está inserida nas estratégias para introduzir e disseminar o protestantismo de missão na região Sul do Brasil durante o século XX. Assim, após definir o objeto de estudo, busquei enquanto objetivos, identificar as estratégias elaboradas e priorizadas pelos missionários (pastores) que alteraram o campo religioso no Brasil, a historicização da experiência protestante no Brasil, a inserção do presbiterianismo no Paraná e, por fim, o processo de formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR

PALAVRAS-CHAVE: Protestantismo de Missão; Presbiterianismo; Igreja Presbiteriana; Campo Religioso; História Religiosa.

ABSTRACT / KEYWORDS

THE PROTESTANTISM BRAZILIAN MISSION AND TRAINING OF FIRST PRESBYTERIAN CHURCH OF RATTLESNAKE (1952-1966).

ABSTRACT: This paper's purpose is to study the formation of the First Presbyterian Church in Cascavel / PR, called the Central Presbyterian Church of Cascavel (IPCC), understanding that such training is embedded in strategies to introduce and spread the Protestant mission in the region southern Brazil during the twentieth century. Thus, after defining the object of study, as sought goals, identify strategies developed and prioritized by the missionaries (ministers) who altered the religious field in Brazil, historicizing the protestant experience in Brazil, the insertion of Presbyterianism in Parana, and finally the process of formation of the first Presbyterian church in Cascavel / PR

KEYWORDS: Protestantism Mission; Presbyterianism; Presbyterian Church; Religious Realm; Religious History.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPCC – Igreja Presbiteriana Central de Cascavel

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

CI/PB – Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil

SPS – Seminário Presbiteriano do Sul

CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação

ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião

CEHILA – Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina

IEPG – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação

COPLAN – Comissão de Planejamento de Edificações

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CBM – Missão do Brasil Central

SBM – Missão do Sul do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PROTESTANTISMO E AS MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO	22
1.1 A ESCRITA SOBRE O PROTESTANTISMO BRASILEIRO.....	23
1.2 AS MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO.....	27
1.3 CONVERSÃO E REPRESSÃO: O MORALISMO PIEDOSO PROTESTANTE.....	34
CAPÍTULO 2 - A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO BRASIL E NO PARANÁ	41
2.1 O PRESBITERIANISMO NO BRASIL.....	43
2.2 O PRESBITERIANISMO NO OESTE DO PARANÁ.....	51
2.3 SER PROTESTANTE, E NO CASO, PRESBITERIANO EM CASCAVEL/PR.....	57
CAPÍTULO 3 - A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA EM CASCAVEL/PR	68
3.1 CASCAVEL/PR: VIDA RELIGIOSA, FESTAS E LAZERES.....	72
3.2 O PRESBITERIANISMO EM CASCAVEL/PR.....	75
3.3 AS VISITAS PASTORAIS.....	85
3.4 OS MEIOS MUDIÁTICOS.....	90
3.5 A ORGANIZAÇÃO DA IPCC.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
FONTES	102
BIBLIOGRAFIA	103
ANEXOS	110

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objeto de estudo a formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR, denominada de Igreja Presbiteriana Central de Cascavel (IPCC) ¹, por entender que tal formação está inserida nas estratégias para introduzir e disseminar o protestantismo de missão na região Sul do Brasil durante o século XX. Assim, após definir o objeto de estudo, busquei enquanto objetivos, identificar as estratégias elaboradas e priorizadas pelos missionários (pastores) que alteraram o campo religioso no Brasil, a historicização da experiência protestante no Brasil, a inserção do presbiterianismo no Paraná e, por fim, o processo de formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR.

Para abordar o objeto, delimitarei fronteiras espaciais e temporais a partir das demarcações que concernem à inserção do protestantismo de missão no Brasil e no Paraná. Assim, primeiramente quanto à fronteira espacial, analisei a região centro-sul do Brasil, especialmente o Paraná, região na qual esforços missionários protestantes, seja de agências missionárias estrangeiras, as norte-americanas, como as iniciativas missionárias particulares e individuais, foram presentes no processo de inserção.

A seguir, em segundo lugar, quanto à análise temporal, as próprias experiências protestantes serviram-me de marco, isto é, o ano de 1952 representa a marca do início da ação missionária protestante, ou seja, é a data da designação do pastor presbiteriano Martinho Rickli ² como responsável pela ação missionária na região Oeste do Estado do Paraná. A partir da sua ação deu-se o desenvolvimento do protestantismo/presbiteriano na região e seu envio colaborou para a construção da base presbiteriana e para a vinda de outros pastores e missionários para a região Oeste do Paraná. Já o ano de 1966 representou o marco final, pois se tornou a data de organização da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR. Vale frisar que a data tornou-se uma representação da presença presbiteriana, ou melhor, do

¹ Modo como é denominada a primeira igreja presbiteriana de Cascavel. IPCC significa: Igreja Presbiteriana Central de Cascavel.

² O Rev. Martinho Rickli (1905-1984), nascido em Manduri, município de Prudentópolis, foi o primeiro membro da família Rickli a se tornar pastor. Estudou no Instituto Cristão de Castro, no Instituto José Manoel da Conceição e no Seminário de Campinas, sendo ordenado em janeiro de 1933. Dedicou a vida à evangelização, primeiro no litoral norte de Santa Catarina e depois no sul e no oeste do Paraná (Castro, Ponta Grossa, Nova Aurora, Turvo, Imbituva, Prudentópolis, Guarapuava e Cascavel). Em 1952 foi enviado ao campo missionário de Cascavel a Foz do Iguaçu, onde hoje é Nova Aurora.

presbiterianismo de missão ³, o que equivale dizer que o projeto evangelizador havia de fato se feito presente na região Oeste do Paraná.

O conceito de presbiterianismo de missão foi fundamental para esse trabalho, porque se observou que no processo de inserção e expansão do presbiterianismo no Brasil, havia a estratégia de expandir a cultura religiosa protestante em detrimento do catolicismo. Portanto, a relação de poder estabelecida a partir do presbiterianismo de missão enfatizou a disseminação de novas ideias religiosas no campo ⁴ religioso no Brasil e de certa forma, influenciou o modo de vida de uma parcela da população brasileira. O que implicou não somente no ato de agregar novos adeptos, como também, contribuiu para a reconfiguração deste mesmo campo religioso. E, também sugeriu a ideia de uma disputa de poder dentro do campo religioso brasileiro, na qual constou enfrentamentos de tradições, culturas e heranças.

Na busca de historicizar a inserção do protestantismo de missão no Brasil e a formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR, necessária foi a investigação das estratégias praticadas pelos missionários e pastores, as dificuldades enfrentadas por eles se contrapondo às estruturas ligadas ao catolicismo, observar as relações de poder estabelecidas pelos missionários e pastores na ocupação de espaços, bem como, afirmar e difundir de suas crenças. Assim, nesse exercício reflexivo foi necessário dialogar com a noção de campo religioso de Bourdieu e com as relações de poder presentes no cotidiano entre missionários, pastores e membros das comunidades.

Como parte da análise identifiquei que este grupo protestante, os presbiterianos, criou uma representação de si mesmo, que ficou expressa na mensagem proclamada em seus púlpitos, “este é o povo que vai morar no céu”. Assim, procurei identificar o modo como os presbiterianos definiram, apreenderam e relacionaram-se com a sociedade, uma vez que havia uma representação de si mesmo e dos outros. Portanto, a questão da representação neste trabalho, foi analisada e interpretada a partir das reflexões de representação discutidas no referencial teórico da História Cultural conforme Chartier (1990), através da qual é necessário “identificar o modo como uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (p.16,17).

³ Esta tipologia foi utilizada nas pesquisas sobre o campo religioso. Subdividindo o campo de pesquisa sobre o protestantismo em dois grandes grupos: “protestantes de imigração” (os luteranos alemães são o grupo mais representativo) e “protestantes de missão” (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.), que para vieram com o objetivo de implantar suas respectivas igrejas.

⁴ Abordou-se campo na perspectiva adotada por Pierre Bourdieu.

Na tessitura deste trabalho, os conceitos de campo religioso; história religiosa e capital simbólico foram importantes para auxiliar a discussão do objeto de estudo. Neste sentido, o processo de inserção do protestantismo no Brasil, bem como, a formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel, revelou um espaço estruturado de posições no qual havia regras com as quais os sujeitos lidavam em sua concorrência para ocupar tal espaço. Por outro lado, notou-se que os agentes presentes neste espaço, produziram relações sociais compartilhadas a partir de interesses comuns, havendo ao mesmo tempo, uma disputa pelos mesmos lugares, uma vez que o campo religioso havia sido composto por pessoas detentoras do capital simbólico do mesmo.

Então, de Bourdieu (2007), utilizei a noção de campo religioso e capital simbólico, pois segundo ele, “Todo campo é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças. (...) São lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas” (p.22).

Chamo campo, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura, a ciência, os bens simbólicos. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (...) A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. (BOURDIEU, 2004, p.20)

Para Albuquerque (2003), a história religiosa ocupa-se em “analisar a atuação dos sujeitos históricos individuais ou coletivos. E, preocupa-se com a inserção social de determinada religião em certo tempo” (p.57). Nesse sentido, este trabalho fez uso da história religiosa a partir da preocupação da inserção social do presbiterianismo de missão no Brasil. Principalmente por perceber que as forças religiosas atuavam em diversos domínios sociais e culturais. Assim, a história religiosa da inserção presbiteriana de missão no Brasil, foi analisada a partir de marcos identificáveis da vida religiosa, suas expressões culturais, sociais e educacionais, deixando de lado uma história eminentemente eclesiástica ou apologética.

Quando iniciei a pesquisa, e conseqüente leitura das fontes sobre o período delimitado (1952-1966), surgiu um obstáculo relativamente preocupante, o desafio de ter apenas uma página e meia relatando o início do trabalho de implantação da Igreja

Presbiteriana em Cascavel e região Oeste do Paraná. Este relato consta na página 1 e 2 do Livro I de atas do conselho da IPCC. Então, passei a lidar com algumas perguntas, dentre elas, o porquê de um registro tão resumido. Por que não constavam documentos sobre o protestantismo em arquivos tanto da igreja local, como das estâncias superiores da IPB? E, como faria para historicizar 14 anos de história (1952-1966), o trabalho dos dois primeiros pastores que atuaram na região, a partir da documentação que possuía em mãos? Então, diante do desafio posto, recorri a Le Goff, e nele percebi a viabilidade de realizar a escrita, pois:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais... Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE apud LE GOFF, 1996, p. 540).

Portanto, esta dissertação buscou analisar os primeiros 14 anos do processo de inserção presbiteriana em Cascavel, entre 1952-1966. Para tal análise, foram levantadas as seguintes questões: Quais ações foram praticadas para efetivar o conversionismo? Que tipo de sujeito religioso foi alvo da ação conversionista? Quais as experiências e as representações de religião presentes na cidade de Cascavel? Quais os valores faziam parte da mensagem dos pastores que atuaram na região? Ocorriam conflitos e como eles foram resolvidos?

Uma vez avaliada a documentação, percebi que com a mesma não haveria possibilidade de responder aos questionamentos levantados, saí a campo em busca de novas fontes que contribuíssem para às resposta. Entretanto, não estou considerando que a história da IPCC estava pronta e hermeticamente acabada nos documentos, ou que os mesmos, por si só, bastariam, seria suficiente encontrá-los, e tudo se resolveria, mas sim, que buscava meios, fontes para problematizar meu objeto de pesquisa. Assim, após pesquisas nos arquivos pessoais de algumas famílias membros da IPCC e principalmente nos arquivos dos Presbitérios de Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, Foz do Iguaçu e Santa Catarina, pude reunir fontes que me permitiram historicizar a trajetória do período de trabalho do Rev. Martinho Rickli, primeiro pastor presbiteriano da região Oeste do Paraná.

Um destes documentos, o Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul, foi encontrado após vasculhar documentos que haviam sido deixados no

“arquivo morto” da IPCC. Chamou a atenção, devido à sua importância, encontrar este Livro de Registros esquecido em uma caixa, entre outros papéis que teriam como destino a reciclagem. Outros documentos, relatórios pessoais redigidos numa forma de diário estavam de posse do Pastor e Historiador Osvaldo Henrique Hack, na cidade de Florianópolis. Estes relatórios são do Pastor Martinho Rickli que datam de 1956 a 1965. E, Também arrolei como parte da documentação e fonte de pesquisa, registros de atas referentes ao Presbitério do Sul, Curitiba, Ponta Grossa e Foz do Iguaçu. Atas nas quais se encontram informações sobre o Campo Missionário de Cascavel, bem como, das questões referentes ao trabalho presbiteriano na região Oeste do Paraná.

Como parte do acervo da Biblioteca Municipal de Cascavel, constam exemplares do Jornal Diário D’Oeste a partir do ano de 1962. Entre o acervo dos jornais da Biblioteca temos os seguintes registros: 1962 – nota do Rev. Martinho Rickli sobre a dinâmica das atividades da igreja, cultos domingo: às 10 e 20 horas; quarta às 20 horas. 1963 - Chegada do então Rev. Roberto Ademar Pavelec para assumir o pastorado da igreja. Na sessão “Flashes Religiosos” do jornal, temos as programações e os horários de culto da igreja, os quais eram: domingo – às 10 horas, Escola Dominical. Às 12 horas, Programa Radiofônico na Rádio Colmeia “A Hora Presbiteriana”. Às 18h30, Reunião da Mocidade. Às 19h30, Culto. Quarta, às 19h30, Estudo da Bíblia. Encontra-se também, o registro da campanha de construção do templo, mediante doações por meio de um livro de ouro.

Também reuni as seguintes fontes: Livros de Atas do Conselho da IPCC, do Presbitério de Curitiba, do Presbitério Iguaçu, do Presbitério Itaipu, do Presbitério Ponta Grossa; Livro de Registro do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul; Relatórios de Campo do Rev. Martinho Rickli; Jornais impressos (IPB, IPCC, Diário do Oeste); PPP da Escola Municipal Irene Rickli de Cascavel; e, Narrativas escritas e orais sobre a história da IPB, IPCC e Cascavel.

Portanto, procurei problematizar meu objeto de estudo a partir de fontes escritas, particularmente livro de atas e livro de registros de igrejas/missionários/pastores. E, com estes, somou-se jornais impressos, relatórios de trabalho de campo realizados pelos missionários e pastores, publicações institucionais, trabalhos acadêmicos, dentre estes, dissertações e teses sobre protestantismo e presbiterianismo, e históricos de igrejas. Foi importante perceber que estes registros não se constituam em relatos neutros ou impessoais, mas sim, constituíram-se na expressão de uma visão acerca do contexto no qual estavam

inseridos os missionários e pastores protestantes. Deste modo, estas fontes foram analisadas a partir do lugar e das condições de produção, sem deixar de localizar o tempo histórico de produção, e o lugar social de seus atores.

A produção histórica de autores protestantes sobre o protestantismo, autores e fontes, revelou um número não muito expressivo se compararmos a outros temas da historiografia brasileira. Ao analisar as pesquisas sobre a história do protestantismo histórico no Brasil, especificamente a partir das formas de construção historiográficas, fiz a seguinte divisão: de linha positivista (Júlio Andrade Ferreira, Boanerges Ribeiro); da linha da história das mentalidades (Émile G. Léonard, David Gueiros Vieira); da linha da sociologia da religião (Paul Pierson, Rubens Alves, João Dias de Araújo, Prócoro Camargo, Waldo César, Antônio Gouvêa Mendonça).

Estudar o protestantismo brasileiro revelou dois desafios. O primeiro refere-se à produção acadêmica. Ainda é pequena a quantidade de trabalhos de pesquisa sobre o tema. E os primeiros estudos acadêmicos sobre a temática protestante no Brasil surgiram entre os anos de 1960 e 1980. O segundo refere-se ao objetivo das pesquisas existentes. A produção de pesquisas sobre o presbiterianismo existente formam na sua maioria pesquisas ufanistas, apologéticas, servindo basicamente para reforçar a história dessa igreja. Contudo, com a nova mudança no campo religioso brasileiro à visibilidade alcançada pelos grupos pentecostais e neopentecostais na década de 1980 motivou um novo olhar para o campo religioso brasileiro, e daí, temos um número expressivo de pesquisas sobre esse ramo do protestantismo.

As referências a seguir são breves, pois o objetivo proposto foi de demonstrar o início da mudança quanto ao estudo do protestantismo, não proponho esgotar o assunto, apenas citar alguns dos exemplos dessas pesquisas nos últimos cinco anos: Baptista (2007), *Cultura Política Brasileira, Práticas Pentecostais e Neopentecostais*; Lemos (2009), *O Crescimento Neopentecostal no Distrito dos Prazeres: Motivos e Razões de Mudança de Denominação Religiosa*; Mellet (2009), *A Retórica do Sobrenatural na Tv: Um Estudo da Persuasão no Neopentecostalismo*; Zapani (2011), *Capitanias Midiáticas Neopentecostais: Da Formação à disputa pelo Poder Hegemônico*.

Todavia, se por um lado houve um olhar para os movimentos pentecostais e neopentecostais produzidos no campo religioso do Brasil, por outro lado, ao realizar esta pesquisa notei a falta de estudos sobre o protestantismo histórico e de ação missionária no Brasil. Entretanto, é verdade que pesquisas sobre o campo religioso brasileiro na forma de

dissertações e teses, ainda são objeto de estudos em programas de pós-graduação de Sociologia e Ciências da Religião. Então, meu desejo foi de unir-me ao crescente interesse sobre o protestantismo de missão no meio acadêmico. E assim, discutir este tema no campo da história, e produzir conhecimento sobre o mesmo, pois o protestantismo ao integrar-se nas práticas cotidianas da sociedade brasileira, tornou-se parte da cultura historiográfica e dos domínios do campo da história.

A pesquisa demonstrou que os grupos protestantes de ação missionária que se inseriram no Brasil foram os metodistas, os congregacionais e os presbiterianos. Estes primeiros, diferentemente dos anglicanos e luteranos, mantiveram iniciativas sistemáticas de conversão, ou seja, o objetivo era a ação missionária, atrair novos fiéis.

Como parte integrante deste protestantismo de missão, temos o presbiterianismo, que surgiu na Escócia no século XVI. E, doutrinariamente tem no calvinismo sua base teológica. Organiza-se politicamente a partir do sistema republicano de governo, que permite a cada igreja local ser governada por um conjunto de líderes, denominados de presbíteros que são eleitos de forma democrática e representativa pela assembleia dos membros.

Segundo a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil - CI/PB ⁵, a Igreja Presbiteriana do Brasil - (IPB) ⁶ é uma comunidade religiosa composta de membros que adotam como única regra de fé e prática a Bíblia e como sistema expositivo de doutrina a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve. Constitui-se de uma federação de Igrejas locais, com sede civil na Capital Federal, organizada de acordo com sua própria Constituição, com a missão de adorar a Deus, propagar o Evangelho de Jesus Cristo, promover educação cristã e obras sociais. Exerce seu governo por meio de concílios e indivíduos, regularmente instalados e o Supremo Concílio é a sua Assembleia Geral. A Igreja é representada ativa, passiva, judicial e extrajudicialmente pelo presidente do Supremo Concílio, ao qual também compete: Presidir às reuniões do Supremo Concílio e da Comissão Executiva; Representar a Igreja internamente, bem como em suas relações intereclesiais, civis e sociais.

Quanto à identidade teológica presbiteriana, a mesma pertence à família das igrejas reformadas que chegaram ao Brasil a partir de 1859. No caso específico da IPB, sua presença é conhecida por meio da ação missionária da Igreja Presbiteriana dos Estados

⁵ Constituição da IPB, também denominada de Manual Presbiteriano, promulgada em 1937, com o objetivo de regulamentar o funcionamento, tanto no que se refere às atividades eclesiais como civis.

⁶ IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

Unidos, que por sua vez, foi organizada a partir dos movimentos migratório e missionário vindos da Europa, especialmente, da Genebra. Assim,

Os presbiterianos brasileiros resultam de duas missões norte-americanas: a Junta de Nova York, que enviou Ashbel G. Simonton, e o comitê de Nashville, que, a partir de 1870, passou a enviar outros missionários. Os presbiterianos, apesar da febre amarela que vitimava seguidamente missionários e missionários, atuaram em duas frentes: a evangelização conversionista, que em inúmeras congregações espalhadas pela zona rural da Província de São Paulo e do Sul de Minas; e a da educação, fundado em 1870 a Escola Americana, em São Paulo (hoje Universidade Mackenzie), e diversos colégios em distintas províncias. Os presbiterianos brasileiros são fiéis a João Calvino quanto ao governo eclesiástico. Organizam-se a partir da relativa autonomia da congregação local, num sistema federativo e piramidal de concílios. Cada congregação tem um conselho de presbíteros leigos eleitos por ela; um grupo de congregações locais forma um presbitério; um grupo de presbitérios forma um sínodo, e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembleia geral. No entanto, a teologia dos presbiterianos no Brasil é, ao contrário do calvinismo ortodoxo, a conversionista dos aviamentos e, até recentemente, quase todas usavam o hinário Salmos e hinos. A inserção presbiteriana no Brasil deu-se na camada livre e pobre da população rural. Atualmente, entretanto, seus membros situam-se predominantemente na camada média da população. Os que pertencem aos setores pobres de periferia revelam mentalidade de ascensão social por causa da tradição protestante da ética ascética como instrumento de progresso econômico pessoal. A atração dos presbiterianos é atualmente pequena (MENDONÇA e VELÁSQUES, 1990, p.36-37).

A nomeação “Igreja Presbiteriana” é fruto do modo como à igreja é administrada, isto é, a administração se dá mediante “presbíteros leigos”, líderes que eleitos democraticamente, por meio de voto secreto em Assembleias, exercem autoridade administrativa nas comunidades locais. Permitindo assim, um governo mais democrático e autônomo. Os presbíteros, por sua vez, formam um “Conselho” que administram a igreja local. Sendo que cada igreja local é jurisdicionada por um “Presbitério”, isto é, a reunião de quatro igrejas locais. Por sua vez, os “Presbitérios” formam os “Sínodos”, que integram o concílio superior, ou seja, o “Supremo Concílio”, esfera máxima de poder administrativo da igreja. Portanto, quanto à forma eclesiástica, a IPB foi definida:

Sociologicamente as igrejas cristãs podem ser catalogadas em três formas eclesiásticas. Existe a forma "episcopal", exemplificado pela Igreja Católica onde o poder é centralizado numa hierarquia de clérigos. **Existe a forma "presbiteriana", onde o poder é distribuído entre clérigos e leigos de forma mais representativa, sendo a igreja organizada em várias instâncias jurídicas - o conselho local, o presbitério e o sínodo a nível regional, e o concílio a nível nacional.** E existe a forma "congregacional",

onde cada congregação local tem amplos poderes para definir a sua fé e prática religiosa. (MCGUIRE, 1997, p.98, grifo meu).

O termo “presbiteriano” surge com mais frequência nos E.U.A., e de lá vem para o Brasil. Portanto, ao situar a pesquisa frente à Teologia Reformada, falo daquela de origem e herança calvinista:

Chama-se “Reformado”, principalmente nos países do continente europeu, o tipo de protestantismo que sofreu a influência de Calvino e de homens como Farel, Bucer e Knox – e assim é denominado, apesar de certa confusão que decorre desse nome, pois afinal todos os ramos do Protestantismo são “Reformados”, porque vêm da Reforma. Na Grã Bretanha, e em vários outros países, eles são chamados “Presbiterianos”, porque o seu governo é exercido por “presbíteros”, e na Itália formam a tradicional igreja Valdense. Os reformados não só rejeitam no culto o que lhes parece proibido nas Escrituras, como em geral somente aceitam o que lhes parece ter a garantia dos textos bíblicos. Apresentam maior simplicidade em seu culto e determinados rigores em sua orientação geral. Teriam recebido, mais que os luteranos, influências da cultura latina e do humanismo. (AMARAL, 1962, p. 89)

Portanto, associar-se a uma comunidade presbiteriana, implicava a adoção das identidades construídas neste processo, quais sejam a de reformado, calvinista e presbiteriano. E, estes três termos, reformado, calvinista e presbiteriano, foram explicitados pelo historiador responsável pela escrita da história da IPB no Brasil, Rev. Dr. Alderi Souza de Matos, a saber,

1. Reformados - o movimento reformado é o ramo do protestantismo que surgiu na Suíça do século dezesseis, tendo como líderes originais Ulrico Zuínglio, em Zurique, e especialmente João Calvino, em Genebra. Esse movimento veio a caracterizar-se por concepções teológicas e formas de organização eclesiástica que o distinguiram de todos os outros grupos protestantes (luteranos, anabatistas, e anglicanos). É um conceito abrangente que inclui todo um modo de encarar a vida e o mundo a partir de uma série de pressupostos, dentre os quais se destaca a soberania de Deus.

2. Calvinistas - é o sistema de teologia elaborado pelo reformador, João Calvino. Esse sistema, contido especialmente na obra, a *Instituição da Religião Cristã* ou *Institutas*, resulta de uma interpretação cuidadosa e sistemática das Escrituras, e tem como um de seus principais fundamentos a noção da absoluta soberania de Deus como criador, preservador, e redentor. O calvinismo não é somente um conjunto de doutrinas, mas inclui concepções específicas a respeito do culto, da liturgia, do ministério, da evangelização e do governo da igreja.

3. Presbiterianos - O termo presbiteriano foi adotado pelos reformados nas Ilhas Britânicas (Escócia, Inglaterra e Irlanda). Isso se deve ao contexto político-religioso em que o protestantismo foi introduzido naquela região, no qual a forma de governo da igreja teve uma importância preponderante. O sistema

presbiteriano, isto é, o governo da igreja por presbíteros eleitos pela comunidade e reunidos em concílios, significava um governo mais democrático e autônomo em relação aos governantes civis. Das Ilhas Britânicas, o presbiterianismo foi para os Estados Unidos e dali para muitas partes do mundo, inclusive o Brasil. (MATOS, acesso em: 22 maio 2013, grifos do autor).

Concluindo, o fenômeno religioso há muito tempo despertava a minha atenção. Minha história de vida foi inserida no contexto da religião, em particular, no protestantismo presbiteriano.

Nasci no catolicismo, porém, na fase da pré-adolescência passei pela experiência da conversão ao protestantismo/presbiteriano. Inicialmente como membro, a seguir como oficial Diácono. Em 1996, ingressei no Seminário Presbiteriano do Sul (SPS) em Campinas/SP. Em 2001 fui ordenado pastor presbiteriano, ofício este exercido por 13 anos. E, atualmente faço parte do quadro de pastores da IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), como pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana Central de Cascavel.

A primeira igreja presbiteriana de Cascavel, a IPCC, como é comumente chamada, viveu ao longo dos seus 47 anos (1966 a 2013) uma trajetória de transições pastorais e litúrgicas. Contudo, acerca de 10 anos, a partir de 2001, com o início do exercício pastoral do Rev. Ednaldo Batista Ribeiro (pastor presidente atual, eleito sucessivamente desde 2001, em seu terceiro mandato de cinco anos), e principalmente pela visão eclesial e litúrgica aplicada a IPCC por esse pastor, a mesma foi transicionada de uma comunidade presbiteriana, tipicamente convencional, ou melhor, tradicional, para uma comunidade contemporânea e de liturgia “aberta e espontânea”, o que motivou por parte das demais igrejas locais e pastores da cidade de Cascavel e região, o título de igreja “avivada”⁷.

Como pastor auxiliar da IPCC desde 2010, acompanhei o vivido, participei das famílias, construí laços de afetividade e sofri rejeições; realizei atendimentos de visitas e aconselhamentos de crianças a idosos. E, também lidei com o cotidiano das pessoas, suas emoções de alegria e dor; autoridades reconhecidas e questionadas, sonhos realizados e frustrados, com encontros e desencontros; um verdadeiro tecido com “fios e rastros”, um caudal de relações sociais, políticas e históricas. Portanto, com esta vivência no campo

⁷ A expressão avivada refere-se a sua prática litúrgica. Diferentemente das demais presbiterianas da cidade e região, a IPCC tem uma liturgia que conta com a presença de instrumentos, palmas, músicas, expressões espontâneas dos membros durante o culto.

religioso, e uma vez na academia, e como pesquisador da história eclesiástica, fui cada vez mais me interessando pelo estudo da religião, pois o mesmo é um tema altamente rico em possibilidades.

Portanto, como historiador, com atuação no campo religioso, fui conscientizando-me de que minhas escolhas tinham implicações sociais e políticas. Como foi bem dito por HUNT (2001, p.27) “Os historiadores estão se conscientizando cada vez mais de que suas escolhas supostamente objetivas de técnicas de narrativas e formas de análise também têm implicações sociais e políticas”.

Portanto, minha intenção final foi de mostrar o grau de envolvimento do autor em relação ao seu objeto. Assim, sou um pastor presbiteriano que buscou desde a graduação (1994), estudar a história eclesiástica, e que nos últimos anos, especifica seu objeto a partir da história da denominação, ou seja, a IPB. Por outro lado, tenho plena ciência da encruzilhada da trajetória, ou seja, a reflexão teórica e metodológica, e o estar intimamente ligado ao meu objeto. Assim, mesmo buscando a imparcialidade para responder as questões acadêmicas, tenho ciência da minha parcialidade, como bem afirmou Alves (1985, p.19) “um objeto de pesquisa não é destituído de sentido ao seu pesquisador”.

Então, para não realizar uma pesquisa apologética, ou escrever uma história institucional, trabalhei com o princípio de que a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) fez parte do campo religioso, sendo uma expressiva força dentro do protestantismo brasileiro. E, conseqüentemente, este trabalho não pretendeu ser uma pesquisa fechada, no sentido proselitista, atendendo única e exclusivamente a Igreja Presbiteriana, antes se propõe ser a construção de uma narrativa para análise das diversas áreas do saber.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo pretendeu-se uma reflexão sobre a dinâmica e transformações que ocorreram no campo religioso brasileiro a partir das atividades protestantes no país. Buscou-se também, uma compreensão dos diversos aspectos que marcaram a inserção protestante no Brasil e suas conseqüências, principalmente aquelas que se configuraram em transformações no campo religioso.

No segundo capítulo procurei discutir como os protestantismos,⁸ ou protestantes de missão, se instalaram no Brasil com clara intenção de ganhar espaço, fazer prosélitos e

⁸ Tem sido comum entre os estudiosos do assunto a designação no plural, devido à diversidade de tradições protestantes que aqui chegaram, com peculiaridades históricas próprias, origens distintas, filosofia e os aspectos teológicos diferenciados, desses grupos.

influenciar a sociedade. Portanto, o olhar histórico voltou-se para o empreendimento do protestantismo de missão, com ênfase no protestantismo presbiteriano. Por outro lado, procurei especificamente apresentar a maneira como os protestantes e especialmente os presbiterianos tiveram sua inserção no Brasil. Embora o protestantismo seja um objeto de estudo de crescente importância, ainda é pequeno o número de estudos sobre o mesmo. Assim, procurei realizar uma análise abrangente, narrando alguns dos episódios concernentes à inserção e procurei salientar as condições que favoreceram esse mesmo processo. Portanto, não é meu objetivo fazer uma história completa da inserção do presbiterianismo no Brasil, apenas pontuar o que já fora citado pelos autores anteriormente, dentre estes: Alderi Souza de Matos, Émile G. Leonard, Júlio Andrade Ferreira, Boanerges Ribeiro, Antônio Gouvêa Mendonça, David Gueiros Vieira, os quais serão apresentados na revisão bibliográfica.

No terceiro capítulo a preocupação principal foi problematizar o processo de formação da primeira igreja presbiteriana de Cascavel, a partir do protestantismo de missão brasileiro, tendo como via de acesso a ação conversionista da igreja presbiteriana do Brasil. E, historicizar a partir das fontes, relatórios pastorais, a chegada do primeiro pastor presbiteriano na região Oeste. Bem como, as estratégias de disseminação protestante a partir dos meios midiáticos do momento, a saber, rádio e imprensa. Também procurei demonstrar uma das características do protestantismo pouco abordada, o seu rigor moral e a rigidez generalizada dos fiéis. Característica esta que produziu uma visão acerca da cultura brasileira preconceituosa e moralista.

A elaboração destes capítulos a partir das fontes analisadas, bem como da bibliografia pesquisada, permitiu problematizar o protestantismo, como uma inserção estratégica, que motivou uma tensão, uma luta de poder dentro do campo religioso brasileiro no período delimitado e analisado na pesquisa. Assim, o Protestantismo de Missão poderia ser considerado como um “corpo estranho”? Uma “subcultura”? Um movimento na “contramão” do universo simbólico do campo religioso brasileiro? Estes e outros problemas serão analisados a seguir, contudo, o embate no campo religioso manifestou-se por meio da ação protestante de negar o já existente, ou seja, a ordem cultural e simbólica estabelecida, em pleno funcionamento, isto é, o universo católico.

CAPÍTULO 1

PROTESTANTISMO E AS MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO.

Refletir sobre as mudanças no campo religioso brasileiro a partir do protestantismo requereu percorrer o caminho traçado por duas significativas questões. A concorrência religiosa ⁹ e a secularização ¹⁰. A primeira, concorrência religiosa, permitiu avaliar a visibilidade das várias correntes ou movimentos religiosos que surgem a partir da Reforma Protestante do século XVI. E, no Brasil, entre outras concorrentes à Igreja Católica, temos as correntes protestantes e pentecostais. A segunda, a secularização que no Brasil, tem sua expressão na separação oficial entre Igreja e Estado com a constituição da República, em 1891. Sendo que esta tendência revelou o fortalecimento da autonomia individual sobre as escolhas religiosas.

Estas duas questões, a secularização e a concorrência religiosa, para Luiz (2011) devem ser analisadas enquanto processos históricos, e através dos quais se percebe claramente que o campo religioso brasileiro é marcado pela pluralidade. Isto é, o campo religioso brasileiro em virtude de suas práticas e discursos é cada vez mais plural. Realidade que contraria a concepção da supremacia ou hegemonia católica no Brasil.

Esta característica plural ou heterogênea traduziu-se pela diversificação de um processo que foi intensificado a partir do século XIX com a chegada dos protestantes (luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais) ao Brasil. Portanto, a inserção dos protestantes no campo religioso brasileiro somou-se ao processo de dinamização, acirramento e diversificação deste mesmo campo.

Assim, busquei apreender a diversificação presente na configuração do campo religioso brasileiro a partir da análise de Bourdieu (2007), para quem a ideia de campo remete à disputa de espaços, disputa por definição e dominação. Neste sentido, o campo religioso, configura-se numa disputa simbólica de comunicação e pensamento, através do qual se manipulam visões de mundo, palavras e princípios de construção da realidade. E, isto,

⁹ Aqui o conceito de capital simbólico foi muito importante para o entendimento da questão. Pois, a concorrência religiosa evidenciou a partir de Bourdieu, a manipulação do campo simbólico e religioso.

¹⁰ O sentido aplicado refere-se à diferenciação, através da qual surgem esferas distintivas na vida social, as quais, não mais se estruturam a partir de uma narrativa tradicional, comum e vinculada a todos.

segundo Bourdieu (2007), ocorre por meio dos especialistas da religião, sejam eles, sacerdotes, profetas ou magos.

1.1 A ESCRITA SOBRE O PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Inicialmente quero propor a seguinte reflexão acerca do protestantismo: que o mesmo não existiu por si próprio, mas sim, foi historicamente produzido a partir de práticas, dentre estas, políticas, sociais e discursivas. Portanto, pensar o protestantismo brasileiro é também entendê-lo como um objeto historicamente construído, a saber,

As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem suas figuras. São essas demarcações, e os esquemas que as modelam, que constituem o corpo de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social identificado com um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como o refletindo ou dele se desviando. (CHARTIER, 1990, p. 27)

Ao ler os estudos históricos sobre os protestantes inseridos no campo religioso brasileiro, percebi que estes estudos foram avançando à medida que ocorriam mudanças no campo religioso brasileiro. Os primeiros estudos foram feitos por eclesiásticos, pastores ligados a sua denominação. E estes produziram estudos descritivos, comprometidos com as suas instruções e com análises superficiais do ponto de vista da história.

A análise sobre a historiografia acadêmica pertinente ao protestantismo brasileiro revelou que a década de 1970 foi marcada pelas pesquisas sobre a história protestante no campo da sociologia da religião, pesquisas sobre o protestantismo de missão e pentecostalismo. Dentre estas pesquisas, Santos (2006) e Watanabe (2006). Destacam-se também pesquisas que estabeleceram comparações a partir de dados estatísticos e de teorias sociológicas, tais como: Camargo (1973), comparações entre Católicos, Protestantes e Espíritas; César (1973), Sociologia do Protestantismo brasileiro; Novaes (1979), Os escolhidos de Deus; e Rolim (1976), Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções.

Estas pesquisas enriqueceram a discussão acerca do campo religioso brasileiro, contribuindo com levantamentos históricos, antropológicos, sociológicos, estatísticos, econômicos e, filosóficos das fontes. Neste mesmo período, nasceram alguns órgãos de pesquisas, tais como: CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação (1969), o ISER - Instituto Superior de Estudos da Religião (1971), CEHILA - Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (1973) e o IEPG - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (1982).

Finalmente, surgiram pesquisas com ênfase na História Cultural, em especial, as pesquisas que utilizaram os conceitos de “representação” de Chartier (2002) e “consumidor/produtor” de Certeau (1974). Bem presente nestas pesquisas foram às questões sobre os locais de produção, (Wirth, 2002 e 2003); historiografia protestante, (Watanabe 2005 e 2006); relação entre protestantes e culturas locais, (Santos 2003 e 2006); mídia e os protestantes, (Belloti 2004 e 2005).

Ao analisar a historiografia protestante produzida por eclesiásticos, na maioria pastores ligados a sua denominação, percebeu-se que uma das primeiras tentativas de escrita sobre o protestantismo brasileiro foi de Ferreira (1992), pastor presbiteriano que designado pelo Supremo Concílio (órgão máximo na hierarquia presbiteriana) tornou-se o primeiro historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, publicando a obra, “História da Igreja Presbiteriana do Brasil”, pela Casa Editora Presbiteriana. A questão é que o livro foi encomendado pelo Supremo Concílio, publicado pela Casa Editora Presbiteriana e financiado pela instituição, ou seja, um texto descritivo, preocupado em afirmar personagens representativos, ufanista e totalmente comprometidos com a história oficial. Escolheu documentos oficiais, fez uma história dos líderes, esquecendo “dos outros”, pouco crítica, construtora de heróis, mártires e elitista. Por fim, problematizou os documentos a partir de uma lógica pastoral, devocional e como representação religiosa.

Leonard, em *O Protestantismo brasileiro, estudo de eclesiologia e história social*. (1963), escreve sobre as relações entre protestantismo norte-americano e classe social na realidade brasileira. Em virtude de sua formação em história e vinculação com a USP, elaborou a primeira grande síntese e estudo acadêmico sobre o protestantismo nacional. Sua principal tese: o protestantismo se instalou devido à incapacidade de Igreja Católica fornecer auxílio aos necessitados espirituais. Em sua escrita, revela uma historiografia que enfatizou os

sacrifícios dos pioneiros e viu neles virtudes, e praticidades para a contemporaneidade, revelando o protestante como perseguido e minoritário na sociedade brasileira.

Ribeiro (1973, 1979, 1981, 1987, 1991, 1995), foi o maior produtor de obras, em termos numéricos, sobre a história da instituição. Escreveu *O padre protestante; O protestantismo no Brasil Monárquico; A Igreja Presbiteriana do Brasil, da Autonomia ao Cisma*; Em regra geral escreveu sobre o processo de implantação do protestantismo no Brasil, com destaque para a contribuição protestante na mudança do sistema religioso, de religião oficial para liberdade de culto; mudança no sistema de ensino e presença de missionários. Procurou mostrar os elementos na cultura brasileira que se identificaram com os valores do protestantismo, **e cabia a ele evidenciar quais eram**. Contudo, adotou uma proposta de escrita hermética em relação aos documentos, e uma concepção “positivista” dos documentos privilegiando temas, personagens e problematizações elitistas.

Já Vieira, em *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil* (1980), escreveu sobre a cooperação entre liberais maçônicos, republicanos, protestantes norte-americanos e outros grupos minoritários, contra a hegemonia religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. Privilegiou o discurso de determinados sujeitos, os pioneiros protestantes, e seus líderes. Não questionou a lógica da produção documental na instituição, seus personagens privilegiados e negligenciados.

Mendonça, em *Celeste Porvir (1990), Introdução do Protestantismo no Brasil* (1995), escreveu sobre a implantação do protestantismo de feição presbiteriana no Brasil a partir da mensagem protestante como representação dos anseios liberais/progressistas para a sociedade, identificando assim, as representações sociais do protestantismo brasileiro com a ideologia do protestantismo de missões norte-americanas. O que posteriormente deu origem ao conflito de valores, pois o movimento protestante assume um caráter fundamentalista e conservador, com implicações profundas sobre a ética e o comportamento do indivíduo e da comunidade. Por fim, sua narrativa demonstrou apologias a reformas institucionais. A teologia foi analisada em termos ideológicos e sociológicos.

Matos, (2004), escreveu sobre a vida e trabalho dos primeiros presbiterianos que chegaram ao Brasil. Com destaque no discurso verbal e na tradição reformada ou calvinista em particular que se expressou na elaboração e prédica dos sermões.

Gomes (2000, 2002, 2003, 2006), discutiu sobre as representações sociais do protestantismo brasileiro, com a preocupação de demonstrar a relação entre as imagens do protestantismo histórico e suas representações na sociedade brasileira. Escreveu também como as representações do corpo e da sexualidade no protestantismo influenciaram os usos e costumes do indivíduo convertido e participante de uma nova denominação.

Pierson (1971), escreveu *A igreja em uma busca de maturidade: o presbiterianismo no Brasil 1910-1959*. Fez uma análise macroestrutural do período, mostrando seus dilemas sociais e políticos e, relatou como a IPB respondeu a eles. Resultando em uma obra que utilizou instrumentos da sociologia, da história e da teologia. O autor não se preocupou em analisar os personagens não contidos nos documentos.

Araújo (2010), escreveu *Inquisição sem Fogueiras – vinte anos de História da Igreja Presbiteriana do Brasil: 1954-1974*. O objetivo da pesquisa era documentar e compreender o cenário do autor: os vinte anos passados (1954-74) na IPB. Foi analítico, investigativo e crítico. Sua narrativa possuiu uma tensão, a inquisição é algo inerente ao cristianismo, surgindo em determinados momentos da história. O autor usou seu texto para denunciar injustiças, contudo, contemplou os mesmos personagens e teve os mesmos objetivos dos demais.

Alves (1979), em *Protestantismo e Repressão*, integrou análises de sociólogos, filósofos, psicólogos e pensadores acadêmicos de grande prestígio. Preocupou-se mais com os conceitos do que com as fontes. O resultado foi uma narrativa de poucos indivíduos e muitas estruturas. Contudo, sua obra é densa, teórica e implicitamente apologética. Por outro lado, não é uma narrativa de heróis ou mártires, mas de estruturas opostas, as opressoras e as libertadoras.

Ribeiro (1981) e Mendonça (1995), concordam que na raiz histórica e constituinte do protestantismo brasileiro, temos: luteranos, presbiterianos, anglicanos, congregacionais. Que por sua vez, dividem-se em protestantismo de imigração, formado por imigrantes alemães e ingleses de confissões luterana e anglicana, e protestantismo de missões, de natureza conversionista, formado por presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas. Sendo mais forte aqui no Brasil o modelo de missões (ligados a setores urbanos médios conservadores, ênfase na educação, ética puritana de rigidez moral, leitura bíblica, não envolvimento com a política) de natureza conversionista, cuja expressão manifestou-se numa

religião comportamental negativa, por meio da qual vemos a condenação, o não pode ou é proibido, como um conjunto de preceitos a serem seguidos na vida dos fiéis.

Finalmente, a historiografia protestante refletiu as transformações ocorridas no campo religioso. Percebeu-se que ela construiu o protestantismo a partir do contexto das relações e dos personagens. E, deste modo, ocorreu um processo de exclusão de sujeitos e assuntos, como por outro lado, notou-se também uma interpretação com limitada problematização dos documentos institucionais e falta de visão acerca da capacidade dos sujeitos ressignificarem seus discursos e práticas.

1.2 AS MUDANÇAS NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO

Primeiramente, para estudar as mudanças no campo religioso brasileiro, foi necessário definir o que era este campo. Assim, busquei em Weber (1991), compreender tal definição. Para ele, campo deve ser compreendido como o local onde os agentes lutam pela consolidação de sua religião e de suas práticas. Portanto, o campo religioso brasileiro, é o campo de luta ou disputa pela legitimação da religiosidade e das práticas.

Após estudar e definir o que era campo religioso, e percebendo que o campo religioso brasileiro segundo Bourdieu (2007), era plural tanto nas suas práticas quanto nos seus discursos, busquei neste espaço de luta ou disputa analisar o campo religioso a partir das igrejas cristãs (católica e protestante), destacando na relação entre elas, às mudanças dos indivíduos, a disputa pela memória, a circulação de imaginários e representações e seus agentes sociais. Contudo, ainda que minha busca se revele de forma tímida, foi importante perceber que dentro do campo de disputa simbólica, há uma abordagem que enfatiza a construção de imaginários e representações.

Conforme Pereira (2008), a vinda dos primeiros imigrantes para o Brasil, motivou o envio dos primeiros pastores e capelães. E estes, por sua vez, eram responsáveis pelo acompanhamento espiritual, visando o fortalecimento da fé dos fiéis. Foi neste momento que o proselitismo religioso se expressa em busca de alcançar meios para propagação de suas crenças entre a população. Dentre estes meios ou estratégias de inserção, observou-se a distribuição de Bíblias, utilização dos meios midiáticos, uso de críticas ao catolicismo, organização de comunidades protestantes, dentre outras.

Segundo Mendonça (2004), o processo de inserção do protestantismo remonta a meados do século XIX. Ainda segundo ele, dois tipos de protestantismos se instalaram: O protestantismo de imigração e o protestantismo de missão. Como prática de ação, o protestantismo de imigração professou-se de maneira doméstica, em virtude dos entraves vividos pela fé católica, ou seja, a impossibilidade de uma fé expressa publicamente, pois o ato público da religiosidade era um direito católico, entretanto, o protestantismo manifestava-se de forma doméstica, isto é, nos lares. E, por outro lado, devido o processo pertinente da dimensão migratória do momento. Já o protestantismo de missão chega ao Brasil no final do século XIX e vive seu fortalecimento no século XX, em virtude da ação missionária.

Para Bastian (1990), o fenômeno religioso de imigração esteve intimamente ligado ao desenrolar histórico da penetração do capitalismo em nosso continente. Para ele, o protestantismo de imigração, desenvolveu-se em comunidades fechadas, concentrando-se em seus membros. Já o protestantismo de missão, moveu-se com objetivos diferentes. No caso, a conversão era o alvo a ser alcançado. Neste sentido, Bonino (2002) faz uma associação entre liberais¹¹ e protestantes no processo de inserção do protestantismo de missão. Para ele, os protestantes missionários almejavam expandir seu campo de atuação através do “destino manifesto”, pregando uma fé pura e esclarecida. Por outro lado, os liberais uniram-se ao movimento objetivando alteração social, mudança do status quo, almejando liberdades e expansão comercial no continente.

De acordo com Bartz (2013), a mobilidade religiosa no Brasil é um fenômeno social relevante, fruto, entre outros fatores, da migração interna de pessoas, do enfraquecimento do poder de coerção e controle das instituições religiosas, do pluralismo e da diversidade religiosa. Este fenômeno dá origem a novas configurações nas modalidades de pertencimento e na relação entre indivíduo, família e religião. A escolha pessoal da religião a ser seguida é uma perspectiva que cada vez mais suplanta o pertencimento pelo nascimento, tradição ou laços simbólicos.

Segundo Berger (2005), a religião como uma herança familiar tradicional que se estabelecia pela vida toda, ocupa um lugar menor no estudo da mobilidade religiosa, uma vez que a trajetória, a subjetividade, a escolha pessoal passam a pautar o estudo da migração religiosa.

¹¹ Segundo Bonino (2002), constituíam-se em movimentos políticos que lutavam contra a hegemonia conservadora do catolicismo no Brasil.

Portanto, segundo Berger (2005), a religião deve ser analisada como um dos sistemas de símbolos fundamentais dos seres humanos, ou seja, é um “edifício de representação simbólica”, uma elaboração dos seres humanos que produz na realidade da vida cotidiana, uma nomização peculiar.

Já Fernandes (2012), ao comentar os dados do Censo 2010, enfatiza a experimentação da religião como uma característica da mobilidade religiosa, fenômeno que coloca em suspeita a tese da escolha individual da crença.

Nós temos analisado o fenômeno religioso nos tempos atuais tendo a experimentação como uma de suas principais características. Isso não significa dizer que as pessoas não mais se vinculam ou passam a pertencer a uma dada religião, mas antes demonstra que a escolha é menos definitiva e problematiza o antigo significado de conversão. [...] Assim, a transitoriedade da adesão religiosa é uma marca desses tempos. Há um tempo agorístico delimitado por uma subjetividade difícil de ser mensurada uma vez que muitos fatores podem catalisar ou desestimular o vínculo religioso [...]. A religião é buscada como refúgio no presente para se viver o aqui e o agora. Deus não pode ser uma figura do passado ou um ser longínquo. Os fiéis falam que o buscam e o querem encontrar no dia a dia. Esse é o desafio das narrativas religiosas encampadas pelas instituições tradicionais. (FERNANDES, 2012, p.64).

Para Léger (2008), a figura do convertido ou crente permite uma perspectiva para a identificação dos processos de formação das identidades religiosas e das mobilidades. Assim, temos: aquele muda de religião, aquele que abraça voluntariamente uma outra religião, aquele que re(descobre) sua religião de origem.

Segundo Valle (2002), existem dois tipos de aproximação da conversão e da pertença religiosa: aquela que se passa no interior do indivíduo que se converte e adere a um grupo religioso, e que acontece no nível psicogrupal e psicossociológico. Portanto, o conceito de conversão está intimamente relacionado com o de pertença.

[...] conversão como sendo o processo de encontro da pessoa com um novo grupo religioso. É a pessoa, com o seu modo próprio de ser, sentir e pensar que é chamada em causa na conversão, mas o grupo oferece a contextualização do que ela experimenta. A pertença é uma noção associada à de conversão, mas designa mais os laços que prendem o sujeito ao modo de ser, aos comportamentos e estilos do grupo no qual entra, fazendo com que ele se sinta e aja como membro pleno do grupo, sobretudo no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e valores. (VALLE, 2002, p. 54).

Por fim, Bartz (2013), diz que além de conversões em sentido mais estreito, nas quais se pode distinguir claramente um “antes” e um “depois”. A troca de pertença religiosa e de convicção de fé pessoal parece, muitas vezes, acontecer de forma pouco espetacular, isto é, como “mobilidade religiosa” ou “trânsito religioso”. Neste sentido, as possibilidades são: passagem de uma igreja cristã a outra; permanência na mesma igreja. O indivíduo abandona uma maneira de viver a fé por outra mais intensa; passagem silenciosa de pessoas de classe média urbana para uma busca que se dá fora das igrejas institucionais e das religiões e movimentos constituídos.

Inicialmente quero lembrar que a entrada oficial do protestantismo no Brasil está ligada à vinda da Família Real. Em 28 de janeiro de 1808, cumprindo parte do acordo firmado com os ingleses, Dom João VI abriu os portos brasileiros às nações amigas. Dessa forma, ficou estabelecido que o governo brasileiro permitiria a prática religiosa aos protestantes ingleses e a construção de templos religiosos, embora sem aparência exterior de igrejas.

Em 1824, com a primeira Constituição Imperial, estabeleceu-se o direito de todos os residentes do país, o direito de praticar a sua religião em particular, porém sem que perturbassem a paz pública, ou tentassem fazer prosélitos entre os brasileiros. O Artigo 5º da dada Constituição dispõe: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. (Brasil, 1824, p.1).

Outro exemplo de documento ¹² do mesmo período (1824), que trata das penalidades ao descumprimento da lei conforme o que tange ao artigo 5º da Constituição Imperial, ou dos assuntos que tratam da religião as Leis do Código Criminal, aponta:

“Ofensa à moral, à religião e aos bons costumes”

276. Celebrar em sua casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja a do Estado:

PENAS: No grau máximo – serem dispersos pelo juiz de paz os que estiveram reunidos para o culto, demolição de forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um.

227. Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Império por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuem por mais de quinze pessoas, por meio de discursos proferidos em públicas reuniões ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar.

228. Propagar por meio de papéis impressos... que se distribuem por mais de quinze pessoas, ou por discursos em públicas reuniões doutrinas que

¹² Lei do Código Criminal, artigo 5º.

diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma” (BRASIL, 1824 apud RERLY, 2003, p.48).

Neste momento, o campo religioso brasileiro configurava-se: De um lado pela Igreja Católica, desfrutando do status de religião oficial e legítima, tendo inclusive a autorização para manter formas externas de templo e manifestações públicas de suas práticas religiosas. De outro lado, tínhamos o grupo protestante, com restrições quanto a sua expressão religiosa, pois apenas poderiam realizar cultos domésticos, e não podiam ter templos, e estes, eram obrigados a cumprir as restrições impostas.

Segundo Vieira (1980), durante o século XIX ocorreram diversos conflitos entre o clero católico e os ministros protestantes. Tais conflitos expressam-se a partir do surgimento do proselitismo protestantes. Neste momento, os ministros protestantes viam uma possibilidade de ação em virtude dos conflitos vivenciados pela Igreja Católica. Principalmente, porque os conflitos atingiram questões espirituais, políticas e econômicas que desgastaram a força de ação católica junto à sociedade.

Segundo Vasconcelos (2011), dois foram os fatores que auxiliaram na expansão protestante no Brasil, entre outros, a distribuição de Bíblias e a atuação de missionários. Via de regra, a distribuição de Bíblias, no Brasil, teve início em 1822, através da Sociedade Bíblica Britânica e, posteriormente, da Americana. Então, podemos concluir que o trabalho realizado pelos colportores, ou seja, missionários e voluntários que distribuíam a Bíblia, foi essencial para a propagação do protestantismo no Brasil. Assim, os missionários colportores, por meio de viagens foram às vilas, aos sertões e aos grandes centros levando Bíblias, evangelizando, orando pelos necessitados e seguindo os princípios do protestantismo: a propagação do Evangelho e a divulgação da Bíblia, que segundo seus ideais não deveria ficar restrita aos clérigos.

A proposta protestante: podemos dizer que era evangelização e educação. A expansão da Igreja Presbiteriana deu-se pela atuação de missionários que tinham como objetivo dar assistência espiritual aos protestantes americanos radicados no país e propagar o Evangelho entre os brasileiros. (TOBIAS, 1991, p. 71)

Pesquisar sobre o campo religioso brasileiro foi considerar a existência de produção e circulação de bens simbólico-religiosos desde o período colonial, especificamente, a formação de crenças, práticas e símbolos. Neste sentido, ao estudar o campo religioso brasileiro, foi importante perceber que, na produção do capital simbólico, temos a ação do movimento protestante, em especial, o protestantismo de missão, e segundo Mendonça e Velasques (1990, p.27-46), estes novos atores e crenças, os luteranos (1824), metodistas (1836), congregacionais (1855), presbiterianos (1859), batistas (1881), e episcopais (1898), produziram novas crenças, práticas e símbolos.

Como já assinalamos, para Weber (1991), campo religioso é o espaço onde os agentes religiosos lutam pela imposição legítima e pelas diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso. Para isto, segundo Eliade (1988), os agentes religiosos lutam dentro do campo para modelar a religião e para demarcar suas práticas. Neste sentido, a análise tem como marco, a chegada dos primeiros ministros protestantes, uma vez, que estes estavam incumbidos de iniciarem as atividades do protestantismo de missão no Brasil, desenvolvendo e difundindo práticas e símbolos diferenciados.

Bourdieu, em a produção da crença (2006, p.30), ressalta que o campo é o lugar de capital simbólico socialmente acumulado, de maneira tal, que o campo religioso é o universo da crença que se manifesta por meio de práticas.

É produzindo a raridade do produtor que o campo de produção simbólico produz a raridade do produto: o poder mágico do *criador* é o capital de autoridade associado a uma posição que não poderá agir se não for mobilizado por uma pessoa autorizada, ou melhor, ainda, se não for identificado com uma pessoa e seu carisma, além de ser garantido por sua assinatura. (BOURDIEU, 2006, p.154)

A contribuição de Bourdieu para análise do campo religioso brasileiro permitiu visualizar como ocorreu à formação do *habitus* que compôs o movimento protestante de missão, suas regras e o capital simbólico das práticas protestantes no campo religioso, político, cultural, social, ideológico e artístico.

Para Bourdieu, todo campo exerce uma ação pedagógica sobre seus agentes. E, no caso do protestantismo, não foi diferente. Pois, esta ação pedagógica expressou-se enquanto

processo de socialização e por meio de práticas construídas e reapropriadas no processo histórico de inserção do protestantismo no Brasil. Deste modo, o *habitus* foi o responsável por produzir práticas individuais e coletivas entre os agentes do campo religioso brasileiro.

O habitus aparece como o terreno comum em meio ao qual se desenvolvem os empreendimentos de mobilização coletiva cujo êxito depende forçosamente de certo grau de coincidência e acordo entre as disposições dos agentes mobilizadores e as disposições dos grupos. (BOURDIEU, 1996, p.91)

Outra questão presente no campo religioso e que está também presente no movimento protestante, é o carisma enquanto capital simbólico da crença coletiva. Segundo Bourdieu, este capital simbólico materializado no carisma do líder procede do próprio grupo. Deste modo, a fala do líder, simboliza as representações coletivas que se manifestam a partir das relações de dominação e de submissão.

O poder do profeta tem por fundamento a força do grupo que ele mobiliza por sua aptidão para simbolizar em uma conduta exemplar e/ou em um discurso (quase) sistemático, os interesses propriamente religiosos de leigos que ocupam uma posição determinada na estrutura social. O profeta traz ao nível do discurso ou da conduta exemplar, representações, sentimentos e aspirações que já existiam antes dele embora de modo implícito, semiconsciente ou inconsciente. Em suma, realiza através de seu discurso e de sua pessoa, como falas exemplares, o encontro de um significante e de um significado preexistentes (...) é por isso que o profeta (...) pode agir como uma força organizadora e mobilizadora. (BOURDIEU, 1999, p.92,93)

Foi também considerada para análise do campo religioso brasileiro, a perspectiva sacerdotal como apontada de Max Weber. Segundo ele, a instituição sacerdotal possui de maneira demarcatória, institucionalizada e racionalizada práticas a partir de dogmas ou doutrinas sistematizadas. Neste sentido, o protestantismo tornou-se um exemplo de instituição sacerdotal em virtude da sua racionalização da prática religiosa, através da qual, a figura do sacerdote sobressai ao espírito mágico do sagrado devido à ação pastoral que enfatiza o sistema de crenças e ritos sagrados:

Enquanto resultado da monopolização da gestão dos bens da salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um corpus deliberadamente organizado de conhecimentos.

Deste modo, a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em leigos, portanto, destituídos do capital religioso (BOURDIEU, 1999, p.39).

1.3 CONVERSÃO E REPRESSÃO: O MORALISMO PIEDOSO PROTESTANTE

Segundo Valle (2002), a conversão *“implica quase necessariamente uma crise do universo interior do convertido, provocando por isto mudanças profundas na personalidade do convertido e repercutindo em seu comportamento exterior global”*. Ainda para esse autor, a conversão se expressa como *“uma adesão total, repentina e frequentemente acompanhada de crise, aos valores compartilhados com uma dada comunidade; a experiência tenderá à reunificação da personalidade e à integração social”* (p.55,64).

Segundo Fernandes (2006), a concepção weberiana trabalha com a implicabilidade de uma ruptura radical em que é realizada uma demarcação da vida religiosa entre um *“antes e um depois. Ao converso cabia à mudança de vida, a adesão inconteste às determinações da organização religiosa que exigia do novo adepto um comportamento social distinto dos demais e a atitude crítica diante do sistema religioso precedente”*.

A conversão, enquanto fenômeno religioso tem motivado pesquisas no campo da teologia, filosofia da religião, psicologia da religião, ciência da religião, bem como das ciências sociais. E, assim, busca-se compreender a partir da experiência da conversão, as mudanças operadas na vida dos seres humanos, principalmente no que concerne ao modo de crer, pensar e agir.

Conforme Perrin (2005), o conceito de conversão recebe diferentes terminologias no Novo Testamento. a) metanoia (mudança no sentido de arrependimento); b) substantivo epístrofe (conversão) em relação aos gentios (ocorre uma única vez (At 15.30); c) forma verbal epístrefo (ocorre 36 vezes, sendo que 18 vezes tem o sentido de converter-se, voltar-se).

O sentido de conversão que é comumente utilizado no meio protestante/presbiteriano, e que procurei analisar neste capítulo, foi definido como um simplesmente “virar”, ou seja:

Conversão é aquela mudança voluntária na mente do pecador em que ele se vira do pecado, por um lado, e para Cristo, doutro lado. O elemento primário e negativo da conversão, nomeadamente, virar-se do pecado, denominamos arrependimento. O elemento da conversão, último e positivo, nomeadamente virar-se para Cristo, denominamos fé. E outra vez: Conversão é o lado humano ou aspecto daquela mudança espiritual fundamental, que, vista do lado divino, chamamos regeneração. (STRONG, 1903, p. 460).

Portanto, do ponto de vista protestante, a conversão envolve uma mudança da mente, coração e vontade, é uma completa rendição do ser a Deus, uma mudança no pensamento, na fala e comportamento, incluindo mudança dos hábitos, como explica Buchanan (2008, p. 22) “a conversão consiste em um pecador ser levado, verdadeira, inteligente e sinceramente a unir-se e sujeitar-se à vontade revelada de Deus no que diz respeito à sua salvação”.

O sentido de conversão que é empregado no universo protestante enfatiza o deixar o antigo para o novo, ou seja, o negar a religião anterior para entrar em uma nova religião, com o poder de transformar a cosmovisão, mudar a identidade e alterar a relação com a realidade e o mundo, ou melhor, “trata-se de um ato eminentemente social que altera todas as relações sociais e influencia a relação com a identidade, a comunidade, a etnia e estrutura social” (MOSSIÈRE, 2007, p. 7).

Esta concepção de conversão, enquanto mudança ou negação influencia particularmente o protestantismo de missões, manifestando aspectos radicais de uma prática de fé pautados em fundamentos pietistas e moralistas.

Constata-se que a profunda comoção em que às vezes, a conversão se realiza, expressa o fim de vários tipos de anseios, de dúvidas e angústias, a esperança de que, daquele momento em diante, a mudança de rumo represente a solução dos problemas e uma maneira correta e adequada de se interpretar a vida. É a aquisição de categorias que permitam a segurança na conduta e nos procedimentos básicos. (MACIEL, 1988, p. 50).

Portanto, a concepção protestante de conversão produziu na experiência de fé do converso, uma mudança de atitude diante da vida, significando rompimento com a cultura de origem, pois a nova cosmovisão provocou o fechamento para com os sistemas simbólicos e religiosos anteriores, o que marcou profundamente a identidade teológica presbiteriana.

Por isso, ao tentar compreender as alterações do campo religioso brasileiro, temos, obrigatoriamente, que nos situar no tema da conversão. Digo isto a partir do sentido que é estabelecido quando analisamos o conceito, conversão, e seu significado, pois temos aqui que considerar o fato de que lidamos com alterações e mudanças.

Etimologicamente, segundo Houaiss (2001), conversão, tem a ideia de transformação de crenças e práticas, o que também, poderíamos chamar de “mudança” ou “processo de mudança de sentido”. E mais, a conversão transforma a identidade do convertido e altera sua relação com a realidade. Quando digo realidade, estou considerando o ato social da conversão, pois este altera os conceitos, valores e visão de mundo, estabelecendo um deslocamento, isto é, um novo paradigma, marcado pela descontinuidade, onde o “velho é errado” e o “novo é certo”.

Por outro lado, o tema da conversão enquanto quebra de paradigma e construção de novo discurso, é um ato idiossincrático, um modo individual ou coletivo de afirmação ou negação, pois, a mudança implica numa reorganização de novos marcadores de identidade ou novas formas de subjetividade.

Há um folheto representando uma figura muito difundida nas igrejas protestantes que exemplifica bem esse processo.

Na figura 01, a seguir, “Os dois caminhos”, de Aatoria da alemã Charlotte Reihlen, diaconisa da Igreja Luterana, temos uma referência à passagem do Sermão do Monte, pregado por Jesus e citado nos evangelhos de Mateus e Lucas. E, segundo Santos (2006), fez parte da ação pedagógica dos protestantes, auxiliando na construção de um ethos religioso, no qual contam os seguintes elementos: “céu, inferno, pureza, impureza, mundo e igreja”.

Ao analisar a tela a seguir (figura 01), vê-se que o assunto é o destino eterno dos seres humanos. No topo da pintura temos o olho de Deus. Na base inferior do quadro temos do lado esquerdo o caminho largo, com uma placa seja “bem-vindo!”. Este caminho retrata um ambiente urbano com as representações das fontes de “pecado” para o protestantismo, o vinho, baile, teatro, cassino, as perversões, brigas, roubos, assassinatos, a destruição com labaredas de fogo e fumaça. Já do lado direito do quadro, a pintura é bem diferente, o clima é rural e bucólico. Temos as imagens das tábuas do Decálogo. No início da caminhada temos um pregador e pessoas com trajés modestos que aceitam o convite para uma caminhada

estreita e íngreme. Logo surge uma cruz da qual, logo abaixo faz jorrar água. A seguir temos uma igreja protestante e um caminho estreito marcado pela ausência de do prazer mundano que termina numa cidade dourada simbolizando o céu. Deste modo, constrói-se uma visão bastante negativa do mundo, influência do Puritanismo, isto é, o cristão deveria morrer para o mundo, afastando-se de tudo o que era prazer da carne.



Antigo Quadro - OS DOIS CAMINHOS

Figura 01 – Gravura distribuída pela Casa Editora Presbiteriana, de São Paulo. Trata-se de uma das marcas do moralismo vitoriano e do puritanismo inglês. Constitui-se numa forma de retransmissão da memória coletiva.

É importante observar que essa gravura não se constituiu num simples modismo, e sim, nela temos uma identificação e representação do discurso protestante. Esse quadro criou uma identidade simbólica que deveria ser reconstruída pela imaginação, isto é, a gravura foi instrumento de retransmissão da memória coletiva e da ação pedagógica para compreensão da vida religiosa e construção de uma cosmovisão protestante.

Segundo Alves (1979), o tema “os dois caminhos” está presente no folheto O Baile, de 1949. No qual se encontra o seguinte registro:

Um antigo e famoso quadro nos apresenta dois caminhos: um, à direita, estreito, é o da salvação; o outro, à esquerda, espaçoso, conduz à perdição. No da esquerda, notamos o botequim, homens bebendo, e o bordel, o teatro, o clube de dança, prédio de onde pende a bandeira do mundanismo; depois com os pés nos dois caminhos. Ou a gente os tem no estreito, para a salvação, ou os põe no largo e entra na perdição. Ou a moral cristã ou a dança. Numa palavra: Cristo ou o baile. (ALVES, (1979), p.177).

É importante também considerar, enquanto representação, a mensagem de esperança de nova moradia, pois o cristão é um peregrino em viagem para a terra prometida, como no famoso personagem do inglês John Bunyan. Neste sentido, a mensagem de esperança, foi comentada da seguinte maneira:

“mundo protestante”: [O propósito do quadro] não é representar o divino. É verdade que o divino ali está presente, mas representado de uma forma a mais ascética possível, na combinação de uma figura geométrica, o triângulo, símbolo da Trindade, o três em um. E dentro dele, um grande olho, símbolo da onisciência divina. Mas este não é o centro da tela. Não é dele que surge a sua dinâmica e movimento. Deus não é ator. Grande olho, sem face, sem braços, sem corpo, flutuando no azul do firmamento. Não age. Apenas contempla silenciosamente. Os atores são os homens. O tema da tela é o seu destino. Há dois caminhos. Ao lado esquerdo, o caminho largo. No seu portão, uma estátua de Baco e outra de Vênus. Vinho e amor simbolizam o prazer, a prioridade do instinto, a voz do corpo. Eles marcam a entrada da perdição. Na realidade, não se trata de um caminho, mas de uma rua larga. O cenário é urbano. As roupas dos caminhantes revelam serem eles pessoas abastadas. O desejo do prazer e as riquezas caminham juntos. Examinando suas atitudes, nota-se que eles não têm consciência de estarem a caminho. Não se preocupam com o destino que os espera. Movem-se de um lado para outro da rua, de um prazer para outro, preocupados apenas com o presente. Buscam aquilo que o “mundo” pode oferecer: a bebida, a dança, o jogo, o sexo. Numa versão modernizada da tela, encontramos aí também o fumo. Entretanto, a única coisa que é realmente importante, o destino do caminho, é ignorada por aqueles que por ele vão: um abismo de labaredas infernais, onde os homens mergulham para sempre. À direita, entretanto, a cena é totalmente diferente. A porta é pequena. É anunciado por um pregador. Inicia-se com o conhecimento. Além da porta está um mundo bucólico, rural, com árvores, prados e riachos. Sob um grande crucifixo jorra uma fonte de água, a água da vida. Não se veem casas de prazer em lugar algum. Ao invés de cassinos e tavernas, há tendas e igrejas, (ALVES, 1979, p.132).

Apenas um exemplo para explicitar a manifestação do código de disciplina e sua manifestação de roupagem ou uniforme moral, referindo-se a questão de frequência e diversões definidas como “mundanas”:

“Pode um estudante crente tomar parte no baile... que a sua turma faz no dia de sua formatura escolar?” Resposta: “Quanto ao baile nunca é lícito a um crente tomar parte nele. É uma festa mundana e inconveniente, que só faz mal aos sentidos.” “É lícito a crentes dançar e levar seus filhos a bailes familiares ou de formaturas?” Resposta: “A dança moderna, ou seja, os bailes em geral, profanos e mundanos, ou familiares, ou de clubes, ou de ‘gafieiras’, ou de formaturas, não cabem dentro de Filipenses 4.8-9 e I Coríntios 10.31. Devem ser evitados definitivamente pelos crentes.” (Jornal Brasil Presbiteriano. 25 de setembro de 1952. p. 4. / 10 de agosto de 1956. p.3.).

Por outro lado, o exercício de um código de disciplina, além de deflagrar um moralismo piedoso, também estabelece um padrão comportamental que seria modelo de santidade. E esse modelo de santidade, tem a seguinte implicação:

Esse “puritanismo” impõe aos crentes um tipo de vida que constitui uma espécie de uniforme moral. Com todas as vantagens que pode possuir um uniforme honrado, do qual queremos ser dignos. Que o protestantismo leva com dignidade esse uniforme, e que, por esse motivo, se separa dos compatriotas se prova pelas exigências de um de seus organismos eclesiais (LÉONARD, 2002, p.269).

Na introdução, na parte referente à estrutura e doutrina da IPB, comentei sobre a Constituição e a Confissão de fé, documentos que delimitam as normas gerais e particulares, tanto em termos administrativos, quanto em termos comportamentais. Ambos os documentos, atuam como parâmetros éticos, ou seja, servem como base para o controle ético e moral das práticas religiosas dos presbiterianos. Deste modo, são referências no sentido de orientar, proibir e sancionar as práticas de todos os seus membros.

Alves (1979), em Protestantismo e Repressão, diz o seguinte sobre o conjunto de comportamentos que demonstraria uma vida “santificada”, também denominada de protestantismo de reta doutrina, a saber:

De que forma o convertido aprende o comportamento adequado ao seu novo ser? Como se constitui a sua consciência moral? Por que processos se torna

ele capaz de distinguir entre o bem e o mal? Repete-se o que ocorreu na aprendizagem do universo protestante. O novo crente não sabe, espontaneamente, o que fazer. É a igreja que detém o monopólio do conhecimento ético. Ela sabe o que é o bem e o mal. E, portanto, somente ela pode enunciar os mandamentos. “Tu deves”, “Tu não podes”. A igreja determina o indicativo. A igreja determina o imperativo. A relação de domínio mestra – aprendiz, que caracterizou a socialização ao universo protestante, assume agora a forma paralela de relação, também de domínio, entre a instituição que ordena e o indivíduo que obedece. Assim como a consciência epistemológica do indivíduo foi negada, a fim de que, pela subordinação ao conhecimento do bem e do mal cristalizado na consciência coletiva, ele encontre a resposta à sua pergunta: “Que devo fazer para herdar a vida eterna?” O ato constitutivo da moralidade do PRD se caracteriza, portanto, pela substituição da consciência ética individual pela consciência ética coletiva. Em outras palavras: o ato constitutivo da moralidade deste Protestantismo é aquele pelo qual a igreja se impõe como consciência viva, vigilante e poderosa do crente.

Então, o que se pode entender na discussão das questões relativas à Igreja Presbiteriana Central de Cascavel, acerca do conversionismo, é que enquanto ação de conversão, percebeu-se três possibilidades a partir dos registros de recebimentos de novos membros a comunidade: a) mudança de religião (abandono da que se tinha anteriormente); b) aceitação total por não pertencer a nenhuma outra religião; c) algo que reativa a identidade religiosa (regresso a antiga identidade).

Por outro lado, a ação conversionista teve marcas repressoras a partir de práticas pietistas. Assim, percebeu-se que o convertido, aquele que mudou, aceitou ou regressou as práticas protestantes, no caso presbiteriano, passou a viver segundo a ética cristã protestante estrita, ou seja, o indivíduo simplesmente deveria aceitar a doutrina e perseverar em sua fé apesar das investidas mundanas. Deste modo, a ética cristã pietista, enfatizava uma vida metódica e correta no mundo, bem como um afastar-se de coisas tidas como mundanas, tais como teatro, baile, vícios, etc.

CAPÍTULO 2

A INSERÇÃO DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO ¹³ NO BRASIL E NO PARANÁ.

Segundo Mendonça (2004), o início das atividades proselitistas no Brasil ocorreu a partir de 1850, segundo ele, a chegada de ministros protestantes não era apenas para atender aos protestantes que aqui viviam. E, mais, estes missionários protestantes iniciaram suas atividades no Brasil em virtude do conhecimento acerca das dificuldades vividas pela Igreja Católica, como também, pela atitude de tolerância religiosa por parte da população brasileira. Estas questões citadas, juntamente com a abordagem que relacionará o protestantismo ao progresso e a modernidade, constituíram-se formadoras de um discurso que evidenciou e caracterizou a disputa do campo religioso no Brasil entre católicos e protestantes.

Mendonça (2004), ainda aponta três fatores que contribuíram para a inserção protestante no Brasil: o primeiro, o conhecimento e leitura da Bíblia por parte da população brasileira. Segundo ele, houve uma distribuição de exemplares da Bíblia por várias regiões do Brasil. Assim, segundo Léonard (2002) e conforme seus relatos estatísticos, até 1859 as Sociedades Bíblicas, inglesa e americana, distribuíram cerca de 20.000 exemplares, entre Bíblias e novos testamentos. O segundo refere-se à recepção do protestantismo por parte da população brasileira, pois o mesmo passou a ser a representação do progresso, modernidade e da liberdade de reflexão e questionamento. Neste sentido, Léonard (2002), diz que a argumentação e a controvérsia tornaram-se a força da mensagem protestante. Já o terceiro, foi o sentimento de abandono por parte dos fiéis, em virtude do pequeno número de eclesiásticos católicos para atendimento da população. E, segundo Veras (2005), havia uma situação de ausência, motivada pelo fato de que alguns fiéis ficavam anos sem ver um sacerdote ou sem participar dos rituais religiosos.

Por fim, segundo Mendonça (2002), estas questões anteriores garantiram a abertura do campo religioso brasileiro para o protestantismo. Para tanto, foram utilizados os seguintes canais de propaganda: mídia, literatura e a pregação.

¹³ Segundo Camargo (1973), o protestantismo de missão faz parte da terminologia sociológica que divide a implantação do protestantismo no Brasil em duas categorias: protestantismo de imigração e protestantismo de conversão ou missão.

Já Monteiro (2008), em pesquisa sobre a religião protestante e sua presença no Brasil, nos diz o seguinte:

A religião protestante inicia sua presença no Brasil somente a partir do século XIX. Deixando de lado as experiências pontuais dos franceses no século XVI (com a fundação da França Antártica) e holandeses no século XVII (com a invasão de Pernambuco), nas quais o protestantismo não criou raízes no solo brasileiro, foi somente após os tratados firmados com a Inglaterra, quando da permanência da família real portuguesa no Brasil, e com a Constituição de 1824 que a presença acatólica passou a ser permitida em terras brasileiras - “Artigo 5^o¹⁴ - A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo” (MONTEIRO, 2008, p.5).

Os protestantes que aportaram aqui “foram basicamente de origem migratória isso se deve em virtude da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês” (MENDONÇA; FILHO, 1990, p.12). Destacam-se aqui os alemães e os suíços. Nesse sentido a intencionalidade era a de “preservar o patrimônio cultural, incluindo. A religião, a língua e o sistema de interesses dos seus países de origem” (RAMALHO, 1976, P.54).

Num segundo momento por volta de 1850, chegaram outras denominações protestantes com a finalidade explícita de propagarem a sua fé, é “o que nomino aqui de protestantismo de missão”. Por meio dele, instalaram-se no Brasil “a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal” (MENDONÇA; FILHO, 1990, p.12).

Conforme o Portal Brasil (2011), o Protestantismo histórico (igrejas decorrentes da Reforma do século XVI) surge no Brasil de duas formas: uma decorre da imigração e a outra, do trabalho missionário. Então, temos o protestantismo de imigração na primeira metade do século XIX, com a chegada de imigrantes alemães ao Brasil, em especial à Região Sul, onde fundam, em 1824, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Já o protestantismo de missão, na segunda metade do século XIX, por missionários norte-americanos vindos principalmente do sul dos Estados Unidos e por europeus.

¹⁴ Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824).

2.1 O PRESBITERIANISMO NO BRASIL

Segundo Nascimento (2007), as origens mais remotas do presbiterianismo remontam aos primórdios da Reforma Protestante do século XVI. Portanto, a Igreja Presbiteriana é historicamente consequência da Reforma Protestante do século XVI, firmando-se ao longo do tempo a partir de marcas específicas, dentre as quais são evidentes e fortes em sua prática eclesiástica, o comprometimento com valores éticos e morais, com influência na vida política, cultural e social em vários momentos da história.

Portanto, a IPB faz parte do movimento das igrejas históricas e reformadas do século XVI. Contudo, há uma questão que chama atenção e tem provocado controvérsias sobre o protestantismo que a IPB implantou no Brasil. A seguir serão apresentadas algumas reflexões sobre a questão: O protestantismo que a IPB implantou no Brasil é original ou é uma cópia adaptada do modelo presbiteriano norte-americano?

O protestantismo que a IPB implanta no Brasil é, pela própria lógica, uma cópia do protestantismo, e em particular do presbiterianismo norte-americano, já distante de sua matriz europeia: Do ponto de vista doutrinal, o calvinismo que acreditavam difundir já era uma diluição de diluições anteriores. O presbiterianismo norte-americano já era ele mesmo uma adaptação do presbiterianismo britânico que, por sua vez, através de um século de lutas contra o catolicismo e o anglicanismo, se havia distanciado longamente de Calvino. E como quase sempre acontece com as igrejas distantes de sua fonte de inspiração – e por isso mesmo mais ortodoxas em vontade do que em espírito - o que era importante para estes missionários era a adesão aos textos denominacionais sob a forma da tardia e duvidosa Confissão de Fé de Westminster. (LEONARD, 1961, p. 132).

Segundo Souza (2005), a Igreja Presbiteriana é herdeira da Reforma.

Suas características e seu modo de ser são herdados do calvinismo adotado pelos puritanos e, na teoria, sua postura política é expressa por Calvino e pelas Confissões de fé de origem calvinista, embora a Igreja Presbiteriana do Brasil só adote oficialmente a Confissão de Fé de Westminster. (SOUZA, 2005, p.35).

A importância desta discussão recai no fato que não pode ser esquecida a influência do protestantismo norte-americano, ou seja, “nosso protestantismo” não deve ser considerado genuíno ou intacto, pois o mesmo é fruto de leituras e adaptações.

De fato, temos no Brasil um protestantismo que faz questão de afirmar sua origem na Reforma Protestante do século XVI. Todavia, esse protestantismo é “herdeiro da reforma” mais em “vontade do que em espírito”. A afirmação

da filiação à reforma é feita com tanta intensidade que, muitas vezes, são esquecidas as enormes influências do protestantismo norte-americano, principalmente do século XIX, sobre o nosso protestantismo. Esse tipo de esquecimento gera a impressão de que os missionários norte-americanos nos legaram o conteúdo da reforma do século XVI de forma quase intacta. (AMARAL, 1962, p. 89).

É também necessário observar que:

O Brasil reuniu certas condições para o aparecimento de uma igreja reformada nacional, mas só conseguiu implantar um protestantismo importado. E, realmente, importamos muita coisa. Importamos até as divisões do presbiterianismo norte-americano. Os missionários presbiterianos ou representavam a Igreja do Sul dos Estados Unidos ou representavam a Igreja do Norte. Essa divisão nada tinha a ver com o Brasil e pouco importava aos brasileiros. Mas a Igreja Presbiteriana do Brasil experimentou muitas disputas e problemas internos por causa dessa divisão. (LACERDA, in LEITE, 1997, p. 87).

Para sua melhor compreensão, segundo Matos (2011), a história da IPB pode ser dividida didaticamente nos seguintes períodos: 1. Implantação (1859-1869); 2. Consolidação (1869-1888); 3. Dissensão (1888-1903); 4. Reconstituição (1903-1917); 5. Cooperação (1917-1932); 6. Organização (1932-1959); 7. Polarização (1959-1986); 8. Período atual. Ainda segundo ele, ao longo do século XX, surgiram outras igrejas congêneres que também se consideram herdeiras da tradição calvinista. São as seguintes, por ordem cronológica de organização: Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (1903), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Conservadora (1940), com sede em São Paulo; Igreja Presbiteriana Fundamentalista (1956), com sede em Recife; Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (1975), com sede em Arapongas, Paraná, e Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (1978), com sede no Rio de Janeiro.

De maneira conceitual os reformados aparecem como presbiterianos, congregacionais e reformados europeus oriundos de igrejas de colônias de imigrantes. Os membros das igrejas procedentes da Reforma Calvinista aparecem assim especificados:

Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Igreja Presbiteriana Conservadora, Igreja Presbiteriana Fundamentalista, Igreja Presbiteriana Unida, Igrejas reformadas de imigração holandesa, húngara. (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, p. 19 a 20).

Segundo Ferreira (1992), a Igreja Presbiteriana do Brasil é a mais antiga denominação reformada do país, fundada pelo missionário Ashbel Green Simonton (1833-1867), que aqui chegou em 12 de agosto de 1859.

A Igreja Presbiteriana foi mais bem sucedida em atrair a nobreza do país (as famílias do Marquês do Paraná, Barão de Antonina - senador imperial - e dos Souza Barros, parentes da coroa portuguesa), e as lideranças política e militar (duas famílias de nome em São Luís do Maranhão, e as famílias do almirante Sebastião Caetano dos Santos, do tenente Cícero Barbosa - que se tornaria mais tarde um dos primeiros clérigos presbiterianos no Brasil, e do general Abreu e Lima, um dos maiores defensores do Protestantismo no Brasil). A burguesia urbana também estava bem representada. A Igreja contava com o engenheiro Miguel Vieira Ferreira, o poeta A. J. dos Santos Neves, o escritor Júlio César Ribeiro Vaughan, o médico Vital Brasil, e os industriais José Luís Fernandes Braga e Domingos Antônio da Silva Oliveira. Entre os primeiros clérigos a Igreja ordenou homens de negócio como os reverendos Trajano, Miguel Torres, e Vicente Themudo Lessa, alfaiates como Miranda e Silva, e até sapateiros como Batista de Lima e Silva. Ferreira e Leonard também mencionam a presença de outros advogados, médicos, professores universitários e mestres escolares (VIEIRA, 1929, p.225).

Foi na segunda metade do século XIX que órgãos missionários vinculados a denominações protestantes norte-americanas que visavam à expansão da fé reformada pelo mundo, iniciaram a organização de agências missionárias de envio de missionários. Nessa época, vários missionários e pastores partiram dos Estados Unidos em direção a diversas regiões do mundo a levar os ideais protestantes. O Brasil foi alvo dessas missões. A partir, principalmente, da segunda metade do século XIX desembarcaram no país conhecidos nomes das igrejas protestantes brasileiras como James C. Fletcher (pastor presbiteriano), o médico Robert R. Kalley (metodista), e os pastores presbiterianos Ashbel G. Simonton, Alexander L. Blackford, George W. Chamberlain, Francis J. Schneider, entre outros. Esses missionários anunciaram o protestantismo na língua nacional, bem como conquistaram convertidos para a nova religião e formaram igrejas protestantes, defenderam um discurso que caracterizou a disputa do campo religioso brasileiro no qual temos tanto o catolicismo como a maçonaria.

Tais missionários, consciente e inconscientemente, traçaram estratégias de atuação na sociedade brasileira com o intuito de alcançar seus êxitos religiosos. Dentre essas estratégias, podemos citar a implantação de escolas paroquiais, que ocorriam concomitantemente à fundação das igrejas protestantes, e a formação de colégios nas principais cidades do país, dentre os quais o Instituto Gammon (originalmente fundado em Campinas) e o Colégio Mackenzie são bons exemplos. Outra estratégia valorizada pelos missionários protestantes em solo brasileiro foi à difusão da palavra escrita. (MENDONÇA, 2008, p.144,145)

Foi na fase de implantação do presbiterianismo brasileiro (1859-1869), que o missionário Rev. Ashbel Green Simonton, enviado pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte, chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859. Contudo, não foi à primeira presença de reformadores no Brasil. Antes dele, alguns esforços de protestantes entre os séculos XVI e XVII são conhecidos, a saber, protestantes oriundos da França (Huguenotes) e da Holanda (Reformados). Posteriormente, os anglicanos, a partir de 1808, e os luteranos, a partir de 1824, e a partir de 1835 metodistas e congregacionais. Porém, segundo Ferreira (1992), a partir do século XIX, o movimento reformado, calvinista e presbiteriano fincou raízes não somente no Brasil, mas entre os próprios brasileiros, alcançando uma permanência definitiva em terras brasileiras.

O trabalho presbiteriano no Brasil é custeado pelas duas maiores igrejas presbiterianas dos Estados Unidos, a igreja do norte e a igreja do sul (divisão gerada durante a guerra civil americana). Enquanto o primeiro Presbitério (conselho regional de congregações locais), criado no Rio de Janeiro em 1865, foi organizado pelos missionários da igreja do norte, os Presbitérios de Campinas e Minas, criados em 1886, foram organizados pelo esforço missionário da igreja do sul. O Presbitério do Recife, fundado em 1888, teve o apoio das duas igrejas e da emergente liderança de clérigos nacionais. A criação do primeiro Sínodo (conselho de Presbitérios, ou instâncias jurídicas regionais) em 1888 eleva a Igreja a um status nacional. Nessa altura o Presbitério do Rio se divide em Presbitério do Rio e Presbitério de São Paulo e a Igreja cria o seu primeiro seminário teológico para a formação de clérigos brasileiros. Em 1890, trinta e um anos após a chegada de Simonton, a Igreja Presbiteriana do Brasil conta com 20 missionários, 12 clérigos nacionais, 59 congregações, e uma lista de membros com 3,199 adultos e 1,461 crianças (FERREIRA, 1992, p.369).

O que percebo, é que todo este movimento protestante vê o Brasil como um campo missionário bastante promissor. E, ambos são estabelecidos no país como “denominações,” dispostos a competir no mercado religioso emergente da segunda metade do século.

Os missionários veem no Catolicismo brasileiro uma religião supersticiosa, sincrética e medieval. Para eles a Igreja Católica não tem condições de ajudar o Brasil a se tornar um país moderno. As procissões, as festas religiosas, e outras práticas da Igreja só contribuem para o atraso do país. E as críticas das forças liberais e pró-republicanas à Igreja Católica confirmam aos olhos dos missionários a ineptidão do Catolicismo no Brasil. Os protestantes começaram o trabalho missionário no Brasil por estarem convencidos que o Catolicismo seria uma forma correta de Cristianismo e que eles teriam para oferecer aos brasileiros a verdadeira forma de religião. Essa visão negativa do Catolicismo continuou a existir no meio protestante

até mesmo depois das missões se estabelecerem no país. Como os missionários não tinham condições de entender as diferenças culturais que os confrontavam, a maioria deles acreditava que o atraso visto na cultura brasileira seria culpa do Catolicismo do país, e eles culpavam a Igreja por tudo de errado ou pecaminoso que encontravam na sociedade local. Os apologistas protestantes argumentavam que a Igreja Católica teve mais de trezentos anos para criar uma cultura cristã no Brasil, e os resultados dessa tentativa foram à ignorância religiosa dos brasileiros e o atraso do país. Eles sugeriam que o Protestantismo era a alternativa certa para a salvação dos brasileiros e o progresso do Brasil. (WEDEMAN, 1977, p.151).

Algo que contribuiu significativamente para a vinda de missionários ao Brasil foi o fato de que o país desfrutava de um contexto social aberto às inovações da época. Dentre estas inovações podemos citar: centros urbanos, nova rede ferroviária, sistema de comunicações e uma maior integração dos pontos missionários estabelecidos pelo país. É nesse contexto social que a fé trazida pelos protestantes vai encontrar solo fértil em meio à população brasileira.

Por outro lado, é importante destacar da chegada dos missionários, dentre estes, os presbiterianos, o momento de crise vivido pela Igreja Católica, alvo de pesadas críticas acerca da mediocridade moral e intelectual de certos padres, e do catolicismo popular. Como foi dito,

Porque as suas raízes cresceram no solo da piedade católica numa nação nominalmente católica, o Protestantismo brasileiro constantemente sentia a necessidade de definir a sua natureza e missão em contraste à Igreja dominante. A maioria dos protestantes tinha um débito enorme com a Igreja Católica pela formação religiosa que receberam; débito que eles se negavam a aceitar. Isso se deve à ruptura radical que era exigida quando da conversão do fiel à fé protestante, e à polêmica árdua da Igreja Católica contra as novas comunidades religiosas, e mensagem que lhe trouxe um novo senso de libertação e sentido de vida. Todos esses fatores contribuíam para que o novo convertido visse a Igreja dos seus antepassados em termos totalmente negativos" (PIERSON, 1971, p.33).

A vinda de missionários conversionistas para o Brasil foi reflexo do denominado reavivamento ou despertamento. As expressões deste despertamento foram conhecidas na história da igreja como Puritanismo (séculos 16 e 17), Pietismo (séculos 17 e 18) e Despertamento Evangélico Inglês (século 18). Tal movimento trouxe influência direta na teologia, culto e forma de governo das igrejas. Dentre os princípios defendidos pelo movimento de despertamento, temos ênfase à conversão, à vida espiritual e à santificação. Contudo, a conversão ou salvação de incrédulos, vida espiritual e devocional influenciaram muitas pessoas e grupos em diversas regiões. E, Segundo Matos (2000, p. 51-72), o avivamento vivido no protestantismo norte-americano, significava o desejo de evangelização, de conversão daqueles que ainda não conheciam a "Palavra de Deus".

A chegada da Reforma no Brasil marca um sinal dos tempos: Milhares de europeus que imigram para o Brasil e o Chile são protestantes – fato que seria inconcebível na época colonial das duas nações. Tão pouco seriam os clérigos protestantes e missionários aceitos pelas autoridades coloniais, autoridade cujo zelo em excluir hereges se comparava ao cuidado das autoridades portuárias em prevenir o livre acesso a portadores de doenças contagiosas. A chegada dos primeiros missionários episcopais, congregacionais, presbiterianos, batistas e metodistas, a distribuição profusa de Bíblias e folhetos religiosos pelos colportores evangélicos, a pregação do evangelho em praça pública, e a criação das primeiras congregações protestantes com convertidos do Catolicismo demonstram o grau de mudança nas atitudes das duas sociedades marcadas pelas incertezas e a inquietação do período, pelo enfraquecimento dos controles sociais que por três séculos efetivamente impediram as forças da Reforma Protestante de penetrarem nas monolíticas sociedades da América Latina (WILLEMS, 1967, p.57-58).

Então, os norte-americanos, foram influenciados pelos ideais dos grandes reavivamentos, gerando desde modo, um profundo interesse por missões, ou seja, um despertamento por levar a mensagem cristã a outros povos. Assim, a primeira agência missionária surgida nos Estados Unidos com essa finalidade foi a Junta Americana de Comissionados para Missões Estrangeiras, criada pelos congregacionais em 1810. Logo, em 1837, os presbiterianos também criaram a sua própria Junta de Missões Estrangeiras, com a atuação em diversas regiões, dentre estas, a América Latina. Sem perder de vista, como diz Mendonça (1984, p.44-46), a motivação do projeto, pois além de Simonton, outros tantos missionários foram enviados pelas missões para os novos campos. Motivado a partir do ideal do puritanismo de construir um Estado Puritano com um povo escolhido por Deus.

A vinda de Simonton como primeiro missionário presbiteriano ao Brasil está inserida no contexto vivido pela América do Norte, ou seja, sendo a região colonizada de forma emigratória por puritanos ingleses, os quais visavam construir naquelas terras um novo mundo, uma “Nova Inglaterra”, sob sentimento de povo escolhido, deste modo, Simonton, absorve o ideal conversionista, isto é, a experiência pessoal de conversão e ingressa nos esforços missionários, para a América Latina, especificamente, o Brasil.

Em conhecido discurso intitulado “Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil” de 1867. Simonton afirma:

Outro meio de pregar o evangelho é a disseminação da Bíblia e de livros e folhetos religiosos. Deste modo, podem-se dar notícias de Jesus a muitos que não querem assistir ao culto público. Nesta época a imprensa é a arma poderosa para o bem, ou para o mal. Devemos trabalhar para que se faça e se

propague em toda a parte uma literatura religiosa em que se possa beber a pura verdade ensinada na Bíblia (SIMONTON, 2002, 181).

A obra de Simonton foi fundamental para a implantação do presbiterianismo no Brasil. Suas ações foram marcadas por propositividade. Manteve uma postura prudente em relação ao catolicismo, sem ênfase apologética, como diz Mendonça (1995, p.83) “mas intenção proselitista, conversionista e exortativa para os fiéis de sua Igreja no sentido de consolidar neles os princípios distintivos da nova fé que haviam abraçado”.

Os missionários chegam ao Brasil imbuídos da doutrina do *Destino Manifesto*, doutrina que originalmente foi usada para justificar a ocupação do Oeste dos EUA e a anexação de territórios mexicanos, e que também passa a ser pano de fundo para ação missionária fora dos EUA, e base da ação de articulação de salvação espiritual e desenvolvimento social, o que constituiu um processo civilizatório, se bem que espiritualizado.

Enquanto alguns missionários e, principalmente, os líderes nacionais falam em verdade e não-verdade, reproduzindo assim as polêmicas da Reforma, uma grande facção de missionários se preocupa com os ideais democráticos e republicanos conduzidos pelo protestantismo, assim como seu liberalismo e progressismo. De um lado, vê-se a preocupação conversionista de católicos ao protestantismo, de outro o transplante cultural, a exportação do American way of life, tudo em obediência ao “Destino Manifesto”. (MENDONÇA, 1995, p.77)

Ao pesquisar o protestantismo no Brasil percebo uma distinta tipologia subdividindo o campo em dois grandes grupos: “protestantes de imigração” (os luteranos alemães são o grupo mais representativo) e “protestantes de missão” (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.). Assim, vamos analisar o protestantismo presbiteriano no Brasil a partir da definição de “protestantes de missão”, e, justifica-se a análise devido o fato de que os presbiterianos, conforme suas práticas instalaram-se no Brasil com clara intenção de ganhar espaço, fazer prosélitos e influenciar a sociedade.

Mendonça (1984, p. 95), diz que o protestantismo de missão que se instalara no Brasil a partir do século XIX, veio imbuído de um projeto evangelizador, expansionista e civilizador, imbuído da ideologia expansionista norte-americana, do “Destino Manifesto” do *American way of life*. O que de certa forma sugere um protestantismo enquanto processo civilizador.

Recorrendo a Elias (1994, p. 23), podemos afirmar que o protestantismo, no caso em questão, o presbiteriano, implantado no Brasil reflete o “conceito de civilização expressando a consciência que o Ocidente tem de si mesmo” e como este “se julga superior a

sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Além disso, “o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores”.

Nessa direção podemos entender que,

O protestantismo americano é um protestantismo de povoamento, isto é, ele se foi formando à medida que protestantes europeus passavam para as possessões inglesas à busca de novas condições de vida. Este protestantismo de povoamento que dá origem, ou, que tem origem na ideologia expansionista do “Destino Manifesto”, foi o que chegou a Brasil no século XIX. (MENDONÇA, 1984, p. 43).

Então, o conceito de ser “povo escolhido por Deus”, tornou-se marca presente da ação missionária entre os grupos protestantes de missionários vindos dos EUA para o Brasil, e Simonton não está isento desta marca, pois em vários momentos, ao falar sobre o povo a ser alcançado em solo brasileiro, definia tal ação como a tarefa de alcançar as “nações pagãs” com a sua ética, fé religiosa, cultura e civilização, algo que ficou expresso constantemente nas poesias dos hinos protestantes. De acordo com Mendonça (1984, p. 57), “pelo menos no século XIX, o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do “Destino Manifesto” foi à religião americana, ou melhor, dizendo, o protestantismo americano”.

O Protestantismo norte-americano passou na virada do século XIX, por transformações culturais de peso. Verificava-se nos Estados Unidos uma mudança econômica de grande porte. Daí o surgimento de um ardor missionário e pelo sentido de um toque direto de Deus ou do sagrado. É neste instante cultural que tem início a atração ocidental mais explícita pelas mensagens que vinham, com cada vez maior intensidade e pregnância, do Oriente (VALLE, 2002, p. 3).

A despeito das questões salvacionistas, conversionista e românticas da expansão da fé reformada, e especificamente do conversionismo presbiteriano no Brasil, é importante pensar historicamente a questão. Assim, é de fundamental destaque o fato de que no Séc. XIX, o Brasil desperta o interesse econômico e político do mundo europeu e norte-americano, portanto, não se trata de um fato isolado ou puramente missional, temos sim que considerar as motivações que estão presentes no envio sistemático de missionários protestantes para o Brasil. E neste sentido,

Ideologicamente os missionários presbiterianos se identificam completamente com a sua cultura de origem, pregando no Brasil a importância da liberdade religiosa, da supremacia econômica do mercado, da educação como processo de formação de uma cidadania responsável, e do

progresso através do uso da ciência. O código moral da Igreja, baseado nos ensinamentos de Calvino, reformador suíço, enfatiza a importância de uma vida ascética e de retidão teológica. O fiel busca pautar a sua vida pela doutrina correta e viver no mundo separado dos seus aspectos pecaminosos. Isso significa evitar todas as formas de "vício e depravação" (tais como o cigarro, a bebida, ou a dança) e observar todas as virtudes "modernas": o respeito e honra aos pais, a fidelidade conjugal, a honestidade no mundo dos negócios, o valor do trabalho árduo como sinal de caráter e decência, e uma forte aceitação do individualismo norte-americano (FERREIRA, 1959).

2.2 O PRESBITERIANISMO NO OESTE DO PARANÁ ¹⁵

Segundo a historiografia paranaense, o efetivo processo de ocupação do Oeste paranaense ocorreu em meados do século XX, permitindo assim, a expansão da fronteira colonizatória. Contudo, não houve um modelo padrão de ocupação, tendo havido diferenciações no modo de ocupação do espaço oesteño.

O Oeste paranaense foi o último espaço entre os Estados sulistas a ser colonizado. Sua ocupação efetiva ocorreu a partir da segunda metade do século XX, embora tentativas de colonização movidas tanto pelo Estado como pelo interesse privado remontem ao final do século XIX. (PIAIA, 2004, p.16)

Segundo Sperança (1992), a ocupação econômica do Oeste paranaense e sua correspondente colonização obedeceram quatro linhas principais.

Os estrangeiros (eslavos, poloneses principalmente; e alemães) interessados na exploração da erva-mate e da madeira foram os agentes da primeira linha, implantando as fazendas e impondo a sua moeda. A segunda linha foi a exploração das atividades dos descendentes dos tropeiros, desenvolvida pelos caboclos entre Guarapuava e Foz do Iguaçu. Também o Poder Público impôs a sua linha de ocupação, fracassando em geral apesar de ações corretas como a construção da rodovia federal. A derradeira linha de ocupação e

¹⁵ Com população de 1.295.404 habitantes (IBGE, 2009), a Mesorregião Oeste situa-se no Terceiro Planalto Paranaense, abrange uma área de 22.864 Km² que corresponde a cerca de 11,44% do território estadual, é constituída por 50 municípios: Anahy, Assis Chateaubriand, Boa Vista da Aparecida, Braganey, Cafelândia, Campo Bonito, Capitão Leônidas Marques, Cascavel, Catanduvas, Céu Azul, Corbélia, Diamante do Sul, Diamante do Oeste, Entre Rios do Oeste, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Guaraniaçu, Ibema, Iguatu, Iracema do Oeste, Itaipulândia, Jesuítas, Lindoeste, Marechal Cândido Rondon, Maripá, Matelândia, Medianeira, Mercedes, Missal, Nova Aurora, Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste, Palotina, Pato Bragado, Quatro Pontes, Ramilândia, Santa Helena, Santa Lúcia, Santa Tereza do Oeste, Santa Terezinha do Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu, São Pedro do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu, Terra Roxa, Toledo, Três Barras do Paraná, Tupãssi e Vera Cruz do Oeste.

colonização mostrou-se mais esclarecida: tratava-se da iniciativa organizada empresarialmente por grupos de colonizadores profissionais. (SPERANÇA, 1992, p.7).

Já para Deitos (2004), tratando sobre o processo de colonização do oeste do Paraná, o processo é plural, portanto:

O Estado do Paraná, desde a década de 30 até os anos 70 do século XX, foi área de atração populacional. O auge da atração aconteceu nos anos 50, quando ainda existiam espaços não ocupados no norte do Estado e iniciava-se a ocupação da região oeste, processo que não durou mais do que 20 anos. Na década de 1970, o oeste do Paraná, bem como as demais regiões do Estado, tornaram-se áreas de expulsão populacional. O processo de colonização do oeste do Paraná é plural. Isso pode ser constatado tanto pelas várias frentes de colonização que se registram, bem como pelos mecanismos utilizados para tal, ora através de empresas colonizadoras, ora pela apropriação litigiosa de territórios. No espaço geográfico do oeste do Paraná percebe-se o entrecruzamento de três frentes de colonização, num período relativamente curto. A partir das décadas de 1940/50 intensifica-se a vinda de famílias colonizadoras para a região oestina. (DEITOS, 2004, P.47).

As primeiras décadas do século XX revelam um aumento relativo da população na região Oeste do Paraná, isto devido à exploração da erva-mate e da madeira por parte das obras. Assim, o fluxo migratório para a região Oeste do Paraná, está ligado em parte ao sistema e exploração da madeira pelas obras.

A sua presença no Oeste paranaense por mais de cinquenta anos deixou marcas fortíssimas – e não poderia ser diferente. As áreas de terras adquiridas pelas companhias colonizadoras a partir da década de 1940 e os territórios dos futuros municípios que seriam criados teriam como uma primeira base geográfica as antigas obras. (COLODEL, 1988, p.3).

O povoamento do Oeste paranaense recebe seu impulso definitivo na década de 1930. Cecília Maria Wesphalen, discutindo esse processo, destaca nele a ação do governo paranaense.

A partir de 1939, o Governo do Estado resolveu colonizar também as suas terras devolutas [adquiridas por devolução, despovoadas] e de antigas concessões, no Oeste paranaense, fundando, na margem esquerda do Piquiri,

as colônias Piquiri, Cantu, Goio-Bang e Goio-Erê, e, à margem direita do Ivaí, as colônias Manuel Ribas, Muquidão e Mourão. Seguiu planos de colonização, demarcando os lotes rurais e prevendo áreas para a instalação de núcleos urbanos. Os lotes agrícolas, nessas colônias, foram, em geral, de áreas superiores àqueles do Norte do Paraná, medindo, em média, mais de 20 alqueires. (WESTPHALEN et ali, 1968, p. 20)

Já a década de 1940 foi marcada como uma etapa de povoamento intensivo, cuja presença das companhias colonizadoras particulares, desempenhará um papel de capital importância. Assim nos diz

Durante a década de 40, a população dobrou de 145.000 habitantes para 295.000, o que se deveu principalmente à entrada de uns 116.000 imigrantes. Durante o decênio 1950-60, porém, a imigração para o oeste do Estado deu um salto para 580.000 pessoas e a população total para 988.000, representando um aumento de aproximadamente sete vezes em cerca de vinte anos. (NICHOLLS, 1971, p. 39).

Emmer (1991), analisando o processo migratório, destaca a ação praticada na região Oeste do Paraná. E, segundo ela, a região Oeste do Paraná, constitui-se assim, em pequenos núcleos de população, situando-se mais ou menos equidistantes uns dos outros.

A partir de 1929, após a conclusão da rodovia (Estratégica) e do aumento da circulação de brasileiros pelo interior da região, mais caboclos, nesse sistema de espaçamento, ocupavam as margens da rodovia. O trânsito de pessoas, animais de montaria e cargueiros exigia apoio ao longo do caminho. Desta forma, famílias de caboclos construía em suas posses alguma infraestrutura para manter os animais confinados à noite e abrigo para repouso dos viajantes. De suas roças colhiam o trato para os animais. Essa prestação de serviços aos viajantes representava um ganho para essas famílias. (EMMER, 1991, p. 101,102).

Diante do que foi exposto pode-se concluir que a abertura de acesso por caminhos e estradas, ampliou o fluxo dos colonos e o advento das primeiras cidades no Oeste paranaense. Portanto, o processo de povoamento e colonização conta com deslocamento da fronteira, uma vez que o fluxo migratório provocou o trânsito e a ocupação de novos espaços, formando os primeiros núcleos urbanos. Espaços estes que foram ocupados por migrantes de várias regiões. Então, com a ocupação demográfica, surgiu a figura do colono. E este por sua

vez, estabelecido no Oeste do Paraná, transplantam seus costumes e sua cultura, que se expressava tanto nas relações sociais, bem como nas questões concernentes a religiosidade.

É nesse contexto, do povoamento e do trânsito migratório, que se insere o protestantismo na região Oeste do Paraná. No primeiro momento havia a preocupação de manter a fé e a cultura dos imigrantes que aqui chegavam, ou seja, era um protestantismo sem finalidade evangelizadora. No entanto, em um segundo momento, o caráter missionário assume também a tarefa de educar, formar estas famílias que migraram para as terras no Oeste paranaense segundo a ética e os valores do protestantismo.

Segundo Ferreira (1992), pesquisador e historiador da IPB, a evangelização do Paraná deu-se por meio do trabalho dos colportores ¹⁶, “foi em 1878 que o Senhor Moura, presbítero de Faxina, entrou no Paraná como colportor... João Antunes de Moura, o presbítero de Faxina está associado igualmente à fundação de outras igrejas no Paraná” (FERREIRA, 1992, p.260,261).

A primeira tentativa de trazer o Evangelho ao Paraná, pela Igreja Presbiteriana, é atribuída ao Reverendo José Manoel da Conceição, expadre, vindo da cidade de Castro, onde sua irmã era professora. Pelos idos de 1878, o Sr. João Antunes de Moura, presbítero de Faxina, atual Itapeva, veio ao Paraná, como colportor (distribuidor de Bíblias e literatura religiosa). O Rev. Alexander L. Blackford, agente da Sociedade Bíblica Americana, também visitou o Paraná, acompanhado de um colportor, e fez uma conferência em Curitiba, onde conseguiu espalhar diversas Bíblias e Novos Testamentos, tendo encontrado alguma simpatia. No ano de 1884, no dia 12 de junho, em companhia do Sr. João Antunes de Moura, de Faxina, o Rev. Roberto Lenington, membro do antigo Presbitério do Rio de Janeiro, chegou a Tibagi, encontrando ali o Sr. Antônio Pinheiro, que era colportor da Sociedade Bíblica de Londres. Em companhia do Sr. Lagos, o Rev. Lenington visitou a localidade de Fundão (atual distrito do Município de Piraí do Sul), a dez léguas de Castro, onde a Bíblia era conhecida através do trabalho de um colportor. Nesta localidade foi organizada a primeira Igreja Presbiteriana, em 26/10/1884. (Transcrição do registro conforme histórico da Igreja Presbiteriana Central de Curitiba).

Conforme Ferreira (1992), no livro “A História da IPB”, a primeira tentativa para levar o Evangelho ao Paraná foi feita pelo Rev. José Manoel da Conceição, que chegou até

¹⁶ Este termo foi empregado no protestantismo a aqueles missionários leigos ou não, que oferecem literatura religiosa, via de regra de porta em porta, ao tempo em que realiza pregação. No Brasil a difícil tarefa de distribuir literatura religiosa, incluindo Bíblias, Novos Testamentos, livros, folhetos e até periódicos, pelas capitais e sertões do país.

Castro onde sua irmã era professora pública. Pouco se sabe, porém, do seu trabalho além do fato de ter pregado na cidade de Ponta Grossa.

Ainda segundo o Rev. Júlio Ferreira (1992), o trabalho regular da evangelização do Paraná, porém, foi principiado no ano de 1884 pelo Rev. Roberto Lenington.

O seu campo de trabalho foi o interior do Estado. Ele pregou o Evangelho em Castro, Fundão, Ivaí, Imbituva, Tibagi e Guarapuava, e Deus abençoou de tal modo o seu trabalho que logo no primeiro ano de seu ministério no Paraná pôde organizar as igrejas do Fundão e Tibagi, cujos membros foram mais tarde agregados às igrejas de Castro e Curitiba. A Igreja do Fundão foi organizada a 26 de outubro de 1884. A Igreja de Tibagi foi organizada na vila do mesmo nome, no dia 7 de dezembro de 1884. (FERREIRA, 1992, p.263).

Na sequência dos acontecimentos, em cinco de novembro de 1885, nos diz o Ferreira (1992) - muda-se de Botucatu para Curitiba, o Rev. Landes com a sua família. Fixando residência e principiando os seus trabalhos evangelísticos na cidade de Curitiba. E, logo mais em 1925, no Paraná havia dez igrejas, com mais de 1.500 membros. Dois presbitérios em formação e mais de oito pastores ordenados.

O contexto que cerca este momento é o do período do Plano Brasileiro, plano idealizado pela liderança da IPB nacional, que visava à organização de novas igrejas nas áreas mais interiores do Brasil. O plano visava também promover o desenvolvimento das igrejas existentes e organizar outras tantas. O que se dizia na época era que cada missionário deveria a todo custo penetrar em novas regiões, atingir os pontos visados e permanecer a todo custo no local.

Crítica feita, e pouco falada sobre a eficácia do Plano Brasileiro, é no sentido de que muito se escreveu e se falou sobre o plano, entretanto pouco se apresentou de relatório exato do número de igrejas e presbitérios fundados.

Efetivamente o Plano Brasil dividiu-se em duas frentes missionárias¹⁷: a CBM e a SBM. Como parte da pesquisa, tem destaque a Missão Sul do Brasil (SBM). Pois a mesma

¹⁷ A ação protestante fez uso de duas frentes missionárias: a CBM, Missão do Brasil Central, com atuação no centro-norte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe. E, a SBM, Missão do Sul do Brasil, com atuação no Sul e no Oeste dos Estados do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás.

terá atuação efetiva no Paraná. E sua atuação envolveu a implantação de igrejas presbiterianas, formando novos presbitérios e sínodos.

Estendendo-se no período delimitado, a ação conversionista da IPB no Brasil resultou na formação de 54 presbitérios, espalhados por vários Estados, a saber: PRESBITÉRIOS - Rio de Janeiro; Pernambuco; Sul Minas; Itapemirim; Leste Minas; Sul Pernambuco; Botucatu; Itapetininga; Sul Fluminense; Rio Doce; Oeste Minas; Sorocaba; Bauru; Campinas; Ribeirão Preto; Araraquara; Rio Claro; Campos; Niterói; Itabuna; Campo Formoso; Guanabara; Castro; Curitiba; Florianópolis; Sul Capixaba; Resplendor; Nova Friburgo; Vale São Mateus; Triângulo Mineiro; Nova Iguaçu; Cuiabá; Londrina; Bom Jesus; Itabapoana; Centro Pernambuco; Sergipe; Paulistano; Ceará; Garanhuns; Brasília; Sudoeste Goiás; Borborema; Potiguar; Paraíba; Norte Minas; Belo Horizonte; Vale do Ribeira; Rio Norte; Carioca; Juiz de Fora; São João Boa Vista; Goiânia; Governador Valadares; Duque de Caxias.

A argumentação a favor deste crescimento está na migração de populações e famílias nas novas áreas, a saber:

A migração é, sem dúvida, uma das fontes mais ativas da extraordinária expansão da Igreja. A mudança de agricultores protestantes para as antigas cidades do interior resultou na repercussão do movimento evangélico das congregações do campo nos antigos centros de população. Famílias pioneiras descobriram outros habitantes evangélicos nas clareiras esparsas da floresta. Com o decorrer do tempo, grupos de famílias uniram-se para realizarem cultos, encontrarem-se e se constituíram em núcleos de congregações. Há igrejas assim, no meio do mato, em partes do Brasil... Em alguns casos, tal processo tem sido auxiliado pela visita de um pastor missionário, mais frequentemente, porém, tem ocorrido de modo espontâneo, através da iniciativa da própria população. Esse procedimento é inteiramente contrário à experiência comum da igreja missionária... (FERREIRA, 1992, p.34).

Para a pesquisa, dediquei atenção ao Presbitério do Sul, pois até o ano de 1956, foi este presbitério que deliberou sobre as questões concernentes as igrejas do Oeste do Paraná. E, também deliberou sobre o envio de pastores presbiterianos para o Campo Missionário do qual fazia parte a cidade de Cascavel.

O Presbitério do Sul foi formado em 1900, a partir da subdivisão dos presbitérios de São Paulo e Minas. Compreendia os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do

Sul. Seus membros eram: Revs. Landres, Bickerstaph, Higgins e Lenington. E, a cidade de Curitiba era o lugar preferencialmente usado como encontro dos obreiros do sul.

2.3 SER PROTESTANTE, E NO CASO, PRESBITERIANO EM CASCAVEL/PR.

Analisar o presbiterianismo no Oeste paranaense é considerar suas peculiaridades na formação da comunidade religiosa inserida no contexto regional.

Há na sociedade brasileira certo pensamento segundo o qual os protestantes são identificados pelo que não são ou não fazem: eles não fumam, não bebem, não dançam, não tem vida sexual extra matrimônio e não se vestem de acordo com a moda. Este entendimento faz sentido, pois as Igrejas protestantes brasileiras, surgidas do movimento missionário do século XIX, identificam a conversão ao evangelho como a rejeição de uma cultura e a adoção de outros padrões culturais, aos quais elas associam formas de comportamento presididas por uma disciplina rígida, exercida energicamente pela congregação local. (MENDONÇA E VELÁSQUES, 1990, p.205).

Conforme a tipologia de Eni Orlandi (1996), o código de disciplina presbiteriano, pode ser caracterizado como um “discurso autoritário”. Ela explica que este tipo de discurso tem “reversibilidade zero”, isto quer dizer, que as “verdades preconizadas e anunciadas pelo líder da comunidade local, ou de uma determinada denominação, não podem ser contestadas pelos fiéis”. Ainda segundo Orlandi (1996), o princípio que constrói toda a argumentação religiosa, apresenta outros recursos, a saber:

Gostaríamos de chamar a atenção para outros traços do discurso religioso: o uso do **imperativo** e do **vocativo**, enquanto formas próprias de discursos em que existia doutrinação; o uso de **metáforas** que são, depois, explicitadas por paráfrases (sobretudo nos sermões), pois, como o dizem religioso é obscuro, e sempre são possíveis muitas leituras, as paráfrases indicam a leitura própria para a metáfora; procedimento análogo a esse é o das *citações em latim* que depois são traduzidas por **perífrases** extensas e explicativas, aproveitando-se o máximo de efeitos de sentido (religiosos) sugeridos pela diferença de língua; o uso de **performativos**; o uso de **sintagmas cristalizados** (as orações), etc. (ORLANDI, 1996, p.259, grifo da autora).

Segundo Mendonça (1990), analisar o campo religioso no Oeste paranaense requereu considerar que a Igreja Presbiteriana do Paraná faz parte de um Protestantismo de

Missão, o que tem a seguinte implicação, a finalidade primária do protestantismo aqui era de conversionismo, conquista de novos fiéis. E, ainda segundo Mendonça (1990, p.65), “O protestantismo constituía um “modo de vida”, e aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudanças de padrões de cultura”. E, conseqüentemente:

A implantação do presbiterianismo no Brasil, de forma missionária e conversionista, sempre revelou sérias dificuldades com praticamente toda forma de expressão cultural brasileira. A cultura brasileira era e é vista como exageradamente ligada ao catolicismo e outras expressões religiosas populares com as quais o evangelho não poderia misturar-se, sob-risco de perder sua autenticidade e mensagem. (MENDONÇA, 1990, p.124)

Faço questão de pontuar o seguinte: diferentemente do protestantismo de imigração, cuja representação se dá a partir dos anglicanos e luteranos, que uma vez estabelecidos no Brasil organizaram sua própria vida religiosa e tiveram sua própria religiosidade; o Protestantismo de Missão, representado pelos congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e adventistas, cujo modelo é o que encontraremos no Oeste paranaense, objetivou conquistar prosélitos por meio do conversionismo.

Pela leitura dos registros ¹⁸ no livro do trabalho missionário no Campo, entenda-se o Oeste do Paraná, e especificamente Cascavel, o Pr. Rickli registra em seus relatórios, sua expectativa quanto à conversão em Cascavel. Bem como, as questões que de alguma forma estavam prejudicando a realização de seu trabalho na região. Questões que foram tratadas a partir das orientações presentes no Código de Disciplina ¹⁹.

A prática pastoral do Pr. Rickli seguia a ordem estabelecida pelo protestantismo de missão, a saber:

Os quatro elementos básicos da ação missionária no Brasil: a evangelização, o culto, a organização e a educação. A evangelização é o “núcleo central” de toda missão, e, no caso presbiteriano, teria sido eminentemente cristológica, enfatizando o amor de um Deus que busca uma “decisão individual”, sem olvidar da doutrina básica, que é a predestinação, e do instrumento principal que é a Bíblia, como única “regra de fé e prática”. O culto também é um caso especial, pois, como já vimos, o calvinismo estabeleceu regras inclusive para as reuniões dos fiéis, apresentando um padrão de liturgia que deveria

¹⁸ A transcrição foi feita como está no relatório. Incluindo os erros de concordância. **Os grifos são de minha autoria.** O objetivo é de dar destaque às questões que serão problematizadas posteriormente.

¹⁹ Este Código de Disciplina elaborado em 1951 pelo Supremo Concílio da IPB aplica-se para o exercício da jurisdição espiritual da Igreja sobre seus membros e visa corrigir escândalos, erros ou faltas. Com definições sobre as faltas, penalidades, processo eclesiástico e restauração.

ser seguido por todos. Incluiu momentos de confissão de pecados (o homem e Deus, a sós), canto de hinos e, considerada mais importante, a pregação, ou sermão, no qual o caráter pedagógico e racional assume uma proeminência especial. No que concerne à organização da Igreja, pouco mudou. A forma de governo baseada nos presbíteros (democrático-representativa conciliar) continua a ser utilizada na grande maioria das Igrejas Presbiterianas, apesar de algumas vertentes demonstrarem uma orientação para o presidencialismo, baseando-se na simpatia para com o poder personificado. O último e não menos importante ponto é a educação. Sabe-se que os presbiterianos foram pioneiros na educação protestante em São Paulo, e em todo o Brasil. Por onde passavam, os missionários faziam questão de estimular a alfabetização de seus fiéis, pois a leitura individual da Bíblia é um ponto fundamental da prática presbiteriana. (MENDONÇA, 2001, p. 46)

O protestantismo apresentou-se no Brasil, como uma contracultura. Essa negação da vida aparece como uma rejeição da cultura que é, no entendimento desse protestantismo, católica romana, com amplos aspectos demoníacos, e deve ser recusada pelos fiéis. Como diz Mendonça (1995, p. 96), “o protestantismo constituía um modo de vida, e aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudança de padrões de cultura”. Assim, todos os prazeres mundanos devem ser mantidos afastados do crente e da comunidade. O resultado de tudo isso, é um severo controle do comportamento individual. Controle este que assim é comentado:

De que forma o convertido aprende o comportamento adequado ao seu novo ser? Como se constitui a sua consciência moral? Por que processo se torna ele capaz de distinguir entre o bem e o mal? Repete-se o que ocorreu na aprendizagem do universo protestante. O novo crente não sabe, espontaneamente, o que fazer. É a igreja que detém o monopólio do conhecimento ético. Ela sabe o que é o bem e o mal. E, portanto, somente ela pode enunciar os mandamentos. “Tu deves”, “Tu não podes”. A igreja determina o indicativo. A igreja determina o imperativo. A relação de domínio mestra – aprendiz, que caracterizou a socialização ao universo protestante, assume agora a forma paralela de relação, também de domínio, entre a instituição que ordena e o indivíduo que obedece. Assim como a consciência epistemológica do indivíduo foi negada, a fim de que, pela subordinação ao conhecimento do bem e do mal cristalizado na consciência coletiva, ele encontre a resposta à sua pergunta: “Que devo fazer para herdar a vida eterna?” O ato constitutivo da moralidade do PRD se caracteriza, portanto, pela substituição da consciência ética individual pela consciência ética coletiva. Em outras palavras: o ato constitutivo da moralidade deste Protestantismo é aquele pelo qual a igreja se impõe como consciência viva, vigilante e poderosa do crente. (ALVES, 1979, p.169,170).

Fundamentando em Alves (1982), podemos comparar o protestantismo vivenciado em Cascavel, como Protestantismo de Reta Doutrina, ou seja, o indivíduo, uma

vez membro da comunidade presbiteriana deveria se submeter às normas, regras e princípios estabelecidos a partir do conjunto de doutrinas pertencentes ao protestantismo. E, isto implicava no abandono de todas as antigas práticas. Como diz Alves (1982, p.35), “concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressão da verdade, e que devem ser afirmadas sem nenhuma sombra de dúvida”. Desta forma:

Pretendemos tornar conhecido o evangelho e trazer o povo do Brasil a submeter-se a Jesus como seu único Salvador e Rei. Em outras palavras, temos em vista evangelizar no Brasil a paz que é o fruto da paixão, morte e intercessão de Jesus Cristo, a fim do que todos os seus habitantes venham a crer nele para a salvação. (MATOS, 2003, p.179).

Ainda segundo Alves (1979), é importante observar que as igrejas reformadas inseridas no Brasil, dentre estas a igreja presbiteriana, elaboraram para apresentar aos seus fiéis, um conjunto de normas, o que se denomina de Código de Disciplina, através do qual, definiu-se o comportamento dos membros a partir do que é lícito. Assim, a igreja elabora e apresenta a seus fiéis um conjunto de regras que se tornam padrão de conduta moral. Como consta a seguir:

Parece-me que é a partir da moralidade sexual que devemos entender uma outra prática disciplinar protestante; a de considerar a dança como um pecado e a de julgar e impor penas àqueles que dançarem. Os livros de atas dos Conselhos das igrejas revelam um elevado número de ações disciplinares contra pessoas que foram a bailes. A Justificação para tal atitude, segundo um pastor, se deve ao fato de “ser impossível a um homem normal, tendo nos seus braços uma mulher, sentindo o seu corpo, evitar o aparecimento de paixões ímpuras e desejo sexual”. “O problema do baile”, afirmava outro, “continua a desafiar a honestidade dos conselhos. Ao que saibamos, só existe um folheto de Miguel Rizzo “A Dança e a Psicanálise” para combater o perigo sexual do baile”. O rigor disciplinar protestante frente ao baile parece indicar que, segundo a sua interpretação, o baile é uma versão estilizada e simbólica do ato sexual e que, portanto, ir ao baile é expor-se voluntariamente à tentação que inevitavelmente macula a pureza que deve marcar a personalidade crente. (ALVES, 1979, p.176)

Esse controle, que muitas vezes se valeu de normas e acordos ora definidos, ora silenciosos, afetou o cotidiano dos membros, isto é, motivou choques de posturas e práticas, principalmente no que concerne ao aspecto comportamental que vai relacionar fé e cultura. Assim, o universo reformado brasileiro parece ter estabelecido, dentro dos conceitos que a

igreja elaborou para apresentar a seus fiéis como norma do que “é lícito”, uma aversão a este aspecto da cultura.

Pois o crente deve mesmo ser diferente, mesmo à custa do deterioramento de suas relações e de inviabilizar-se qualquer inserção na sociedade e na cultura em que se está presente. O que importa, em última análise, não é a situação concretamente criada pelo ato, que envolve não apenas o ato como também um sem – número de pessoas, mas a relação da identidade lógica entre o princípio eterno e a ação... O crente não age para atingir certos resultados. O que importa é o alvo de perfeição sobre a sua vida... Ao fazerem assim, afirmam os crentes, a minha ação se torna em testemunho: revelo que sou totalmente determinado por Deus e a sua palavra. Em meio às teias de ações pragmáticas, movidas por interesse, que caracterizam o mundo, o crente revela outro espírito, qual seja, o de absoluta e consistente submissão a uma norma. Importa mais obedecer a Deus que aos homens. Neste sentido, podemos dizer que a ética protestante é fundamentalmente anti-humanista, pois ela coloca o homem entre parêntesis na sua reflexão sobre o problema da ação, e se dedica exclusivamente à preservação da estrutura de normas atemporais que devem reger o comportamento. (ALVES, 1979, p. 207, 208)

A consequência da presença e ação protestante, no caso presbiteriano, e em particular em Cascavel, entenda-se aqui, a IPCC, gerou uma igreja na melhor das expressões, como uma contracultura, pois o membro, o fiel, comumente chamado de “crente” deixa de participar de muitas práticas e atividades da comunidade, ou seja, uma verdadeira negação da vida e rejeição da cultura. Como diz Mendonça e Velasques (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 205), reportando-se a negação do mundo “Sim a Deus e Não à vida”. Desta maneira, Ribeiro também diz:

Vai funcionar no seio da sociedade brasileira um subgrupo religioso de cujo comportamento e propagação, esperam-se, poderá resultar eventualmente a reforma de toda sociedade. Propõe-se uma conversão religiosa de indivíduos que, em consequência, passarão a serem forasteiros e peregrinos na própria pátria e entre os de sua parentela, integrantes de novo grupo ilhado e, até onde possível, autossuficiente. (...) Simonton é republicano entusiasta, mas não está no Brasil para subverter a monarquia; é antiescravagista visceral, e não faz segredo disso, mas não vai dedicar-se à campanha abolicionista no País. Ele visa à inserção no sistema religioso brasileiro de uma nova denominação integrada por pessoas que tenham experiência pessoal de que Deus perdoou seus pecados porque creram em Cristo. (RIBEIRO, 1981, p. 26,27)

A partir do cotidiano e da expressão: “este é o povo que vai morar no céu” é que se discute o sentido da contracultura, pois, ser protestante, e no caso, presbiteriano, exigia dos adeptos um comportamento diferenciado da norma aceita socialmente. Aqueles que não eram protestantes, socialmente eram chamados de “elementos estranhos ao evangelho”.

A Igreja Presbiteriana do Brasil será igreja de professantes e não de multidão: comungarão os que afirmarem experiência de conversão, e professarem publicamente sua fé. Vai funcionar no seio da sociedade brasileira como um subgrupo religioso de cujo comportamento e propagação, espera-se, poderá resultar eventualmente a reforma de toda a sociedade: Propõe-se uma conversão radical de indivíduos que, em consequência, passarão a ser forasteiros e peregrinos na própria pátria e entre os de sua parentela, integrantes de novo grupo ilhado e, até onde possível, autossuficientes. (RIBEIRO, 1981, p.26).

A expressão, “este é o povo que vai morar no céu”, muito presente nas músicas e mensagens proferidas nos púlpitos protestantes, revela a esperança de nova moradia. Portanto, o fiel era doutrinado a viver como peregrino em viagem a terra prometida.

A esperança de nova moradia, presente na frase “este é o povo que vai morar no céu”, letra de música cantada na liturgia presbiteriana, levava ao final, muitas vezes, a se desligar um pouco desta terra; afinal, o cristão é um peregrino em viagem para a terra prometida, como é expresso em tantos cânticos da época.

Por outro lado, os hinos ou literatura protestante eram os únicos a criar no fiel à consciência de que “aqui não é meu lar, um viajante sou”. Quando lemos os relatórios pastorais, transcritos nos livros de atas da IPCC observa-se que se esperava dos fiéis que justificassem tudo nas suas vidas pela sua utilidade espiritual ou evangelística. No máximo, a educação, atividades, vacações ou buscas “seculares” eram um mal necessário para se ganhar a vida, como se cantava “para ganhar a vida, você tem que perdê-la”. Como foi dito por Horton (1988), “na pior das hipóteses, os protestantes agiam como a canção da sereia seduzindo mundaninhos insuspeitos aos recifes da incredulidade e do afastamento de Deus”. E neste sentido, Mendonça diz:

A implantação do presbiterianismo no Brasil, de forma missionária e conversionista, sempre revelaram sérias dificuldades com praticamente toda forma de expressão cultural brasileira. A cultura brasileira era e é vista como

exageradamente ligada ao catolicismo e outras expressões religiosas populares com as quais o evangelho não poderia misturar-se, sob risco de perder sua autenticidade e mensagem... O protestantismo constituía um “modo de vida”, e aceita-lo nos seus princípios de crença implicava em mudanças de padrões de cultura (MENDONÇA, 1995, p. 81,83, 96).

Mendonça e Velásques, (1990, p.16) referindo-se ao protestantismo dizem, “o protestantismo brasileiro foi um termo dado a religiões cristãs não católicas”. E, acrescenta Alves (1979, p.246) dizendo que “a negação do outro constitui o senso de identidade e missão do protestantismo”. Já Ribeiro (1981, p.182), diz que o “protestantismo condenou a hierarquia católica, o marianismo, a justificação pelas obras, a mediação do padre, o culto aos santos, o celibato clerical, a virgindade de Maria”.

É evidente, diante do exposto, que nossa atitude para com a Igreja Romana não pode deixar de ser dupla: a) de simpatia e íntima solidariedade para com o elemento cristão, e b) de repulsa para com o elemento, que julgamos anticristão (RIBEIRO, 1981, p.181).

Por outro lado, a Igreja Católica tornou-se o grande inimigo a ser combatido, o qual, derrotado, redundará em benefício para todos, incluindo os próprios católicos, que livres, poderão encontrar a “verdadeira religião”. Essa visão acompanhou os presbiterianos, como de modo geral o protestantismo missionário, desde seu início no Brasil. Portanto, as coisas que conspurcam a moral e enfraquecem o homem e a sociedade tinham como fundamento a religião falsa e idólatra, religião da maioria, o romanismo. Assim, o protestantismo podia melhorar, e muito, esse estado de coisas.

A melhor sociedade possível será aquela em que todos forem protestantes. Uma sociedade protestante será livre, democrática e rica. Será livre e democrática porque o “livre exame” e a própria organização política das Igrejas Protestantes o exigem. Será rica porque o senso de responsabilidade individual, exigido pela doutrina da mordomia, e a bênção de Deus sobre aqueles que se submetem à sua vontade, produzirão o máximo de bem-estar econômico. A Igreja Católica, entretanto, é a antítese da liberdade. A sua doutrina é uma corrupção da verdade evangélica. Portanto, os países sob o seu domínio nem poderão produzir formas democráticas de governo e nem serão abençoadas por Deus com a riqueza. (ALVES, 1979, p.232)

Em Cascavel não foi diferente. Aqui, a ação protestante, por meio da presença presbiteriana enfatizava que a verdadeira religião de Cristo, que é sempre a expressão

protestante do cristianismo, é a única que tem condições de influenciar a mudar para melhor os homens e as sociedades. E seguindo este raciocínio, Faria diz:

O presbiterianismo que Simonton traz ao Brasil apresenta um modelo eclesiológico que é fruto do desalento sofrido pela igreja americana após a Guerra de Secessão (1861-1865), após ter se identificado com o ideário liberal. Passa-se a buscar uma igreja mais “espiritual”, com ênfase pré-milenarista, já que o Reino de Deus parece não se cumprir na História, com ênfase no indivíduo e no individualismo, que cria que ao converter-se o indivíduo, a sociedade se converteria, gerando um forte dualismo que foi capaz de afastar o crente do “mundo” em todos os sentidos, gerando uma ética social e comportamental muitas vezes alienada. (FARIA, 1999, p.161, 162)

Passemos agora aos registros²⁰ do Pr. Martinho Rickli. Pela leitura, percebe-se a concepção de um referencial de moralidade e de um comportamento associado ao afastar-se de tudo o que segundo a fé protestante, poderia produzir algum tipo de prejuízo à vida de piedade e santidade do convertido. Assim, os relatórios são muitos ricos em detalhes e informações. Realmente diversas questões estão presentes em cada fala narrada. Contudo, o que mais chama a atenção é a **intencionalidade clara de conversionismo** por parte do Pr. Rickli.

No registro de relatório referente ao ano 1956, o Pr. Rickli registra o seguinte: “Em Cascavel o trabalho ainda vai fraco. Temos descoberto vários interessados, mas ainda não temos um grupo firme. Visitei regularmente esta congregação uma vez por mês, realizando cultos em casas particulares... Agradecemos a Deus por ter ele usado tantos ‘elementos estranhos ao evangelho’ para a concretização dessa grande aspiração para o trabalho nesta região...”.

No registro do relatório do ano 1957, temos o seguinte: “... por um lado atribuímos poucas conversões ao fato do homem continuar ainda muito apegado ao mundo, às influencias materiais por meio disto, mas vícios e prazeres mundanos. Por outro lado, estamos atravessando a época em que as imagens estão começando a vir no meio da rua. Agora, quando conseguimos um lugar próprio para o trabalho, um templo em Cascavel, aparecem repentinamente 04 seitas orientados por líderes habilidosos para confundir o povo: Os Adventistas; Anciãos ou líderes da Assembleia de Deus; Congregação Cristã do Brasil e um movimento Adventista da Promessa...”

²⁰ Os relatórios foram transcritos mantendo a originalidade, sem correções ortográficas ou gramaticais.

No relatório do trabalho missionário de 1958, temos o seguinte: “... não é muito fácil o campo que evangelizamos, pois a colonização da região é feita por colonos vindos do Sul que não tem interesse espiritual na sua maioria. Grande parte do povo é aventureiros, políticos que somente tem interesse em negociatas, grilagem de terra, e exploração dos seus semelhantes, satisfeitos, portanto com sua religião de tolerância nos vícios e em toda corrupção humana. Por outro lado, temos alguns poucos crentes que num meio tão hostil lutam com grande dificuldade para se estabelecerem. Devido à incerteza da legalização da maior parte das terras da região, poucos crentes têm afluído à região. No começo de abril transferi minha residência para Cascavel para ficar mais no centro do Campo... Mudou-se para Cascavel uma família que residia numa fazenda, vindos da Igreja Presbiteriana do Cajú – Rio de Janeiro. Estes atendem agora o trabalho na ausência do pastor. Também veio outra família de Presidente Prudente que também é presbiteriana... A influência evangélica já é bastante acentuada em Cascavel”.

No relatório do Campo Missionário de 1959, temos o seguinte: “... os cultos a noite ainda são pouco frequentados em parte por falta de costume luterano de ir somente uma vez por domingo a igreja e também porque passamos o ano todo sem luz na cidade e ainda tivemos tantas agitações policiais e políticas na região e por estar quase sempre a cidade elementos suspeitos como jagunços. As famílias por isso mesmo tinham certo receio de sair a noite. Um outro grande motivo também é que não conseguimos ainda um movimento de avivamento espiritual... A sociedade de senhoras tem feito quase regularmente o seu trabalho, mas ainda pouco relativamente ao trabalho entre os não crentes a não ser na cooperação no trabalho na cadeia, onde sempre levam um lanche que é oferecido após as reuniões”.

No relatório do Campo Missionário de 1960, temos o seguinte: “... Os cultos à noite ainda não estão muito bem frequentados, pois ainda falta mais interesse espiritual e dedicação religiosa e por outro lado ainda há falta de luz tanto nas ruas como nas casas. A cidade esteve quase o ano inteiro sem iluminação pública e a que tem agora é insuficiente, pois nem quiseram ligar no templo. Devido a constante agitação política da cidade e a permanência de elementos duvidosos, as famílias tem receio de sair da cidade. Resolvemos então fazer os cultos de quarta feira em casas particulares para conseguirmos melhor frequência... Financeiramente ainda não fizemos muito progresso. Sempre há alguma dificuldade em converter a bolsa também”.

No relatório do Campo Missionário de 1961, temos o seguinte: “Ano cheio de surpresas e apreensões foi o de 61. Mudanças políticas e econômicas drásticas causaram grandes perturbações, mas no terreno espiritual parece que houve melhoras, pois se notou que havia muito mais interesse espiritual este ano que nos anteriores. As angústias e perplexidades levam o homem a procurar mais a Deus... Semanalmente, aos domingos à tarde pregamos nos pontos de pregação nos arredores de Cascavel. Realizamos 04 visitas a cidade de Toledo pregando em 04 pontos diferentes. Ai existe diversas famílias da Igreja Presbiteriana Independente, mas estão bastante desviados na vida e testemunho cristão... Realizamos também culto no Cemitério local por ocasião de dia de finados”.

No relatório do Campo Missionário de 1962, temos o seguinte: Foi um ano de muitas bênçãos, mas também de lutas fortes contra o inimigo, “forças espirituais, ou seja, o demônio” da causa que quer ver o fracasso por toda a maneira. Estamos numa época de provas para o crente dar a sua decisão firme ou então fracassará mesmo. Como muitos estão profetizando é final da época da graça divina. Em nosso trabalho mais direto na sede enfrentamos uma luta perigosa contra satanás que tem procurado dividir, desanimar, mundanizar e confundir o povo de Deus. “Mesmo assim tem sido bem frequentado o trabalho particularmente nas reuniões de domingo de manhã”.

Inicialmente é dito que não havia um grupo firme. Logo depois, vem à afirmação de havia em meio à sociedade cascavelense elementos estranhos ao evangelho. Logo depois vem a afirmação que tenta explicar o porquê às conversões não acontecem, ou seja, o individuo, está apegado ao mundo dos vícios e prazeres. Por outro lado, o Pr. Rickli demonstra uma visão marcada pela auteridade e preconceituosa, quando afirma que os colonos do sul não tem interesse espiritual, contudo, apresentam uma vida de satisfação a partir de uma religião de tolerância nos vícios e corrupção.

Ao citar no relatório, “**homem continuar ainda muito apegado ao mundo, às influencias materiais por meio disto, mas vícios e prazeres mundanos**”, o Pr. Rickli demonstra que a mensagem protestante e a religiosidade presbiteriana eram portadores de uma superioridade religiosa e cultural.

A referência no relatório “**satisfeitos, portanto com sua religião de tolerância nos vícios e em toda corrupção humana**”, tem como pano de fundo a visão missionária e conversionista do presbiterianismo implantado no Brasil, pois este, sempre revelou sérias dificuldades com praticamente toda forma de expressão cultural brasileira. A leitura feita pelo

protestantismo acerca da cultura brasileira foi exageradamente ligada ao catolicismo e a outras expressões religiosas populares. É assim que nos diz Mendonça (1995, p.81,83), “O protestantismo constituía um “modo de vida”, e aceitá-lo nos seus princípios de crença implicava em mudanças de padrões de cultura”.

Segundo Silva (2011) os convertidos deveriam se apresentar à sociedade de forma diferenciada, pois, além de tudo, estava em jogo uma competição religiosa, encetada com os católicos, De modo implícito, os presbiterianos tentam impor sua autoridade, e, é nesse sentido, que a representação social se apresenta neste grupo. Neste sentido, Chartier diz:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 1990, p.17).

Assim, a partir dos relatórios pastorais do Rev. Martinho Rickli, pretendi demonstrar que o moralismo piedoso, manifestou-se como um código de disciplina que definia a maneira de relacionar-se com a sociedade. O que resultou na manifestação de uma anti-cultura presbiteriana.

Estes relatórios enquanto expressão do cotidiano e da visão acerca do outro, entenda-se aqui o não protestante, permitiu observar a construção do imaginário e da cosmovisão do Rev. Martinho Rickli, através da qual se percebeu características próprias do protestantismo de missão, ou seja, disputa pela memória, a circulação de imaginários e representações.

Concluindo, a análise dos relatórios do Rev. Martinho, demonstrou alto rigor moral e rigidez para com os fiéis. Revelando uma visão preconceituosa e moralista acerca do outro, entenda-se aqui, o não protestante. Principalmente, quando tratou de práticas que se mostravam contrárias aos conceitos protestantes, a saber, os chamados vícios e desvios definidos a partir do conjunto de códigos de disciplina presbiteriano.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA EM CASCAVEL/PR.

Na cidade de Cascavel ²¹ – PR, entre os templos religiosos, encontra-se, a “igreja em frente à pracinha” ²², um dos pontos de referência central da cidade. Comumente chamada de *IPCC* (Igreja Presbiteriana Central de Cascavel) entre os presbiterianos em Cascavel. Seu processo de inserção e organização poder ser considerado como desdobramento do Protestantismo Brasileiro e do Presbiterianismo na região Oeste do Paraná, especificamente, na cidade de Cascavel. Sua organização consta em 15 de maio de 1966, sob a tutela do então Presbitério de Ponta Grossa. Porém, o processo de inserção começa bem antes, precisamente por volta de 19 de julho de 1952, momento de efervescência migratória para a região oestina do Paraná.

A história do presbiterianismo no oeste paranaense tem suas peculiaridades na formação da primeira comunidade religiosa presbiteriana inserida no contexto regional. Assim, a formação da primeira igreja presbiteriana em Cascavel/PR, está inserida no contexto de ocupação e desenvolvimento praticado pelas famílias protestantes que chegaram à região. Por conseguinte, os presbiterianos foram os primeiros protestantes a criar um núcleo com objetivo de dar assistência às famílias que migraram para a região, bem como, propagar a fé protestante entre os que não comungavam com as doutrinas católicas romanas.

Na elaboração do texto deste capítulo, utilizei e analisei as seguintes fontes: Os livros de Atas: Conselho da IPCC (1966) e do Presbitério do Sul (1953-1966), e os relatórios pastorais dos Reverendos Martinho Rickli (1956-1964) e Roberto Ademar Pavelec (1963). Estes livros, a partir dos seus registros, representam para a denominação presbiteriana, marcos da presença e avanço da ação missionária na região oeste do Paraná. Contudo, estas fontes foram analisadas a partir dos agentes e do lugar de produção.

²¹ O município de Cascavel foi emancipado no dia 14 de novembro de 1951.

²² A Praça Wilson Joffre Soares dos Santos é um espaço público da cidade paranaense de Cascavel, localizada entre as ruas sete de Setembro, Rio Grande do Sul, Castro Alves e São Paulo, na área central do município. Inaugurada em 14 de Novembro de 1967, dia em que a cidade comemorava 15 anos de emancipação, a praça passou por várias remodelações, a última delas em 2008.

Conforme registro no I Livro ²³ de Atas do Conselho da IPCC (ANEXO 01), encontra-se o seguinte registro:

Turvo/PR, 19 de julho de 1952. O então responsável pelo Campo Missionário²⁴, Rev. Martinho Rickli, realiza visita com culto realizado às 9 horas em casa do Sr. Adolf Ernesto Budach, na ocasião é realizada cerimônia do Sacramento do Batismo. Conforme registro, é a primeira vez que um pastor protestante presbiteriano realiza um culto cristão não católico, com intenção conversionista. E, em janeiro de 1953, o então Presbitério do Sul (reunião de pastores e igrejas jurisdicionados a uma mesma região), designa o Rev. Martinho para o trabalho missionário na região Oeste do Paraná. Ficando a sede da missão no lugar denominado Piquiri/PR, no município de Cascavel.

De igual forma, consta no Livro ²⁵ de Registro do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul (ANEXO 02):

Designado pelo Presbitério do Sul em sua reunião de janeiro de 1953, Guarapuava, para o trabalho missionário desse Concílio, procurei organizar a sede do trabalho no lugar denominado Piquiri, no município de Cascavel. Visávamos iniciar também uma escola com o nome de Escola Evangélica Rural Piquiri. Devido a várias dificuldades não conseguimos transferir nossa família para lá durante o ano de 1953. Somente em janeiro de 1954 conseguimos fazer a mudança. Fiz, porém diversas viagens ao Campo Missionário. Em 19 de julho de 1952, fiz uma visita ao Campo Missionário, realizando culto em casa do Sr. Adolfo Ernesto Budach (primeiro relatório lavrado no Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul).

²³ Este livro que contém as atas 01 a 167, destinou-se ao registro das atas e dos atos do Conselho da Igreja Presbiteriana de Cascavel a partir da ata 01 a 168. Nele foram registrados de maneira sucinta os principais fatos ocorridos na igreja, tais como: falecimentos e celebrações de cerimônias fúnebres, invocação da bênção matrimonial e casamento religioso, mudança de crenças e acontecimentos que demandavam providências. Além das resoluções tomadas pelo conselho.

²⁴ A expressão campo Missionário deve ser compreendida a partir da definição do Oeste do Paraná como área de atuação do presbiterianismo. Sendo que este campo missionário se estendia da atual cidade de Nova Aurora a Foz de Iguaçu.

²⁵ Este livro também teve a finalidade de registro das atas e atos pastorais do trabalho missionário do Presbitério do Sul, correspondendo ao período de 1952 a 1966. Num total de 15 registros.

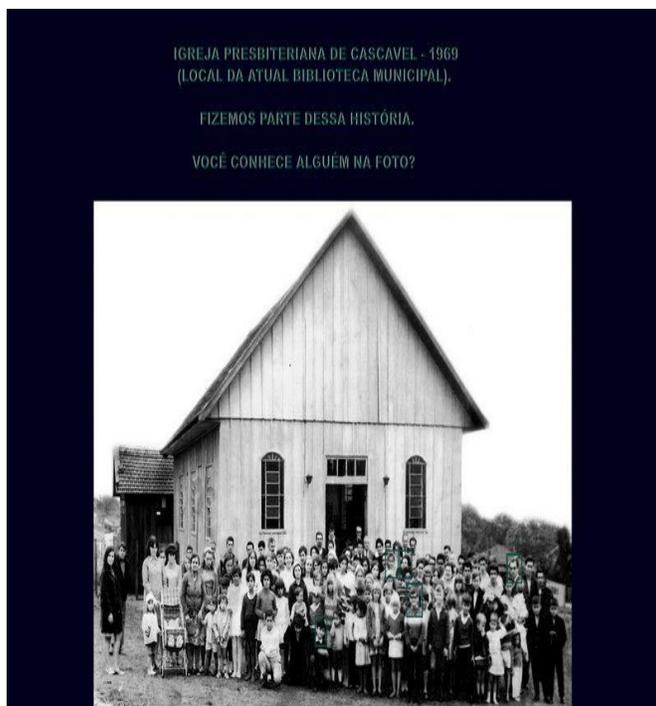


FIGURA 02. Membros da igreja, reunidos para foto, após encerramento do culto matutino, também chamado de Escola Dominical.

Fonte: 1º Templo Presbiteriano, construção de madeira, erguido em outubro de 1956, sito a Rua Paraná S/Nº.



FIGURA 03. Liderança da igreja, pastor, presbíteros e diáconos, reunidos para foto.

Fonte: 2º Templo Presbiteriano, construção de alvenaria, erguido em 25 de fevereiro de 1974, sito a Rua Sete de Setembro, 2870.

As figuras 02,03 são fotos cedidas pela Eliane Quintans, membro da IPCC e filha do terceiro pastor da igreja, Rev. Elias Quintans. E fazem parte do acervo pessoal da família Quintans. Estas fotos foram guardadas com registro de dois momentos distintos do processo de consolidação do trabalho presbiteriano na cidade de Cascavel. O primeiro momento, a figura 02, refere-se ao registro nº 3 (1956), do livro do trabalho missionário do Presbitério do Sul, no qual o pastor Rickli escreveu: “*Em Cascavel conseguimos durante o mês de outubro construir um templo. A madeira foi doação do Sr. Governador, Moisés Lupim, e as despesas de construção conseguimos com amigos da cidade*” (grifo meu). Ainda, conforme o livro de registro do trabalho missionário do Presbitério do Sul, desde a designação do pastor Rickli, o que ocorreu em janeiro de 1953, o referido pastor, desempenhou o atendimento pastoral ao Campo Missionário (entenda-se aqui o Oeste do Paraná), mediante visitas. E, estas visitas foram realizadas, com o objetivo de alcançar famílias simpatizantes à nova igreja (no caso, ao sistema presbiteriano). Assim, as visitas a Cascavel ocorreram entre 1953 a 1958. Por fim, consta no registro nº 5 do já citado livro do trabalho missionário, o seguinte:

Verificando que para melhorar o trabalho era mais conveniente transferir para a sede de Cascavel [...] resolvemos fazer nossa mudança em começo de abril do corrente ano de 1958. Tomamos esta atitude para atender melhor o trabalho da igreja em Cascavel que ainda tinha dificuldades de dirigente na ausência do pastor e também a sede (do trabalho missionário) seria mais central. (Registro pastoral do Rev. Rickli, 1958).

O que temos na figura 2, isto é, o que esta imagem representa, é a presença de uma igreja com membros (crianças, jovens e idosos), com sede própria na área central, com um horário de reunião coletiva, entenda-se culto, ou seja, as visitas deixam de acontecer em virtude da presença efetiva e ativa do pastor Rickli na condução e liderança da igreja.

O segundo momento, ficou expresso na figura 03, e conforme o I livro de atas do Conselho da IPCC, na ata 74, de 25 de fevereiro de 1974, a liderança local, formada pelo pastor da época, o Rev. Elias Ferreira Quintans, presbitérios e diáconos, deliberam que: “O conselho resolve mudar as reuniões de culto da igreja para a nave superior do templo novo na Rua Sete de Setembro, 1779 (que posteriormente passará a ser 2870), na Praça Wilson Joffre.” A imagem trás a presença de uma liderança masculina, um novo templo, construído

em novo endereço e com novas condições, ou seja, um templo de alvenaria, com maior capacidade de pessoas na área mais central de Cascavel.

Quero destacar a importância do primeiro livro de atas do conselho da IPCC. A finalidade básica deste livro é de registrar as decisões tomadas pelo conselho local e posterior análise pelas instâncias superiores (Sínodo e Supremo Concílio). Neste livro registram-se além das decisões, todos os demais acontecimentos referentes ao dia a dia da comunidade. Através de reuniões periódicas o conselho da igreja registra para fins de consulta futura todas as suas reuniões. Porém, logo após o termo de abertura, temos o registro de organização da IPCC, contudo, quando é feita lavratura sobre o histórico do início do trabalho presbiteriano em Cascavel, consta apenas uma página e meio, de um período que vai de 1952 até 1962. E assim, pouco é falado sobre o trabalho do Rev. Martinho Rickli. Permanecendo uma lacuna de informações, o que chamei de obscuridade. Ficam as questões: Negligência quanto aos registros? Opção pelo silenciamento das questões que perpassam a inserção do presbiterianismo em Cascavel?

3.1 CASCAVEL/PR: VIDA RELIGIOSA, FESTAS E LAZERES.

A cidade de Cascavel, a semelhança das demais cidades oestinas, sofreu influência cultural dos contingentes de imigrantes sulistas. Entretanto, temos um fluxo migratório bem diversificado na região, isto, devido o fato de que Cascavel representava a possibilidade nova, ou seja, a chance de riqueza e realização pessoal, ainda que este novo estivesse marcado pelas lides agrárias em geografias inóspitas, contudo, isto não impediu a continuidade do fluxo migratório, de maneira que, (...)

As décadas de 50 e 60 foram marcadas em Cascavel pelo crescimento que chamou a atenção dos administradores quanto à necessidade de um plano de expansão da zona urbana e reorganização do centro da cidade. Logo, todo este progresso implicou no surgimento de variadas formas de diversão, dentre estes as corridas de automóveis, torneios de futebol, bailes, praças de recreação, e inclusive áreas de baixo meretrício, casas de tolerância e prostíbulo. Os lugares de prostituição surgiram em vários lugares da cidade, despertando a

preocupação da saúde pública que buscava controlar a proliferação de doenças sexualmente transmissíveis.

Inicialmente, como dito por Colodel (1988), na fase de ocupação na cidade de Cascavel, uma das características comuns entre as famílias dos colonos, eram longas jornadas de trabalho, e toda a família estava envolvida em atividades que se seguiam da manhã até a noite. Todos trabalhavam muito e isso era necessário devido às necessidades atuais da colonização.

Mesmo as crianças tinham tarefas que, apesar de leves, contribuíam para o aumento da renda familiar. No entanto, havia a necessidade de comunicação com outras pessoas; famílias que moravam próximas. (COLODEL, 1988, P. 35).

Segundo Sperança (1994), este quadro de trabalho em uma terra inóspita, com mata fechada, chuvas intermitentes e dificuldades para percorrer os caminhos; era suavizado a partir da busca pela satisfação das necessidades espirituais, lazer, diversão, descanso e esportes.

Ainda segundo Sperança (1994), os colonos viviam em geral em pequenas comunidades de trabalho em que não havia a subordinação de uns pelos outros, senão no sentido de hierarquia familiar. Nestas comunidades eram realizadas atividades recreativas, ou seja, lazer, o que favorecia o processo de formação social ao exigir a aproximação daqueles que pretendiam se divertir seja com danças, sejam com jogos, cantorias ou simples bebedeiras ao final das jornadas semanais de trabalho. Mas as comunicações entre as pessoas das famílias eram constantes, em ocasiões de recreação. O desejo de progredir era muito evidenciado pelas famílias e as aventuras da migração sempre eram lembradas nos encontros entre famílias.

A origem da organização social é a família. Logo de início, seus membros tratam naturalmente de arranjar motivos para a promoção de encontros familiares, datas comemorativas, casamentos, aniversários, batizados, etc. Também efemérides religiosas ou patrióticas se constituíam em motivos para tais encontros, tanto limitados a uma só família, isolados em uma comunidade, como a diversas, que se visitavam entre si. Em geral, contudo, as vizinhanças se integravam a tais encontros, ora confirmando seu caráter familiar, na condição de beneficiários, ora participando como coautoras.

Embora a família fosse por si só, uma pequena organização social, que a divisão do trabalho fazia apresentar como um corpo de interesses tanto convergentes quanto dissonantes de acordo com o papel que cada um desempenhava em seu interior, era nos contatos com a vizinhança que se teciam os contornos da formação de uma vida social articulada com as veias recreativa, cultural e esportiva. (SPERANÇA, 1994, p.35).

E, segundo Sperança (1994), em alguns dos relatos dos pioneiros de Cascavel,

A religiosidade para os colonos era muito importante, basicamente, o papel social ficaria a cargo da Igreja e a inter-relação com os colonos. As missas e celebrações eram realizadas com frequência, neste momento, aproveitava-se a ocasião para os casamentos, batismos e crismas. Para os imigrantes, a capela e o padre eram indispensáveis e necessários para prosseguir uma vida correta. (SPERANÇA, 1994, p.145)

Conforme Sperança (1992), na década de 40 os cascavelenses tinham como alternativa os bailes caseiros e de barracões. Em geral, quando cessava o som da derradeira martelada, era a hora de dançar. Portanto, os bailes foram à diversão mais apreciada pelos colonos, devido ao seu caráter comunitário que aproximava os vizinhos, reunia os distantes e dava lastro para negócios, laços familiares, política e outras relações humanas. Tornavam-se momentos privilegiados de confraternização e descontração depois de uma semana de trabalho. Os bailes sempre foram realizados. Eles passaram a ter uma grande importância social também no extremo oeste paranaense. Como diz Colodel (COLODEL, 1988, p.107), “Os bailes já eram uma tradição arraigada nas regiões colonizadas por italianos no Rio Grande do Sul e no extremo Oeste paranaense continuaram a ter a mesma importância social”.

Ainda segundo Sperança (1992), “A vida social em Cascavel, até então, limitava-se aos improvisados bailões de roça ao som de sanfonas, enquanto se sonhava com noites de gala”. Ou seja,

Havia uma ansiedade latente no ar. Os pioneiros mais velhos percebiam alguma vaga tristeza nos olhos dos filhos que trabalhavam duro nas tarefas de tempo integral da época e depois desse trabalho incansável não dispunham de opções de lazer além das festas religiosas e dos jogos de futebol entre as equipes formadas por operários das serrarias. (SPERANÇA, 1994, p.68)

3.2 O PRESBITERIANISMO EM CASCAVEL/PR

Segundo Adamy (2010), em sua pesquisa sobre a sociedade rural do Oeste do Paraná, o povoamento de Cascavel apresentou as seguintes questões:

O povoamento efetivo de Cascavel e que marcou sua formação atual, teve início através da “ocupação espontânea”, ocorrida durante a década de 1930, quando chegaram à região alguns colonos descendentes de poloneses oriundos de Santa Catarina, bem como de “caboclos” oriundos de Guarapuava. Instalando-se em pequenas chácaras, abriram pose e derrubaram a mata, faziam suas roças e fundaram vilarejo como [...] A partir da década de 1940, a ocupação passou a ser realizada pelas colonizadoras, principalmente as madeireiras, e pelo Estado que tinha o intuito de viabilizar o povoamento, a venda ou doação de terras, com ou sem titulação [...] Ainda a partir da década de 1950, a ocupação do território do então município de Cascavel era facilitada pelo fato das terras serem devolutas e o Estado reconhecer o direito de propriedade, mediante a comprovação de posse feita pelo interessado junto aos órgãos do Estado [...] (ADAMY, 2010, p.50,51).

Conforme Mariano (2012), a região Oeste do Paraná, bem como a cidade de Cascavel, é constituída por fluxos migratórios que se intensificaram a partir da década de 1950.

A população da cidade de Cascavel, bem como a da região Oeste do Paraná, é constituída por fluxos migratórios que se intensificaram a partir da década de 1950. Ou mesmo uma reocupação, considerando que populações indígenas, como Caingangues e Guaranis, há tempos remotos haviam se estabelecido na região. Até o início da referida década, o território da região Oeste constava como município Foz do Iguaçu que, por sua vez, surgiu como colônia militar de guarnição da fronteira nacional em 1889, passando à condição de vila em 1910 e município em 1914. (MARIANO, 2012, p.19)

Ainda segundo Mariano (2012), há uma divergência quanto ao número de habitantes presentes no distrito de Cascavel. Para Sperança (1992) e Piaia (2004) o censo de 1950 apontava a presença de 404 habitantes. Já para a pesquisadora Pieruccini (2003), que estuda a região Oeste do Paraná, a população de Cascavel era, em 1950, de 4.411 habitantes, com 90% vivendo na área rural.

Todavia, segundo o Censo de 1960, a população da cidade de Cascavel era de 39.598 habitantes, dos quais 34.324 viviam no meio rural e os demais, 5.274, viviam no meio urbano, superando a cidade Foz do Iguaçu, que contava com uma população de 28.212, e Toledo, com 24.959 habitantes.

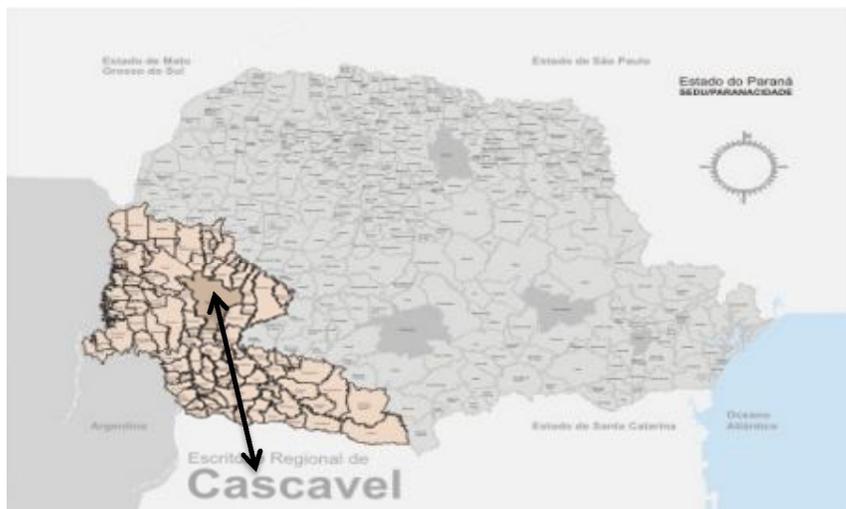


Figura 04 - Mapa do Estado do Paraná: destaque regiões Oeste e Sudoeste e a cidade de Cascavel

Fonte: www.paranacidade.org.br. Acessado em 30 de nov de 2013.

Piaia (2004), em sua tese de doutorado, discutindo a ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel, destaca que, quanto à origem do nome Cascavel, não há nenhuma precisão sobre a data de surgimento da cidade de Cascavel, não há um registro de nascimento, ou informação exata sobre o aparecimento do nome e sua consolidação. E, assim, comenta:

Quanto às origens do nome da cidade de Cascavel, sabe-se com certeza que em 1924 o local assim denominado era conhecido dos tropeiros e viajantes, sendo que neste ano teve sua existência divulgada para o restante dos brasileiros, que acompanhavam a evolução da luta entre as tropas legalistas e dos rebeldes paulistas entrincheirados nos sertões oestinos. Os rebeldes fixaram seu quartel-general de retaguarda nesta localidade, que não passava de um amontoado de casebres. (PIAIA, 2004, p.256)

Pela leitura Sperança (1992), no livro *Cascavel, a História*, data de 1921 a aquisição, por parte do colono catarinense Antônio José Elias, o “Antônio Diogo”, das terras situadas às margens do rio Cascavel. A compra foi feita junto à empresa Braviaco (companhia Brasileira de Viação e Comércio).

Eram várias as famílias que acompanhavam o primeiro morador ‘oficial’ da Cascavel de hoje. Os pioneiros de 1921/22 já chamavam o local de Cascavel, devido ao fato de que este era o nome do rio. Havia apenas cinco moradias às margens do rio Cascavel. Com exceção de pequenos povoados, de caráter essencialmente rural – tal como o agrupamento de famílias iniciado por Elias – a região era praticamente despovoada, só havendo sinais de civilização referentes às origens ervateiras. (SPERANÇA, 1992, p.80-83).

Segundo dados do COPLAN – Comissão de Planejamento de Edificações - A década de 1940 foi marcada pelo aumento do fluxo migratório no Paraná. De modo que o Paraná se configurou como um dos Estados da federação de maior crescimento populacional. Somando uma população 3,46 vezes superior a média nacional.

No texto publicado no Jornal Gazeta do Paraná, de domingo 14/12/2008, encontramos uma pesquisa sobre a Cronologia de Cascavel, da qual citamos o seguinte:

[...] Década de 1920: chegada dos primeiros colonizadores, imigrantes de origem polonesas vindos de Santa Catarina e caboclos que viviam na região de Guarapuava que se instalaram às margens do Rio Cascavel e construíram as primeiras casas. Desse aglomerado vai se constituir o povoado de “Encruzilhada dos Gomes”, primeiro nome que recebe o povoado que irá se tornar Cascavel pouco mais de três décadas depois. Década de 30: 28 de março de 1930 – Transfere-se para a região José Silveiro de Oliveira, o “Nhô Jeca” – importante figura que vai atuar no comércio de erva-mate, construindo um armazém que servirá de referência para a localização do povoado de “Aparecida dos Portos”, que mais tarde receberá a denominação do rio às margens do qual se constituiu: “Cascavel”.

Em 12 de novembro de 2011, o Jornal O Comunitário publica uma matéria especial sobre a história de Cascavel, a saber:

[...] os primeiros passos dessa formação, remonta do tropeirismo já que Cascavel era passagem de quem se deslocava entre Curitiba a Foz de Iguaçu, pelas pequenas estradas e matas. Antes mesmo, era espaço de índios caingangues que habitavam esta região desde a ocupação espanhola, por volta de 1557, quando fundaram a Ciudad Del Guairá, atual Guaíra (extremo oeste paranaense). Contam os livros e os materiais didáticos pedagógicos, que uma nova ocupação teve início a partir de 1730 através do tropeirismo. Foi a partir das décadas de trinta, que milhares de colonos sulistas, na maioria descendentes de poloneses, ucranianos, alemães e italianos oriundos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, bem como caboclos oriundos das regiões cafeeiras, começaram a exploração da madeira, agricultura e a criação de suínos.

Piaia (2011), segundo artigo sobre a história do pequeno povoado “Cascavel”, publicado no Jornal Comunitário, diz que a luta pela terra marcou o nascimento do município de Cascavel. Segundo o artigo, “Cascavel era o reino da anarquia”, isto, devido às brigas entre posseiros, grileiros e pistoleiros pela posse da terra nos anos 40. Segundo Piaia, diferentemente da colonização de cidades vizinhas, como Toledo, que aconteceu a partir da distribuição organizada de terras pela empresa colonizadora Maripá, em Cascavel, o processo de posse da terra foi desordenado.

Como não havia restrições ou controle das ocupações, os colonos, atraídos pela conquista de terras devolutas chegavam, cercavam os terrenos, faziam uma plantação e, com o tempo, consolidavam a posse. As regras da civilidade durante a época de colonização da fronteira eram inexistentes pela falta de presença do Estado. A sociedade estava em fase de organização, as estruturas sociais eram frágeis, o que permitia que cada um que chegasse quisesse impor a sua visão de mundo. (PIAIA, artigo jornal O Comunitário, Especial sobre Cascavel, 12/11/2011, p.8).

Ainda segundo Piaia, os primeiros colonos chegaram à região a partir do final da década de 1920. Com a chegada destes colonos há uma alteração significativa na região. Os colonos trouxeram novidades tais como o estabelecimento de propriedades agrícolas e prestadoras de serviço, oficinas de carpintaria, marcenaria, serraria e sapataria.

Segundos dados da Prefeitura, fluxos migratórios de diferentes frentes compuseram a população de Cascavel: os caboclos (que vieram de

Guarapuava para vários pontos do Oeste do Paraná), pessoas com tradição de plantio de café (oriundas do Norte do Estado) e, principalmente, os descendentes de poloneses, ucranianos, alemães e italianos, vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Os migrantes iniciaram a agricultura de erva-mate, a exploração de suínos e, mais tarde, a exploração da madeira. O Oeste do Paraná foi à fronteira final a ser ocupada no processo migratório do sul do país, a última grande etapa do avanço da expansão humana no sul. Esta ocupação acompanhou a tendência migratória em toda a região, a partir da década de 1940. Atraídos pelas terras fáceis e solo fértil, os migrantes chegavam em grupos, formados por familiares, amigos e vizinhos, também trabalhadores agrícolas, que adquiriam lotes numa mesma região ou área. A eles, juntavam-se os tropeiros, tradicionais desbravadores, que além de possuir habilidade em lidar com boiadas, levavam mercadorias de primeira necessidade para as localidades mais isoladas. Cascavel crescia; em 1949 já contava com um grupo escolar, delegacia de polícia, armazém e capelas. O censo demográfico de 1950 revela que a cidade possuía, na época, 404 habitantes. (PIAIA, artigo jornal O Comunitário, Especial sobre Cascavel, 12/11/2011, p.8).

Contudo, foi durante o ciclo da madeira que Cascavel viveu uma fase propulsora de crescimento populacional. Em torno das serrarias existentes, inicia-se a movimentação de diversos profissionais, entre eles eletricitistas, mecânicos, tratoristas e motoristas de caminhão. Assim, este contingente vai se aglomerando em torno das serrarias, formando uma vila com cerca de 200 pessoas. Portanto, a indústria da madeira foi propulsora do crescimento populacional em Cascavel.

Por fim, segundo dados do IBGE, o município de Cascavel foi emancipado através da Lei Estadual 790/51 de 14 de novembro de 1951, sendo que seu território compreendia como limites: a oeste, Guaíra, Toledo e Foz do Iguaçu; ao norte, Campo Mourão; ao leste, Guaraniaçu; ao sudoeste, Capanema. O crescimento chama bastante à atenção, pois em 1950 o Paraná tinha 80 municípios, em 1960 passa a 162 unidades municipais e em 1964, sobe para 250 municípios. É tanto, que o censo de 1960 indicava uma urbanização de 31,04%.

O reflexo de tudo isso, segundo Piaia (2004), foi que a cidade de Cascavel começa a viver uma visão de progresso, seguida de alternativas para o assentamento urbano, resultando numa confluência de pessoas de diferentes regiões e de aspectos culturais diferenciados.

Nos anos de 1950, a cidade de Cascavel apresentou a nítida tendência a edificações às margens da Rodovia Estratégica... A espinha dorsal do corpo urbano já estava composta... No início de 1960, a cidade de Cascavel cresceu

o suficiente para chamar a atenção dos seus administradores quanto à necessidade de um plano de expansão da zona urbana e mesmo da reorganização da cidade... Cascavel exalava o cheiro da oportunidade, do novo, da possibilidade de romper com o antigo... Ao mesmo tempo, proporcionava a convergência de diferentes etnias e culturas convivendo num mesmo espaço (PIAIA, 2004, p.278,279, 299).

Segundo Mariano (2012), todo este processo de migração, as décadas de 1950 e 1960 , gerou diversos conflitos pela ocupação do espaço.

Com o crescimento da cidade, aumentou o número de conflitos envolvendo agricultores na situação de posseiros, que sofriam pressões por parte de grileiros (agentes em defesa do interesse de madeireiros e grandes proprietários) e, também, de jagunços (que utilizavam de meios violentos para expulsar posseiros de suas terras). Esses conflitos ocorriam principalmente na área rural, e não somente em Cascavel. (MARIANO, 2012, p.26).

Por outro lado, este intenso processo de migração provocou a organização de novos espaços, ou seja, novos bairros foram organizados na área central de Cascavel, compondo uma nova estrutura administrativa, com destaque o percurso da BR-35, na convergência da **Avenida Brasil** (destacada em vermelho) com a Avenida **Tancredo Neves** (destaca em Amarelo). Conforme anexos 03, 04 e 05, a Avenida Tancredo Neves.

Ainda sobre o desenvolvimento da cidade de Cascavel, temos a considerar:

Contudo, o desenho da cidade se concentrou na Avenida Brasil, trecho urbano da BR 35. A localização de Cascavel foi um dos principais fatores para seu desenvolvimento. A cidade passou a ser referência nos setores hoteleiro, gastronômico, com assistência automobilística, postos de combustíveis e garagens de ônibus. Em 1969, era finalizada a rodovia BR-277, substituindo a BR-35, no seu traçado, bem como viabilizando a malha asfáltica e o alargamento das vias. Desde então, a BR-277 é a principal rodovia do Estado do Paraná, no sentido leste-oeste, atravessando todo o território estadual, desde o Porto de Paranaguá a Foz do Iguaçu, fronteira com Paraguai e Argentina, que pode ser visualizada na figura 8. (MARIANO, 2012, p.33)

Citei anteriormente que o movimento de missões e o tráfego de missionários para o Brasil, teve como órgão gestor o Plano Brasileiro. Esse plano que visou o envio de novos missionários para as vastas extensões do interior do Brasil, resultou em duas frentes de ação, dentre elas, a SBM, com atuação no Sul e no Oeste do Paraná. Assim, a partir de 1910 temos a organização do trabalho presbiteriano na região, com ação conduzida por duas estâncias de poder, o Sínodo Meridional que abrangia São Paulo, Paraná e Santa Catarina e o Presbitério do Sul, criado em 1900. O presbitério tinha oito igrejas: Curitiba, Castro, Guarapuava, Itaqui, São Francisco do Sul, Florianópolis, Cerrado e Imbituva (pela ordem de organização). Havia somente cinco pastores, quase todos missionários americanos: George Anderson Landes, John Benjamin Kolb, George Luverno Bickerstaph, Roberto Frederico Lenington e Antônio André Lino da Costa.

Entre os sínodos acima, destaco a pesquisa sobre o Meridional, realizada por Júlio Andrade Ferreira, em História da Igreja Presbiteriana do Brasil. SP: CEP, 1992 – na qual temos as seguintes informações: O sínodo Meridional compreende duas realidades: o sínodo histórico, até 1947, e o sínodo atual, sem as igrejas dos antigos Presbitérios Minas e Oeste de São Paulo, nas regiões da Mogiana e da Paulista. A partir daqui há uma informação bem interessante, pois o Presbitério do Sul continuou até 1936, quando dele saiu o Presbitério Norte do Paraná. A penetração sertaneja nessa região, e o crescimento espetacular de Londrina, é que ocasionou a divisão. Ocasionalmente em 1956 a divisão do Presbitério do Sul em Presbitério de Florianópolis e Presbitério de Curitiba. Sendo que o Presbitério Norte do Paraná desdobrou-se, por sua vez, em Castro e Curitiba (FERREIRA, 1992, P.351).

Segundo Reily (1993), foi na fase de implantação que o missionário Rev. Ashbel Green Simonton, enviado pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte, chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.

Conforme Read (1967), os anos seguintes, pós 1859, foram marcados pelo Plano Brasileiro, plano de envio de novos missionários para o Brasil. Nesse momento, duas frentes foram formadas, a CBM, Missão do Brasil Central, com atuação no centro-norte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe. E, a SBM, Missão do Sul do Brasil, com atuação no Sul e no Oeste dos Estados do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás. Assim,

A Missão do Brasil Central (CBM) dividia-se em duas missões. Uma trabalhava no sul e no Oeste dos Estados do Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás, e era chamada Missão do Sul do Brasil da Junta de Nova York (SBM). A outra atuava no centro-norte dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Sergipe, e era chamada Missão do Brasil Central (CBM). Essas duas missões da junta de Nova York foram finalmente unidas em 1939-40, formando a atual Missão do Brasil Central. (READ, 1967, p.63)

Os anos de 1932-1959 foram marcados por crescimento e aperfeiçoamento na estrutura da IPB. Como diz Nascimento e Matos (2007, p.59), a igreja foi constituída dos seguintes sínodos: (1) Setentrional: estendia-se da Alagoas até a Amazônia, estando o maior número de igrejas no Estado de Pernambuco; (2) Bahia-Sergipe: criado em 1950, quando o Presbitério Bahia-Sergipe, antigo campo da Missão Central, dividiu-se nos presbitérios de Salvador, Campo Formoso e Itabuna; (3) Minas-Espirito Santo: surgiu em 1946, abrangendo o leste de Minas e o Espirito Santo, a região de maior crescimento da igreja; (4) Central: formado em 1928, incluía o Estado do Rio de Janeiro, bem como o sul e o oeste de Minas Gerais; (5) Meridional: sínodo histórico (1910-1947) abrangia São Paulo, Paraná e Santa Catarina; (6) Oeste do Brasil: foi formado em 1947, abrangendo todo o norte e oeste de São Paulo. No final da década de 50, foram entregues pelas missões os Presbitérios do Triângulo Mineiro, Goiás e Cuiabá.

Segundo Ferreira (1992), em 1910, quando da organização da Assembléia Geral da IPB, o Presbitério do Sul ficou ligado ao Sínodo Meridional que era formado ainda pelos presbitérios de Minas, São Paulo, Oeste de São Paulo e Itapetininga. O Presbitério do Sul em 1936 se desdobrou com a formação do Presbitério Norte do Paraná que posteriormente deu lugar ao Presbitério de Londrina e Castro, enquanto que em 1956 extinguiu-se o Presbitério do Sul com a formação dos Presbitérios de Curitiba e Florianópolis.

Conforme Read (1967), nesse período o Presbitério de Curitiba se estendia por toda a região sul do Paraná. Nove anos mais tarde o Presbitério foi dividido e se organizou o Presbitério de Ponta Grossa, ficando o Presbitério de Curitiba na sua nova fase com os campos da Capital e do litoral do Estado.

E, segundo Ferreira (1992), no final da década de 60 o Presbitério de Curitiba tinha ordenado cinco pastores e organizado três igrejas. Eram no final da década de sessenta: sete igrejas, uma congregação presbiterial, 6 congregações de igrejas e 5 pontos de pregação, contando com 1123 membros comungantes e 1197 membros não comungantes.

Então, pelo que se pode concluir, o campo missionário, do qual fazia parte Cascavel, esteve inicialmente na jurisdição do Presbitério do Sul e posteriormente passou para a responsabilidade do Presbitério de Ponta Grossa. Este processo de organização e desdobramento dos presbitérios, justifica-se a partir do crescimento do número de igrejas organizadas e as dificuldades de administração devido à distância. Portanto, temos estes dois desdobramentos de presbitérios que visaram facilitar a gestão das regiões por meio de uma divisão geográfica de proximidade.

Foi na fase de transição do Presbitério de Curitiba para Presbitério Ponta Grossa, que o campo missionário recebeu maiores investimentos. Assim, Cascavel que fazia parte do Campo Missionário, passou a ser Congregação Presbiterial e finalmente em 1966, alcançou o status de igreja organizada. O que significava a existência de uma administração própria com membresia, autonomia financeira, liderança local e presença pastoral.

Portanto, o Oeste do Paraná, em virtude de todas as possibilidades de desenvolvimento e crescimento, e principalmente pelo fluxo de pessoas que migravam para esta região, foi despontando-se como ação de um planejamento estratégico para o avanço do presbiterianismo na região sul do Brasil. Deste modo, idealizou-se um plano de evangelização, visando o estabelecimento de novas igrejas na região, bem como, visava-se buscar sustentabilidade dos campos subsidiados pelo presbitério e a preparação de evangelistas e missionários para atendimento pastoral das famílias e também, a conversão de novos fiéis.

Entre as decisões tomadas pelo Presbitério do Sul, consta a designação e envio do Rev. Martinho Rickli como pastor missionário responsável pelo trabalho de implantação do presbiterianismo na região Oeste do Paraná. Esta informação consta tanto no histórico da IPCC, como também, no Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul, e pode ser acompanhado nos relatórios pessoais enviados como prestação de contas pelo Pastor Martinho ao Presbitério do Sul.

Encontra-se registrado no Livro de atas do Presbitério de Sul, em 13 de janeiro de 1952,

“[...] após referir-se ao ministério do Rev. Martinho Rickli no Presbitério do Sul, e considerando esta sua nova missão como uma homenagem que lhe faz o concílio, e como uma resposta divina ao apelo de evangelização, da parte da comissão do Centenário da IPB, foi consagrado o primeiro missionário

nacional do Presbitério do Sul, Rev. Martinho Rickli”’. (registro em ata do Presbitério do Sul, 1952).

Na busca de documentação sobre o Pastor Martinho Rickli, consegui reunir como fontes, relatórios pastorais, lavrados em livro próprio de atas, e outros em correspondências avulsas, datas e assinadas pelo Pastor Rickli. Também, como parte da documentação, consta à biografia do Pastor Rickli, adquirida com a colaboração de membros da família Rickli.

E, como representação da força presbiteriana na região, consta na Bíblia: Edição Histórica, 100 anos da Igreja Presbiteriana de Camboriú, temos:

Martinho Rickli trabalhou em Santa Catarina em 1933 e 1934, como consta na Bíblia comemorativa do centenário da IPB local; em 1935 veio para Castro, pastorear a igreja e dirigir o Instituto Cristão de Castro; depois, em 1945, veio para Ponta Grossa, onde atendeu um vasto campo: Imbituva, Tibagi, Prudentópolis etc. Em 1952 foi enviado ao campo missionário de Cascavel a Foz do Iguaçu, onde hoje é Nova Aurora. Havia pontos de pregação no caminho, substituindo em alguns pontos o pastor Luterano. Em janeiro de 1983 foi jubilado e veio para o Turvo. Em julho de 1968 foi para a IPB de Imbituva e em 8 de dezembro de 1982 foi realizada na IPB do Boqueirão em Curitiba o culto pelo jubileu de ouro de sua formatura e ordenação. Faleceu em 16 de fevereiro de 1984, próximo de completar 79 anos, e foi sepultado no Turvo, junto a Irene.

Tanto nos livros de registro de atas, livro de atas do Conselho da IPCC, como o livro de registro do trabalho missionário do Presbitério do Sul, encontra-se registros sobre o envio do Rev. Martinho para responder pelo Campo Missionário.

Em 19 de julho de 1952, o Reverendo Martinho Rickli²⁶ realizou sua primeira viagem ao Oeste paranaense, viagem decisiva para o início do trabalho presbiteriano na região. Em consequência, na reunião do Presbitério, em janeiro de 1953, na cidade de Guarapuava, após prestar relatório e impressões, foi o Rev. Martinho Rickli designado como iniciador do trabalho presbiteriano no Oeste, e a região Oeste passou a ser Campo Missionário do então Presbitério de Curitiba. Tão logo chegou ao Oeste paranaense, o Rev. Martinho Rickli estabeleceu residência às margens do Rio Piquiri, próximo à cidade de Nova Aurora, reunindo em torno de si muitos interessados no evangelho. Assim, foram realizadas muitas viagens, diversas famílias visitadas. Entretanto, em Cascavel fora iniciado um ponto de pregação na casa da família Samways, com culto uma vez por mês. Com o passar do tempo às visitas se tornavam mais frequentes, e o ponto de pregação foi crescendo em participação de

²⁶ Primeiro Pastor presbiteriano em Cascavel. Conforme histórico da IPCC, lavrado em seu livro I de Atas.

famílias, de tal maneira que percebendo o Rev. Martinho que em Cascavel as possibilidades de expansão eram grandes, juntamente com Ernestinho Rickli e Alberto Blum, edificaram o primeiro templo presbiteriano, na Av. Paraná S/N, Centro, local que hoje abriga a Biblioteca Pública Municipal. Em janeiro de 1963, o Rev. Martinho Rickli deixa o campo de Cascavel, sendo que o referido campo já era Congregação Presbiterial, para assumir os trabalhos na cidade do Turvo, ficando em seu lugar o Rev. Roberto Ademar Pavelec, o qual assume o trabalho de organização da igreja em Cascavel.

Os anos que se seguiram foram de grande crescimento e desafios. Entre 1963 a 1967 a igreja esteve sob a liderança do Rev. Roberto Ademar Pavelec. A partir de 1968 até 1976 foi pastoreada pelo Rev. Elias Ferreira Quintans, período este, especificamente no ano 1968 foi realizado a venda do imóvel onde se achava localizado o templo da igreja, cito a Av. Paraná S/Nº, vendido assim para o Executivo Municipal. Em 1971, a sede da nova igreja passa a ser na Rua Sete de Setembro, 1933, Centro.

Vejamos agora os instrumentos e como estes, por sua vez, tornaram-se condutores da mobilidade religiosa do conversionismo presbiteriano em Cascavel: as visitas pastorais, os meios midiáticos e organização da IPCC.

3.3 AS VISITAS PASTORAIS

A ação conversionista fez uso de visitas domiciliares, seguidas de reuniões nas quais se professavam os princípios doutrinários e teológicos da fé protestantes. Normalmente, era a oportunidade de convidar a vizinhança, familiares e demais amigos para participarem deste momento.

Criar espaço para a fé protestante foi uma tarefa trabalhosa e estrategicamente planejada. Quando os primeiros missionários protestantes chegam ao Brasil o catolicismo já celebrava mais de 300 anos em terras brasileiras.

Porém, como comentado anteriormente, os imigrantes protestantes buscaram junto ao governo imperial proteção para o exercício religioso. Obtida a proteção imperial, eles

pedem junto às suas igrejas de origem o envio de clérigos para a comunidade; clérigos que se tornaram os primeiros missionários no Brasil.

Assim, a ação conversionista efetivou-se a partir da capacidade estratégica de cada denominação que chegou ao Brasil. De maneira geral, o objetivo das novas igrejas era de atrair certos segmentos da população local. O fator complicador era que a "conversão" requereu uma renúncia muito grande. O convertido deveria abandonar a sua própria cultura e adotar um novo estilo de vida, nesse caso um estilo estrangeiro.

A partir da documentação, especificamente os relatórios pastorais²⁷, identifiquei que a decisão inicial do Pastor Rickli foi de organizar a sede do trabalho do Campo Missionário, no Piquiri²⁸, município de Cascavel, por se tratar de localização estratégica para acesso as demais localidades no Oeste: “[...] procurei organizar a sede do trabalho no lugar denominado Piquiri no município de Cascavel. Vissavamos iniciar também uma escola com o nome de ‘Escola Evangélica Rural Piquiri’” (grifo meu).

Um dos trechos que chamou atenção no registro histórico da IPCC, em seu I Livro de Atas, foi: “*vendo o pastor (Martinho Rickli) que em Cascavel as possibilidades eram grandes*” (grifo meu). Foi necessário analisar esta citação, principalmente, pois quem a escreveu não fora o Pastor Rickli, mas o secretário de atas do conselho da IPCC por ocasião da organização da igreja.

É importante realizar a leitura desta fala tendo em mente o contexto histórico do momento. Entenda-se “as possibilidades” a partir do número de famílias que foram identificadas como simpatizantes ao protestantismo. E famílias protestantes que migraram para Cascavel, as quais não frequentavam suas igrejas de origem, pois não havia presença das mesmas em Cascavel, nem atendimento pastoral. Por outro lado, a de se considerar também, a imagem negativa sobre o catolicismo defendida pela igreja protestante.

²⁷ Relatórios datados a partir de 1953 a 1966. Estes relatórios eram preparados e apresentados nas reuniões do presbitério. Uma maneira de prestação de contas sobre o andamento do trabalho realizado a cada ano.

²⁸ O povoamento nesta região iniciou-se por volta de 1950. Sua primeira denominação foi Conquista, crê-se devido ao pioneirismo da época em área de floresta virgem. Algum tempo depois foi nomeada de Reconquista e finalmente Alto Piquiri. A palavra Piquiri originou-se dos índios que habitavam o local, os Paiquerês. Como a sede se localiza no local mais alto do Vale do Piquiri sua denominação final foi de Alto Piquiri. Criado através da Lei Estadual nº. 4.245 de 25 de julho de 1960 e instalado em 15 de novembro de 1961 foi desmembrado de Cruzeiro do Oeste. Fonte: Prefeitura Municipal de Alto Piquiri.

Quando digo imagem negativa, estou referindo-me ao fato de que a ação protestante no Brasil, desde a sua chegada, sempre enfatizou o catolicismo brasileiro como uma religião atrasada, atravessada de credices, contrapondo-se a imagem do protestantismo, que era disseminado como uma religião intelectualizada, produtora de uma moral social, propulsora do progresso, da modernização, ou seja, da “civilização”.

Antes da edificação de um templo presbiteriano em Cascavel, o Pr. Martinho Rickli fez uso de visitas periódicas ao Campo Missionário. Uma das primeiras providências foi identificar famílias de presbiterianos fixados em Cascavel. Ao que parece, com as primeiras visitas, foi identificada uma família por sobrenome Samways, uma família que cedia a sua residência para reuniões de culto mensalmente.

Percebe-se portanto, que esta estratégia fazia parte da ação presbiteriana, como é dito a seguir:

Assim, nas vilas e cidades, os presbiterianos quase sempre chegaram na frente e, pondo em prática sua estratégia de reunir a vizinhança para o culto em suas casas, foram logo organizando suas congregações e igrejas com pessoas também descomprometidas, porque cortaram seus laços com a antiga paróquia e, às vezes, com a própria família em razão do distanciamento geográfico e social. Agora, além da habitual presença nos bairros rurais e fímbrias das vilas, eles se estabeleceram também no espaço urbano, antes da chegada da Igreja Católica. (MENDONÇA, 2001, p. 48)

Conforme consta no Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul (1953 a 1966), o pastor Rickli intensificou as visitas a Cascavel, alcançando um número cada vez maior de adeptos, tendo como princípio que o progresso material e a modernização dependia da religiosidade. E, como parte de sua mensagem, contava a concepção de que o comportamento e a moralidade dos homens e mulheres eram determinados religiosamente, daí a necessidade de “salvação” e conversão a fé reformada protestante.

Então, as visitas praticadas faziam parte da estratégia de disseminação da religião protestante no Brasil, com objetivo de alterar a conduta das pessoas. Como diz Mendonça e Velásques (1990, p.17), “Talvez seja por isso que o protestantismo que chegou ao Brasil tenha tido intenções fortemente pragmáticas: pretendendo ser elemento transformador da sociedade através da transformação dos indivíduos”. Portanto, falar de possibilidades em Cascavel, significa também a conversão de católicos ao protestantismo.

O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. O Catolicismo, por oposição, é o espírito que teme a liberdade e que, como consequência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõe a modernidade. O Protestantismo invoca a história como testemunha. Ele fala a seu favor (ALVES, 1979, p.38)

Segundo Pereira (2008), neste período a Igreja Católica era marcada por muitas crises internas, sendo alvo de constantes ataques por parte de liberais e críticos do catolicismo, que viam no catolicismo um problema para o desenvolvimento do Brasil. A justificativa para a escassez de um clero preparado, moralizante e instruído, era um problema e se tornava a justificativa para os males da sociedade brasileira.

É verdadeiramente alarmante a falta de clérigos que se dediquem com afinco aos trabalhos espirituais, bem como de novas vocações sacerdotais. Na província do Pará, paróquias existem que há doze anos e mais não têm vigário. A região do Rio Negro compreende quatorze aldeamentos e dispõe de um único padre. Em idênticas circunstâncias, encontra-se a região banhada pelo Solimões, nas três comarcas de Belém, no baixo e no alto Amazonas, existem trinta e seis paróquias vagas. No Maranhão, vinte e cinco igrejas foram, em épocas diversas, dadas como vagas, sem que jamais aparecesse um candidato. O bispo de São Paulo faz idêntica afirmativa com relação às igrejas vagas de sua diocese; o mesmo se dá em outros lugares. Em Cuiabá, nenhuma igreja tem sacerdote permanentemente e os que eventualmente nela oficiam não cumprem como deviam as instruções do bispo no sentido de instruir o povo e melhorar a paróquia. Na diocese do Rio de Janeiro, a maioria das igrejas tem padres, mas, em muitas delas, apenas temporariamente. Esse bispado compreende quatro províncias, mas, durante os últimos nove anos, apenas cinco ou seis novos padres foram ordenados, anualmente. (PEREIRA, 2008, p.104).

Acompanhando o modo aplicado em outras regiões do Brasil, o Pr. Rickli aplica em Cascavel o modelo de evangelismo por meio da amizade, estabelecendo laços sociais com os sitiantes e logo depois, passa a alcançar os bairros no centro da cidade.

Apesar de relatos da presença esporádica de missionários e pastores brasileiros em sedes de fazendas, foi nos bairros que se formaram as primeiras congregações, a partir de grupos de vizinhança e sob a liderança do primeiro sitiante a se converter com sua família. (MENDONÇA, 2001, p. 46)

Segundo consta no Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul (1953 a 1966), o atendimento pastoral ao Campo Missionário realizou-se por meio de visitas periódicas.

Como inicialmente a sede do trabalho missionário ficou no lugar denominado Piquiri, as margens do Rio Piquiri, próximo a cidade de Nova Aurora, as visitas ao Campo Missionário eram feitas regularmente. Em Cascavel, conforme consta no Livro de Registro do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul, as visitas foram realizadas entre 1953 a 1956. Dentre estas visitas, consta no Livro de Registro, as famílias: Budach, Blum, Gonçalves dos Santos, Souza, sendo que estas famílias cediam o espaço de suas casas para a realização de cultos, formando os denominados pontos de pregação.

No ano de 1956, foi construído o primeiro templo de madeira, na Rua Paraná S/Nº, no centro, onde hoje, funciona a Biblioteca Municipal de Cascavel. As visitas seguiram, porém, já não em casas, devido ao templo. Sempre no 1º domingo do mês havia uma reunião com as famílias na sede construída, que passa a ser chamada de Congregação Presbiteriana de Cascavel.

Em 1958, com a conversão de novas pessoas, houve um acréscimo do número de membros, num total de: 30 homens; 07 mulheres e crianças (não foi citado o número). O que motivou a vinda, mudança da sede da missão do Piquiri, para Cascavel. Assim, o pastor Martinho Rickli passa a morar em Cascavel, e continua atendendo o campo missionário com visitas rotineiras.

Por fim, em 1965, conforme consta no Livro de Registro, a estatística da membresia foi a seguinte: Adultos (77 masc / 74 fem) Crianças (76 masc / 96 fem), num total de 322 membros. Dentre estes constavam as seguintes famílias: *Samways, Schumaker, Menezes, Eller, Freire, Dantas Teixeira, Pereira Lima, Muzi, Liberato, Braga Ludgero, Simão da Silva, Budach, Pereira Barbosa, Américo Farias, Lima, Mehret, Carneiro e Ricci.*

Concluindo, em 1954 o Pastor Rickli passa a morar de maneira definitiva no Piquiri. E, somente em 1958, transfere-se para a cidade de Cascavel, permanecendo até janeiro de 1963, quando foi designado para assumir a cidade de Turvo/PR. Ficava em seu lugar o Rev. Roberto Ademar Pavelec, pastor responsável pelo atendimento da Congregação Presbiteriana de Cascavel, e, organização da IPCC em 1966.

3.4 OS MEIOS MIDIÁTICOS

Os meios de comunicação sempre tiveram uma função importante para a religião. Como disse Campos (2008, p.5), “*foi graças à tecnologia desenvolvida por Gutemberg (1450) na produção da página impressa que os textos de Lutero e de Calvino ganharam a Europa*”. E neste sentido, tanto a prensa tipográfica, quanto a invenção do rádio, estabeleceram novas formas de contato entre líderes religiosos e fiéis.

A partir das fontes, jornal e rádio, observei que o campo religioso em Cascavel vivia uma luta de poderes, como Bourdieu (2004, p. 29) diz ao falar sobre campo religioso “o campo religioso é um campo de forças e um campo de lutas entre agentes e instituições, entre agentes e agentes e entre agentes e fiéis”. E, segundo Canclini (1986), “um *campo* consiste na existência de um capital comum e na luta por sua apropriação”. Já Rodrigues, entende campo como:

Trata-se de uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio específico da experiência (RODRIGUES, 2000, p. 193).

Fica claro que os meios midiáticos da época (entendam-se aqui, rádio e imprensa escrita), foram parte constitutiva da ação conversionista presbiteriana em Cascavel, permeando as tentativas dos missionários e outros religiosos de formar e consolidar essa igreja protestante no país.

Passemos agora a análise dos esforços conversionista do protestantismo praticado pela IPCC em Cascavel, por meio do rádio e jornais, a saber: Programa na Rádio Colméia e publicações no Jornal Diário do Oeste.

Inicialmente temos a utilização do Jornal Diário do Oeste. Neste sentido, para problematizar a questão do uso deste espaço midiático, busquei conhecer o que existia de periódicos produzidos em Cascavel durante os anos 1952 a 1966. Isso foi possível graças ao Acervo público da Biblioteca Municipal de Cascavel, onde se encontram materiais

arquivados, como os cadernos mensais do jornal Diário do Oeste catalogado e identificado pelo mês e ano.

O que chamou atenção ao ler as publicações, está na disposição da coluna Flashes Religiosos (anexos 06 e 07), pois em todas elas, está lá, a Igreja Católica e a Igreja Presbiteriana, uma questão que ao meu ver evidencia uma luta pelo poder religioso. Ou seja, temos aqui a disputa pela atenção do público cascavelense. Podemos então dizer que as relações sociais entre as duas igrejas se estruturam e se articulam sobre o princípio do poder.

A aceitação de um discurso como verdadeiro e ortodoxo e a rejeição de outro como falso e heterodoxo se dá no nível do poder político dos sujeitos que enunciam e sustentam tais discursos. O que importa é quem tem a última palavra. (ALVES, 2004, p. 45)

Os anexos 08 e 09 são documentos que mostram a ocorrência de pagamentos a esses meios para comunicação. Portanto, a análise desses documentos foi realizada a partir da mídia enquanto registro dos acontecimentos que marcam a história. Como nos diz Dinez (1986), a mídia é um centro de memória sobre pessoas, costumes, cultura. E, segundo Le Goff (1992), a memória é um elemento importante no estudo da identidade, seja individual ou coletiva. Deste modo:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 36).

As imagens fazem parte do conjunto de anúncios divulgados pela Igreja Presbiteriana Central de Cascavel no Jornal Diário D’oeste. Este jornal circulou em Cascavel entre os anos de 1962 a 1969. E, segundo Jawsnicker (2005), na capa, logo abaixo do logotipo do jornal – em verde – lia-se o lema da publicação: “*Um jornal a serviço do município, estado e do Brasil*”.

Esses documentos (anexo 06 e 07) nos remetem as tentativas de propagação do protestantismo por meio da imprensa, pois tais publicações religiosas foram utilizadas como uma forma de proselitismo junto à população local, como nos diz Vasconcelos (2011), “*desde os primórdios de sua atuação, os protestantes utilizam os impressos com vistas à formação dos grupos denominacionais, na difusão de sua crença e de suas ideias, como recurso pedagógico*”.

Assim, esses documentos (anexos 06, 07, 08, 09), representam estratégia de aproximação e inserção junto à sociedade, cumprindo assim uma dupla função, disseminar a religião protestante, bem como ser meio de comunicação para apresentação das ações efetuadas para alcançar novos adeptos. Como nos diz Chartier (1991, p.178), “A circulação múltipla dos escritos impressos modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos, transformou as relações de poder”.

Portanto, estou trabalhando com a noção de campo que incorpora as relações de força e poder nas dinâmicas sociais e na forma como os indivíduos e instituições se posicionam em sociedade. É assim, que vejo o campo midiático em Cascavel, como um campo que exerce seu poder simbólico através do contexto social como diz Rodrigues, ao tratar da conceituação de campo, para ele, campo é:

Uma instituição dotada de legitimidade indiscutível, publicamente reconhecida e respeitada pelo conjunto da sociedade, para criar, impor, manter, sancionar e restabelecer uma hierarquia de valores, assim como um conjunto de regras adequadas ao respeito desses valores, num determinado domínio específico da experiência (RODRIGUES, 2000, p.193).

A relação entre protestantes e à imprensa não era algo novo no Brasil. Como nos diz FEBVRE e MARTIN, (1992, p. 283), “desde a reforma que a imprensa vem ajudando a difundir as novas ideias por meio da publicação dos escritos de seus primeiros líderes”.

Portanto, a ação conversionista protestante andou lado a lado dos recursos da imprensa, tendo nela, a imprensa, seu grande aliado para a propagação dos ideais protestantes.

Compreende-se, assim, que as tentativas de propagação do protestantismo estiveram normalmente relacionadas com as atividades de imprensa, o que também pôde ser observado no Brasil, onde as publicações religiosas foram largamente usadas como uma forma de proselitismo junto à população local,

à qual os missionários se dirigiam de forma abrangente, mas também como parte de sua atuação em relação aos imigrantes. (FEBVRE e MARTIN, 1992, p. 305-306).

O uso do meio midiático praticado pelos presbiterianos em Cascavel aproxima-se do que William (1992, p. 13) diz sobre cultura, a saber, “trata-se de um conjunto de práticas e de experiências que envolvem a vida toda: nossos significados, nossas percepções formadoras da subjetividade e de visão de mundo”. E, isto quer dizer que o uso do meio midiático, enquanto estratégia da ação conversionista atuou criando valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes. É o que diz Fenelon (2004, p.15), “a imprensa é uma prática social constituinte da realidade social, que modela formas de pensar e agir. Define papéis sociais, generaliza posições e interpretações que pretendem compartilhadas e universais”.

Os missionários protestantes, desde os primórdios de sua atuação no Brasil, visaram à conversão de brasileiros ao protestantismo, fazendo uso dos impressos como recurso pedagógico com vistas à formação dos grupos denominacionais, na difusão de sua crença e de suas ideias. Portanto, é relativamente fácil concluir que o recurso midiático foi utilizado com vistas a formar uma mentalidade protestante por meio de uma coesão entre os conversos e também, para fortalecer as práticas protestantes nestas novas comunidades que se formavam pelo Brasil.

O caos vai sendo modelado pela Bíblia; escassas visitas pastorais; pela Imprensa Evangélica; pelos hinos cantados; pelos livros e panfletos, tanto planejados pela Missão para dar forma ao movimento, como produzidos pela iniciativa privada para o mercado (Laemmert, em parte; Vanorden), além dos que brotam de conjunturas pessoais ou nacionais: Conceição, com a Sentença de Excomunhão; Miguel Torres; Antônio Pedro. Os sermões do Púlpito Evangélico são lidos e/ou soletrados em cidades e na roça. (RIBEIRO, 1987, p.162).

Como parte fundamental desta estratégia, há de ser considerada a utilização do rádio e imprensa para a leitura da Bíblia como meio para difusão da doutrina protestante. Assim, tanto a fé, como a experiência da vida cotidiana dos convertidos, deveria ser pautada pela “única regra de fé e prática”, a Bíblia. Isto, pelo fato de que segunda a doutrina protestante, e no caso, a presbiteriana, a Bíblia é concebida a partir da infalibilidade e inerrância, garantia de uma vida cristã autêntica.

Segundo Ribeiro (1981), a utilização da Bíblia enquanto meio para disseminação do protestantismo, tem algo a revelar, ou seja, uma contraposição às práticas católicas. A explicação está no fato de que enquanto no catolicismo, o acesso a Bíblia, era algo essencialmente da cátedra, isto é, do clero, no protestantismo, e no caso, presbiteriano, dispensava-se o intérprete, pois havia a livre interpretação por meio da leitura direta da Bíblia, o que foi altamente importante para a expansão da fé protestante.

Ainda conforme Ribeiro (1981), por outro lado, deve-se considerar que a leitura da Bíblia exigia certo grau de conhecimento e saber, o que de certa forma, determinou uma prática seletiva dos fiéis, pois ser protestante significava também ser letrado. E, ainda havia a questão da racionalidade reformista do combate a toda prática supersticiosa e pagã, que na ótica protestante, explicava todo atraso espiritual e moral das pessoas. E, que deveria ser combatido e eliminado a partir da leitura da Bíblia.

Tanto a utilização do rádio como do jornal, cumpriu uma função pedagógica na prática presbiteriana em Cascavel. Digo função pedagógica, no sentido de difundir e ensinar a doutrina religiosa como definida pela Igreja Presbiteriana. Portanto, o protestantismo foi estrategicamente introduzido e disseminado pelos missionários presbiterianos a partir da convicção de que a religião era elemento determinante do comportamento e do progresso humano na sociedade.

Conforme Chartier (2002), para o disseminar de modelos ou padrões é possível à utilização dos meios de comunicação para a formação de opinião. Pensando desta maneira, ao utilizar o jornal, os presbiterianos tornavam-se formadores de opinião pública, disseminando modelo de comportamento e de crença religiosa entre os seus convertidos. Assim, a ação específica desta estratégia era a de divulgação das doutrinas protestantes, fazendo circular entre a população cascavelense as doutrinas, credo religioso, princípios, formas de exercícios dos cultos e sua confissão de fé. E isto, sempre em linguagem clara e simples, de modo a atrair a atenção e o interesse das pessoas.

Desta forma, os presbiterianos buscavam disseminar os valores e doutrinas protestantes por meio da mídia, rádio e jornal, buscando conquistar novos adeptos a fé por meio dos textos publicados e programas transmitidos.

O rádio como meio de divulgação da Igreja Presbiteriana em Cascavel foi utilizado tanto pelo pastor Martinho Rickli, como pelo pastor Ademar Pavelec. Ambos os pastores utilizaram o rádio de forma conversionista.

Após tentativas de obter documentos e informações sobre o programa que aparece citado anteriormente, “A Hora Presbiteriana”, localizei via telefone a Sra. Nerice Alves da Silva, jornalista que apresentava o programa juntamente com o pastor Martinho. Recebi um pequeno texto cedido pela Sra. Nerice, que assim diz:

[...] Conforme conversamos pelo telefone estou enviando dados que obtive através de uma filha do Pastor Martinho Rickl. Ele começou o trabalho em Cascavel em 1952 como pastor missionário e morava em Nova Aurora, trabalhava nas redondezas e foi quando nos conhecemos em meados 1955 que fazia culto nas casas de dona Elma, dona Léia Cordeiro e na casa de dona Rute que é minha mãe. O programa da Rádio Colméia, que eu era locutora iniciou-se no começo do ano de 1963 acompanhado pelo pastor Roberto Ademar Pavelec. Esse programa evangélico era chamado a “A hora Presbiteriana” e começava às 12h às 12h30min, e através do mesmo, muitas famílias foram alcançadas podendo assim iniciar a Igreja Presbiteriana de Cascavel. Agradeço pela lembrança e por ter ajudado no seu apanhado de informações. Att. Nerice Alves da Silva (texto enviado via e-mail em 22 de setembro de 2013).

O rádio, além de contribuir com a difusão da doutrina protestante, também cumpriu outra função, levar até as casas dos fiéis, a orientação para o culto doméstico. E, isto se explica, pois a possibilidade de desvios doutrinários e de convicções protestantes por parte dos fiéis ao longo da semana, era bem real, já que estavam em contato com outras pessoas de outras crenças.

Portanto, buscando contornar tais ameaças, entenda-se aqui, a influência dos valores “mundanos”, as “crendices populares” e os “valores místicos”, os presbiterianos encontraram no rádio, um importante aliado a ser utilizado como meio de orientação para as devocionais familiares em suas residências. Semanalmente, de maneira estratégica, com linguagem simples e clara, os ouvintes recebiam as orientações quanto ao culto doméstico a ser realizado na família.

Segundo Febvre e Martin (1991) informam, o protestantismo de um modo geral sempre manteve uma preocupação com a divulgação dos seus valores e crenças. Assim, desde Lutero, a preocupação com a divulgação das “verdades” se manifestava com a disseminação

dos escritos. Portanto, “Era preciso tornar a leitura [...] mais facilmente acessível aos fiéis, sendo esta uma das principais tarefas da imprensa [...]”.

Conforme Silva (2011), a ação evangelizadora da Igreja Presbiteriana, efetuada a partir dos impressos, procurava moldar os membros das suas comunidades. Deste modo, tentava-se moldar o comportamento dos seus membros, para que os mesmos tornassem-se diferenciados e que também atentassem para os princípios da moral e da ética.

Por fim, as figuras 010, 011, 012, 013 representam o discurso religioso presbiteriano em Cascavel, portanto, seja através do jornal ou rádio, os pastores da IPCC, segundo seus discursos ou mensagens, apresentam-se como representantes de Deus, que procuravam ensinar os preceitos divinos às pessoas, porém, o discurso anunciado, segundo Souza (2011, p.35), “*mais se aproximava de um discurso autoritário. Isto, devido ao fato de que a polissemia era contida, pois não era possível contestar a autoridade do representante de Deus*”.

Assim, a utilização do rádio e jornal pelos presbiterianos, garantia a disseminação da sua visão de mundo, suas impressões e posicionamentos teológicos e doutrinários, sendo estratégia indispensável para divulgar e fortalecer sua religião entre a sociedade cascavelense. Por outro lado, a utilização do jornal e rádio, serviu como estratégia para a inserção da religião protestante no Brasil e, conseqüentemente em Cascavel, isto ficou presente nas mensagens anunciadas via jornal e rádio, através das quais, percebem-se claras intenções de conquistar prosélitos.

3.5 A ORGANIZAÇÃO DA IPCC

Logo após designação como iniciador do trabalho presbiteriano no Oeste do Paraná, o que aconteceu em 19 de julho de 1952, o Pr. Rickli passou a realizar visitas periódicas ao Campo Missionário, que na ocasião estendia-se de Nova Aurora até Foz do Iguaçu.

Inicialmente, o Pr. Rickli fixou residência na zona rural, as margens do Rio Piquiri, nas proximidades de Nova Aurora. Na região, mediante visitas ao Campo, o pastor Rickli começou a reunir diversas famílias para ouvir a pregação do Evangelho.

Em Cascavel não foi diferente. Uma de suas primeiras providências foi identificar um elo, ou seja, alguma família de protestante que oportunizasse a realização de cultos familiares em momentos de visita à cidade. O que logo veio a ocorrer ainda no ano 1952. Através de visitas, o Pr. Rickli conheceu a família Budach, família que viera de mudança para Cascavel e eram de confissão Luterana, porém, não se achava uma comunidade em Cascavel.

Assim, a residência dos Budach tornou-se ponto de pregação nas visitas a Cascavel. Uma segunda família que veio dar suporte ao trabalho presbiteriano em Cascavel, e conseqüentemente ao Pr. Rickli foi à família Blum, que se tornou também, ponto de pregação.

Durante os anos de 1952-55, diversas visitas foram realizadas à Cascavel. Diversas famílias visitadas. E, o número de presbiterianos foi aumentando. Em 1955, devido desenvolvimento e permanência das famílias simpatizantes ao presbiterianismo, Cascavel passou a ser designado como Congregação Presbiterial, um dos primeiros passos para a futura organização da Igreja. Neste ano, a congregação contava com um rol de sete membros professos que comungavam da causa presbiteriana.

Em 1956, é extinto o Presbitério do Sul (anexo 10), e conseqüentemente é formado o Presbitério de Curitiba, com sede em Curitiba/PR. Então, Cascavel passou a pertencer administrativamente ao Presbitério de Curitiba. O ano de 1956 ainda guardava algumas conquistas, dentre estas, a construção do primeiro templo presbiteriano, em lugar nobre da cidade. Fato que nos chama atenção e consta no relatório de registro do Pr. Rickli, é que a madeira utilizada para construção deste templo fora doação do então Governador Moisés Lupim e grande parte das despesas com a construção, foram adquiridas com diversas pessoas da cidade. O ano de 1956 encerra com um saldo bastante promissor: 1º templo construído e uma membresia frequente na ordem de 10 membros maiores e nove crianças.

Em 1958, o Campo Missionário contava com sete pontos de pregação distribuídos pela região a partir das residências dos membros; um rol de membros maiores professos (batizados e com profissão de fé) com 37 membros (30 homens e sete mulheres); 17 membros menores (que não haviam realizado a profissão de fé, isto é, declarado publicamente a fé) 11 meninos e seis meninas.

Também neste ano de 1958, em virtude da necessidade de atendimento presencial aos crentes de Cascavel, o Pr. Rickli resolveu mudar-se, fixando residência em Cascavel. Esta decisão fora motivada pelo fato de que não havia ainda em Cascavel um responsável pelo atendimento pastoral da Congregação. Contudo, o que percebo lendo os registros no livro do trabalho missionário, é que havia uma *preocupação quanto à dispersão dos membros e objetivava-se também, combater as ameaças católicas*.

Sequencialmente, a partir de 1958, ao final de cada ano era feita a estatística de crescimento do Campo Missionário, de modo que: 1960 (53 membros maiores e 48 menores / nove pontos de pregação na cidade); 1961 (70 membros maiores e 33 menores); 1962 (89 membros maiores e 97 menores); 1963 (135 membros maiores); 1964 (112 membros maiores e 139 menores); 1965 (151 membros maiores e 171 menores); 1966 (215 membros maiores e 249 menores).

O ano 1962 foi marcado por remanejamento no Campo Missionário. O Presbitério de Curitiba tomou a decisão de retirar o Pr. Rickli de Cascavel, designando-o para a cidade do Turvo/PR. E, a Congregação de Cascavel recebeu seu novo pastor, Roberto Ademar Pavelec. Sendo no tempo de seu trabalho frente ao Campo Missionário que a Congregação de Cascavel será organizada definitivamente em Igreja conforme os regulamentos da IPB nacional.

A missão presbiteriana traz para o Brasil uma forma eclesiástica que foi muito influente na formação da nação Americana. A forma representativa de governo republicano, nele, todos os membros da Igreja e todas as congregações locais elegem representantes que formam conselhos para governar a Igreja em várias instâncias jurídicas: no nível local, regional e nacional. O poder fica assim dividido entre clérigos e leigos.

Por fim, como orienta a Constituição da IPB, aos 15 de maio de 1966, a Congregação de Cascavel foi organizada em Igreja (anexos 11, 12, 13, 14). Na ocasião foram recebidos como membros: 70 membros maiores e 62 membros menores. A frente da liderança da nova igreja fica: Pastor presidente Roberto Ademar Pavelec; Conselho local formado pelos presbíteros eleitos em Assembleia da Igreja – Rui Carneiro, Júlio Gomes Barbosa e Antônio Simões de Araújo; e sua Junta Diaconal eleita em Assembleia da Igreja – Pedro Luciano, Nicanor Schumaker e Alberto Blum.

CAPÍTULO II - ORGANIZAÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS - Art.4 - A Igreja local é uma comunidade constituída de crentes professos juntamente com seus filhos e outros menores sob sua guarda, associados para os fins mencionados no Art.2 e com governo próprio, que reside no Conselho. § 1º - Ficarão a cargo dos Presbitérios, Juntas Missionárias ou dos Conselhos, conforme o caso, comunidades que ainda não podem ter governo próprio. § 2º - Essas comunidades serão chamadas pontos de pregação ou congregações, conforme o seu desenvolvimento, a juízo do respectivo Concílio ou Junta Missionária. § 3º - Compete aos Presbitérios ou Juntas Missionárias providenciar para que as comunidades que tenham alcançado suficiente desenvolvimento se organizem em Igrejas. Art.5 - Uma comunidade de cristãos poderá ser organizada em Igreja, somente quando oferecer garantias de estabilidade, não só quanto ao número de crentes professos, mas também - quanto aos recursos pecuniários indispensáveis à manutenção regular de seus encargos, inclusive as causas gerais e disponha de pessoas aptas para os cargos eletivos. Art.6 - As Igrejas devem adquirir personalidade jurídica. Parágrafo Único - Antes de uma congregação constituir-se em pessoa jurídica deve organizar-se em Igreja. Art.8 - O governo e a administração de uma Igreja local competem ao Conselho, que se compõe de pastor ou pastores e dos presbíteros. Art.9 - A Assembleia geral da Igreja constará de todos os membros em plena comunhão e se reunirá ordinariamente, ao menos uma vez por ano, e, extraordinariamente, convocada pelo Conselho, sempre que for necessário, regendo-se pelos respectivos estatutos. (Igreja Presbiteriana do Brasil – Manual Presbiteriano, 1999, p.10,11).

Pensando agora administrativamente, a incipiente comunidade presbiteriana pesquisada a partir da delimitação 1952 – 1966 era Campo Missionário do extinto Presbitério do Sul e posteriormente Congregação Presbiterial do Presbitério Curitiba, e foi atendida primeiramente pelo pastor Rickli, 1952-62 e pelo pastor Pavelec, 1963-67. Entretanto, com a organização da comunidade em Igreja Presbiteriana Central de Cascavel em 1966, a nova igreja foi arrolada na jurisdição do Presbitério ²⁹ de Ponta Grossa.

Concluindo este capítulo, é importante considerar que a organização da IPCC, representou a inserção protestante no contexto sociocultural em Cascavel. Por outro lado, esta comunidade buscou relacionar-se com as pessoas, propondo uma visão missiológica, ou seja, conversão por meio da mudança de vida. O que implicava na negação dos valores, condutas e práticas do catolicismo ou de qualquer outra expressão de religiosidade contrária ao protestantismo. E, conseqüentemente, requeria dos seus fiéis, a aceitação de novos valores e de novos princípios, definidos do ponto de vista protestante/presbiteriano. Sendo os mesmos, definidos como padrão e modelo de valores éticos e práticas coerentes com a fé reformada.

²⁹ No sistema presbiteriano de governo, o Presbitério é o órgão eclesiástico que supervisiona o trabalho administrativo e o ensino bíblico-doutrinário das igrejas incluídas numa determinada região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O calvinismo é considerado o ramo da reforma Protestante que teria produzido uma teologia política e uma ética social mais consistente do que as demais práticas religiosas aqui no Brasil. A Igreja Presbiteriana do Brasil é herdeira do movimento reformado, não tendo recebido sua teologia, evidentemente, de modo direto do que poderia se chamar de calvinismo primitivo, mas sim da ação missionária do protestantismo norte-americano.

A Igreja Presbiteriana do Brasil é herdeira da Reforma religiosa do século XVI, do ramo chamado calvinista. No entanto, a chegada do primeiro missionário presbiteriano ao Brasil somente aconteceu em agosto de 1859. Trata-se de Ashbel Green Simonton, jovem pastor presbiteriano dos Estados Unidos da América. Assim, a Igreja Presbiteriana do Brasil é fruto do ramo calvinista da Reforma Protestante do século XVI. Rejeitando a cultura e condenando a religiosidade católica romana responsável, em sua visão, pelo pouco desenvolvimento do país.

Portanto, o que é perceptível na pesquisa é que a IPCC é herdeira da IPB, no que concerne a Reforma. Suas características e seu modo de ser são tão herdados do calvinismo adotado pelos puritanos e, na teoria, sua postura social e política são expressas por Calvino e pelas Confissões de Fé de origem calvinista, embora a Igreja Presbiteriana só adote oficialmente a Confissão de Fé de Westminster como documento que condensa a maioria das ideias que deveriam soar uníssonas na comunidade religiosa, ou seja, condensa em torno de seus 35 capítulos o conjunto de concepções e crenças construídas e reproduzidas pelos fiéis.

Não foi tarefa simples, nem tão pouco fácil chegar ao recorte temático, opção teórica e especificar o objeto. A dificuldade revelou-se na limitação do número de pesquisas sobre o protestantismo ou protestantes a partir da história cultural. Ainda é mediano o número de pesquisas sobre a presença e ação dos protestantes no Brasil. Por outro lado, ainda é um tema interpretado como isolado na sociedade brasileira. Talvez, pelo fato do movimento protestante apresentar uma característica de reação pragmática diante da religião oficial ou constituírem-se em grupos religiosos minoritários. Ou ainda, devido à piedade protestante, que condena alguns aspectos da vida do indivíduo em sociedade. Por outro lado, a produção de pesquisas sobre a IPB formam na sua maioria pesquisas ufanistas, apologéticas, servindo basicamente para a própria comunidade, o que foi explicitado na revisão bibliográfica.

A produção historiográfica acerca da história de Cascavel/PR, dentre elas pesquisas produzidas por historiadores regionais e outras pela iniciativa dos órgãos gestores da Prefeitura local, permite a problematização de inúmeras questões. Contudo, percebi certo silêncio, pois ainda é pequena a produção de pesquisas sobre a presença protestante na região, quer seja em Cascavel ou mesmo na região Oeste do Paraná.

Problematizar a formação da primeira igreja presbiteriana permitiu perceber como o protestantismo de missão foi capaz de transformar a cosmovisão do sujeito presbiteriano, mudando inclusive a sua identidade, e alterando também sua relação com a realidade e o mundo. E isto quer dizer o seguinte: uma mudança no sistema de valores e visão de mundo. Sendo que a questão mais intrigante é que o antigo estava errado e o novo é o certo.

Procurei demonstrar que o protestantismo, desde os seus primórdios, fez uso de estratégias de disseminação. Assim, as tentativas de propagação do protestantismo sempre estiveram normalmente relacionadas com as atividades midiáticas, o que também pôde ser observado em Cascavel, onde o rádio e a imprensa religiosa foram largamente usados como uma forma de proselitismo junto à população local.

Por fim, a partir dos registros em relatórios e atas da IPCC, podemos concluir que o presbiterianismo praticado em Cascavel, pode ser caracterizado como “Protestantismo de Reta Doutrina”, o que fica bem distinto quando se observa o processo de adesão a fé protestante. Ou seja, para que o indivíduo pudesse participar de uma comunidade protestante de missão em Cascavel, no caso aqui a IPCC, foi necessária a concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressão da verdade, e afirmadas sem nenhuma sombra de dúvida. O que também significava uma ação punitiva, quando estes mesmos códigos de condutas eram quebrados, dando lugar ao uso da disciplina como meio de punição e restauração.

Os livros de atas dos Conselhos das igrejas revelam um elevado número de ações disciplinares contra pessoas que foram a bailes. A Justificação para tal atitude, segundo um pastor, se deve ao fato de “ser impossível a um homem normal, tendo nos seus braços uma mulher, sentindo o seu corpo, evitar o aparecimento de paixões impuras e desejo sexual”. “O problema do baile”, afirmava outro, “continua a desafiar a honestidade dos conselhos. Ao que saibamos, só existe um folheto de Miguel Rizzo “A Dança e a Psicanálise” para combater o perigo sexual do baile”. O rigor disciplinar protestante frente ao baile parece indicar que, segundo a sua interpretação, o baile é uma versão estilizada e simbólica do ato sexual e que, portanto, ir ao baile é expor-se voluntariamente à tentação que inevitavelmente macula a pureza que deve marcar a personalidade crente. (ALVES, 1979, p.176).

FONTES

✓ **Documentos Eclesiásticos**

- a) I Livro de Atas do Conselho da Igreja Presbiteriana Central de Cascavel: Atas 01 a 09 referentes a 1966, p.01 a 28.
- b) Livro de Registros do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul: Registro 01 a 15; 1953 a 1966; p.01 a 44.
- c) Livro de Atas do Presbitério do Sul: Ata de 20 de janeiro de 1956.
- d) I Livro de Atas do Presbitério de Curitiba: Atas de 1956 a 1965.
- e) I Livro de Atas do Presbitério de Ponta Grossa: Ata de 12 de janeiro de 1965.
- f) Livro de Registro da Membresia da IPCC – 1966.
- g) Certidão de Registro da IPCC – 1966.
- h) Relatórios Pastorais do Rev. Martinho Rickli – 1956 a 1964.

✓ **2. Periódicos**

- a) Brasil Presbiteriano.
- b) Diário D'Oeste.
- c) Gazeta do Paraná.
- d) O Comunitário.
- e) Cascavel 50 anos/Secretaria de Cultura.

✓ **Sites Institucionais**

- a) INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>.
- b) ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ (AMOP). Disponível em: <<http://www.amop.org.br/>>.
- c) PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/>>.

BIBLIOGRAFIA

ADAMY, Irene Spie. **Formação e Organização Política da Classe Dominante Agrária: A sociedade Rural do Este do Paraná**. Dissertação Mestrado em História. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2010.

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no Campo de Estudos da Religião e da História. In: GUERRIERO, Silas (Org.). **O Estudo das Religiões: Desafios Contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Estudos da ABHR).

_____. Historiografia e Religião. De. Disponível em <http://www.pucsp.br/revistanures/revista5/nures5_eduardo.pdf> Acesso em: 27 nov 2013.

ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.

_____. Variação sobre a vida e a morte. São Paulo: Paulinas, 1985.

AMARAL, Epaminondas Melo do. **O Protestantismo e a Reforma**. São Paulo: Livraria Sal e Luz, 1962.

ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição Sem Fogueiras - A História Sombria da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Fonte Editorial, 3ª Ed. 2010.

BAHKIN, Michail – **Marxismo e Filosofia da Linguagem** – Editora Hucitec – São Paulo, 1979.

BARTZ, Alessandro. **PERCURSOS RELIGIOSOS E ADESÃO: COMUNIDADES URBANAS DA IECLB COMO ESTUDO DE CASO**. Tese de doutorado. São Leopoldo, 2013.

BASTIAN, Jean-Pierre. **Historia del protestantismo en America Latina**. 1990.

BELLOTTI, K. K. **A mídia presbiteriana no Brasil: Luz para o caminho** e Editora cultura cristã (1976-2001). São Paulo, Annablume; Fapesp. 2005.

BERGER apud HERVIEU-LÉGER, Danièle. **La religión, hilo de memoria**. Barcelona: Herder, 2005. p. 268.

BONINO, José Míguez. **Rostos do Protestantismo Latino-Americano**. São Leopoldo: Sinodal 2002.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **O poder simbólico**. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. **A Produção da Crença – contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. 3ª ed. Porto Alegre/RS: Zouk, 2006.

_____. **Gênese e Estrutura do Campo Religioso**. In: Bourdieu, Pierre. Sérgio Micelli (org.), 5 ed. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2004.

BUCHANAN, James. **Novo Nascimento, Arrependimento e fé.** In: Fé para Hoje. Editora Fiel, São José dos Campos: 2008.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMARGO, C. P. *Católicos, Protestantes, Espíritas.* 1973. Petrópolis, Vozes.

CAMPOS, L. S. (2008) “**Evangélicos e Mídia no Brasil – Uma História de Acertos e Desacertos**”, in: Rever (Revista de Estudos da Religião). São Paulo, ano 8, set. Disponível em: *Evangélicos e Mídia no Brasil.* Acessado em 13 dez 2013.

CARDOSO, Jayme Antônio e WESTPHALEN, Cecília Maria. **Atlas histórico do Paraná.** Curitiba: Livraria do Chain Editora, 1986.

CARVALHO, Francismar. **O Conceito de Representações Coletivas segundo Roger Chartier.** Diálogos, Maringá, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

CESAR, W. *Para uma sociologia do Protestantismo brasileiro.* 1973. Petrópolis, Vozes.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações.** 1990. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

_____. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGGS, 2002.

_____. **O mundo como representação.** Estudos Avançados, maio, 1991.

COENEN, Lothar e BROWN Colin, **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.** 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 416.

COLODEL, José Augusto. **Obrages & companhias colonizadora: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960.** Cascavel: Assoeste, 1988.

Constituição Política do Império do Brasil (de 25 de março de 1824). Documento disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso em 25 nov 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida N. **História Oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

DEITOS, Nilceu Jacob. **Presença da Igreja no Oeste do Paraná: A construção do imaginário católico (1930-1990).** Tese (doutorado em história). Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto alegre, 2004.

DIAS, Caio Smolarek; FEIBER, Fúlvio Natério; DIAS, Solange Irene Smolarek. **Cascavel: um pedaço no tempo. A história do planejamento urbano.** Cascavel, PR: Sintagma Editores, 2005.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2001.

DINES, Alberto. **O papel do jornal.** São Paulo: Summus, 1986.

- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador - A história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FARIA, Eduardo Galasso. **Fé e compromisso: Richard Shaull e a Teologia no Brasil.** São Paulo: ASTE, 2002.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O Aparecimento do Livro.** São Paulo: UNESP; Hucitec, 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro et all. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- FERNANDES, Silvia. **A (re)construção da identidade religiosa inclui dupla ou tripla pertença.** Entrevista especial com Silvia Fernandes. IHU Online. 7 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511249-estamos-falando-de-re-construcao-deidentidade-religiosa-entrevista-especial-com-silvia-fernandes>>. Acesso em: 27 nov 2013.
- FERREIRA, Júlio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil.** 2 vols. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 1959.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- _____. **História, tempo presente e história oral.** Topoi, Rio de Janeiro, 2002.
- FIGUEIREDO, Lima. **O Oeste paranaense.** Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1937.
- FONTES, Marcelo. **A IPB e sua teologia – calvinista, puritana, fundamentalista?** Reflexões a partir da tradição reformada sobre eclesiologia e cultura no contexto brasileiro. Dissertação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.
- FRESTON, Paul. **Protestantismo e democracia no Brasil.** Lusotopie, Bourdeaux: 1997.
- GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: **Mitos, emblemas e sinais – morfologia e história.** São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- _____. **Descrição e citação.** In: **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo, Cia das Letras, 2007.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **Religião, educação e progresso: a contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 a 1914.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2000.
- _____. **A ética calvinista e a ética protestante de Max Weber: aproximações e contrastes.** In: LIBERAL, M. M. C. de. **Um olhar sobre ética e cidadania.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

_____. **Origens e imagens do protestantismo brasileiro do século XIX. Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2003.

_____. **As representações sociais do corpo e sexualidade no protestantismo brasileiro. Revista de Estudos da Religião**, n. 1, p. 1-38, 2006.

_____. **O protestantismo presbiteriano e o ideal de progresso: o Mackenzie College e a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914. Estudos de Religião**, São Bernardo, v. 14, n. 8, jun. 2000.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

LEITH, John H. A *Tradição Reformada – Uma Maneira de ser a Comunidade Cristã*. Tradução: Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1997.

LÉONARD, Emile-G. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: ASTE. 1963.

MACIEL, E. D. **O drama da conversão: análise da ficção Batista**. Rio de Janeiro: Cedi, 1988.

MARIANO, Maicon. **“A CAPITAL DO OESTE”: UM ESTUDO DAS TRANSFORMAÇÕES E (RE)SIGNIFICAÇÕES DA OCUPAÇÃO URBANA EM CASCAVEL – PR (1976-2010)**. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/482/ppgh_udesc_dissert_maicon_mariano.pdf> Acesso em: 30 de nov 2013.

MATOS, Alderi de Souza. (organizador). **O Diário de Simonton 1852-1866**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

_____. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____. **Síntese Histórica da Igreja Presbiteriana do Brasil**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7088.html>> Acessado em: ago. de 2013.

MCGUIRE, Meredith B. **Religião: Contexto social**. 40 ed.1997.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **A Experiência Religiosa e a Institucionalização da Religião**. Estudos Avançados. V.18. N° 52. p. 29-46. São Paulo: 2004.

_____. **O Celeste porvir**. São Paulo: Aste, Pendão Real e Edims, 1995.

_____. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola; Ciências da Religião, 1990.

MONTERO, Paula. **Religião e esfera pública no Brasil**. In: *Novos estudos CEBRAP*, 74, março: 47-65, 2006.

MORAES, Ludgero Bonilha de, *A Liberdade Cristã e o culto*. Disponível na Internet. http://www.executivaipb.com.br/Conviccoes_Liberdade.htm. 29 de Janeiro de 2004. Acesso em: 25 nov 2013.

MOSSIÈRE, G. **Psicologia da conversão: estudo de sua influência inconsciente**. Friburgo: Delval, 2007.

NASCIMENTO, Rubens. **Histórias Venenosas**. Curitiba: Aliança e Integração, 1999.

NICHOLLS, William H. **A Fronteira Agrícola na História Recente do Brasil: O Estado do Paraná, 1920-65**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/viewFile/31/6109>> Acesso em: 27 nov 2013.

NOVAES, Regina. **Os escolhidos de Deus. Pentecostais, trabalhadores e cidadania**. 1985. Rio de Janeiro, Marco Zero.

O Portal Brasil. **Religiões. Protestantismo**. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/religiao_protestantismo.htm> Acesso em: 25 nov 2013.

ORLANDI, E. P. **O discurso religioso**. In: _____. *A linguagem e seu funcionamento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 239-262.

PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. **Territorialidades Religiosas no Brasil Oitocentista: A Imprensa Evangélica e a Implantação do Presbiterianismo no Brasil (1864 – 1892)**. Revista Brasileira de História das Religiões. Setembro de 2008.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PERRIN, Christine. **Conversão no contexto inter-religioso: uma perspectiva missiológica**. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 45, n. 2, p. 61-80, 2005.

PEREIRA, Rodrigo da Nóbrega Moura. **A salvação do Brasil: as missões protestantes e o debate político-religioso do século XIX**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. Tese – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PIAIA, Vander. **A Ocupação do Oeste Paranaense e a Formação da Cascavel: As Singularidades de uma Cidade Comum**. Niterói, 2004, Tese Doutorado. 400p.

PIERUCCINI, M. A.; IWAKE, Shiguero; TSCHÁ, Olga da Conceição Pinto. Criação dos Municípios e Processos Emancipatórios. In: Alfredo Fonseca Peris. (Org.). **Estratégias de Desenvolvimento Regional**. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2003.

PIERSON, Paul. *Igreja em busca de Maturidade*. 1971.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984.

RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico: aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil (1822-1888)*. São Paulo: Pioneira, 1973.

_____. *Protestantismo e cultura brasileira, aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981. 418p.

_____. *Igreja evangélica e república brasileira (1989-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991.

_____. *O padre protestante*. 2. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

_____. *José Manoel da Conceição e a reforma evangélica*. São Paulo: O Semeador, 1995.

_____. *A Igreja Presbiteriana no Brasil, da autonomia ao Cisma*. São Paulo: Livraria o Semeador, 1987.

_____. *A igreja presbiteriana no Brasil, da autonomia ao cisma*. São Paulo: O Semeador, 1987.

RODRIGUES, Adriano D. **Experiência, modernidade e campo dos media**. In.: SANTANA, R.M. (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 169-213.

ROLIM, F. C. *Pentecostalismo: gênese, estrutura e funções*. Rio de Janeiro, 1976.

SANTOS, L. de A. *As Outras Faces do Sagrado: Protestantismo e Cultura na Primeira República Brasileira*. 2006. São Luís: ABHR.

SELL, Carlos Eduardo. **Leituras de Weber e do Brasil: da política à religião, do atraso à modernidade**, de. Disponível em <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93843306.pdf>> Acesso em: 27 nov 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção Social da Identidade e da Diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMONTON, Ashbel Green. **O Diário de Simonton**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2002.

SOUZA, Jessé. **A ÉTICA PROTESTANTE E A IDEOLOGIA DO ATRASO BRASILEIRO**. Disponível em <[Revista Brasileira de Ciências Sociais. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300006&script=sci_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300006&script=sci_arttext)> Acesso em: 27 nov 2013.

SOUZA, Marco Túlio. **Sobre o discurso neopentecostal e suas inscrições midiáticas: estudo de caso sobre um programa televisivo**. TCC, UFJF, Juiz de Fora, 2011. Acesso em: 12 dez 2013.

SPERANÇA, Alceu A.. **Cascavel: A História**. Curitiba: Lagarto, 1992.

_____. **A presença Azul**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

STRONG, Augusto Hopkins. **Teologia Sistemática um compêndio projetado para o uso do estudante de teologia**. 1903.

TOBIAS, J. A. (1991). **História da educação brasileira**. 4 ed. São Paulo, Ibrasa.

THOMPSON, E. P. Introdução. In: **Costumes em comum**. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

VALLE, Edênio. **Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa**. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 51-73, 2002.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 2ª edição.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese (Doutorado em História)–PUC, São Paulo, 2010.

_____. **IMPRESA PROTESTANTE E IMIGRAÇÃO: A distribuição de textos religiosos aos imigrantes no Brasil (1850-1930)**.

Disponível

em:

<

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao50/materia01/>>

Acesso em: out de 2013.

VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

WATANABE, T. H. B. 2006. **De pastores a feiticeiros: a historiografia de protestantismo brasileiro (1950-1990)**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, UMESP.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 11 ed. São Paulo: Pioneira. 1996.

_____. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora UNB, 1991.

WEDEMAN, Walter. **A história das missões protestantes para o Brasil, 1850-1914**. 1977.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná moderno**. 1968.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Mary W. **Dom Pedro, Imperador do Brasil**. Press. 1937.

WILLEMS, Emilio. **Seguidores da nova fé**. University Press. 1967.

WIRTH, L. E. **Novas metodologias para a História do cristianismo: em busca da experiência religiosa dos sujeitos religiosos**. In COUTINHO, S. R (org). *Religiosidades, Misticismo e História no Brasil Central*. 2001. Brasília, CEHILA, pp.171-183.

ANEXO 03 – Avenida Brasil e Avenida Tancredo Neves.



Fonte: Google Earth. Acessado em 30 de nov de 2013.

ANEXO 04 – Avenida Tancredo Neves.



Fonte: Google Earth. Acessado em 30 de nov de 2013.

ANEXO 05 – BR 277: Foz do Iguaçu – Paranaguá



Fonte: Google Maps. Acessado em 30 de nov de 2013.

ANEXO 06 – Mensagem do Pastor Martinho Rickli – meditação do dia.

JOÃO MARIA DOS SANTOS
P/Secretário
PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL
Estado do Paraná

Igreja Presbiteriana

Representada por seu Pastor Martinho Rickli ←

Apresenta: → A MEDITAÇÃO DO DIA:

E ela dará à luz um filho e lhe chamarás Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. (Mateus, 1:21.)

A história do advento de Cristo sobre a terra é sempre nova. Não perdeu nada de seu significado nem de seu interesse através dos séculos. Ao contrário, cada Natal que se sucede revela a sempre presente necessidade da continuação da obra redentora. Assim o Natal se eterniza com todo o seu colorido de beleza e de novidade.

A nossa fé e esperança é que no correr dos séculos a humanidade será salva de si mesma e integrada em Deus. O Natal é história de alegria para todo o mundo. O Senhor, na verdade, chegou.

— CONVITE —

Convida para as reuniões regulares aos domingos, às 10 horas da manhã e às 20 horas em seu Templo, à praça da Liberdade (próximo à Prefeitura) — As quartas feiras, à partir das 20 horas.

Fonte: Diário D' oeste, Cascavel, 29 de novembro 1962.

ANEXO 07 – Publicação que anunciava as atividades e horários semanais da igreja.

...valente Sings Luis Bonfá" (Catarina Valente Canta Luis Bonfá), estão sendo amplamente executados nos Estados Unidos. AV/MS/eps

Flashes Religiosos

IGREJA CATÓLICA
NOVO HORÁRIO DAS
SANTAS MISSAS AOS
DÓMINGOS E DIAS SANTOS:
 Durante o verão: 1.a Missa às 7,30 hs. — Das crianças.
 2.a Missa às 9,30 horas.
 3.a Missa às 7,30 horas da noite.
 Durante o inverno: 1.a Missa às 8 horas da manhã — das crianças.
 2.a Missa às 10 horas da manhã.
 3.a Missa às 7,30 horas da noite.

IGREJA PRESBITERIANA
 Campanha p/ Construção

Acompanhando o vertiginoso desenvolvimento da Capital d'Oeste, a Igreja Presbiteriana abriu campanha para a construção de seu novo e moderno templo, para a grandeza do nome de Cascavel e para a honra e glória de Deus. Agradecemos sinceramente a todos quantos têm cooperado nesta campanha, até o momento.

Ebenezer: "Até aqui nos ajudou o Senhor".

HORÁRIO DOS CULTOS:
 Domingos:
 às 10 hs.: Escola Dominical
 às 12 hs.: Programa radiofônico "A HORA PRESBITERIANA".
 às 18,30 hs.: Reunião da Mocidade.
 às 19,30 hs.: Mensagem da Palavra de Deus.
 Quartas-feiras:
 às 19,30 hs.: Estudo da Bíblia.
 — Todos são bem-vindos —

o estercor puro de aves pode ser empregado com adubo em horticultura e floricultura, na base de seiscientos quilos para cada mil metros quadrados de terreno.
 Quando empregado na adubação

TABELIONATO E CARTÓRIO DE PROTESTO DE TÍTULOS

Cascavel — Paraná
 EDITAL

Pelo presente, comunico que foi apresentado neste cartório, o título abaixo discriminado:

Espécie: Nota Promissória
 Emitente: Isaac Elias Nassar
 Avalista: Rui Delameia
 Valor: Cr\$ 200.000,00
 Motivo: falta de pagamento
 Favorecido: Bco. Merc. Ind. do Paraná S. A.
 Apresentado: pelo mesmo Banco
 Vencimento: 30 novembro 1962
 Intimo o responsável para pagar referido título dentro do prazo legal, ou dar-me as razões porque não o faz, ficando em caso contrário, notificado do competente protesto. O presente edital foi expedido em virtude de não ter sido encontrado o emitente.
 Cascavel, 14 de abril de 1963.
 FRANCISCO SMARCVSKI
 Oficial maior

TABELIONATO E CARTÓRIO DE PROTESTO DE TÍTULOS

Cascavel — Paraná
 EDITAL

Pelo presente, comunico que neste cartório, foi apresentado um título, como abaixo se vê:

Espécie: Nota Promissória
 Valor: Cr\$ 10.000,00.
 Vencimento: 8 de janeiro de 63
 Emitente: Benedito Bento.
 Favorecido: Julio Pereira.
 Motivo: falta de pagamento.
 Apresentado por: Bco. do Estado do Paraná S. A.
 Intimo o responsável para pagar referido título, dentro do prazo legal, ou dar-me as razões porque não

mineiros de Clubes
 rendimentos record
 culturas.
 Associados dos Clubes das Gerais, que reúnem 10 a 18 anos, estão sendo lido como gente grande em emprego de semente e pagamento adequado solo. Para isso, seguem as recomendações do Serviço de Estado (ACAR).

RESULTADOS SURPREENDENTES

Durante a I Convenção dos Clubes 4-S do Estado, em Belo Horizonte, muita coisa foi apreendida com os índices obtidos pelos jovens no José Maurício da Silva, por exemplo, conseguiu um total de 11.262 quilos por seu projeto de milho em Cunha do Município de Santa Catarina (MG) superou em várias vezes a média do Estado, produtividade de milho em Santa Catarina.

No primeiro campeonato (participação de nove jovens 4-S) realizada em Cascavel, venceu o menino João Ferreira Torres, do município de Raul Soares. Torres obteve um rendimento de 8.276 quilos em seu projeto de milho. Índices registrados em 1962 revelam que a produção do campeão de 1962 foi uma façanha excepcional para os sócios dos Clubes 4-S: participantes da nova marca. O jovem Alcides, do Município de Umuarama, produziu 8.800 quilos para garantir a segunda

CANCRO CÍTRICO NO PARANÁ

Um levantamento começará ser feito no Norte do Paraná, principalmente, para verificar que ponto o cancro cítrico atinge as plantações de laranja

Foz do Iguaçu
 O PRAZO DE 30 DIAS
 art 178, I do C.P.C. de que reside a suplicada em lugar incerto e não sabido, pelo prazo que V. Excia. ordenar, para, no prazo de três dias deduzir as razões que porventura tenha de recusar seu consentimento à cessão de direitos acima mencionada, sob pena de suprir V. Excia. à revelia da suplicada o seu consentimento, expedindo o competente alvará, no qual transcrever-se-á a respeitável sentença, autorizando o suplicante a efetuar a transação já referida com a firma SANGRETTA GUGLELMI LTDA., pelo preço de Cr\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), ouvido o Órgão do Ministério Público, tudo na forma e com base nos artigos 625 e 628 inclusive do Código de Processo Civil. Dá-se à presente, para os efeitos legais o valor de Cr\$ 400.000,00 (sete mil cruzeiros). R. de A. esta, com os inclusos documentos. P. deferimento. FOZ DO IGUAÇU, 20 de março de 1963. Dr. Ruy Barbosa Corrêa Filho. Advogado — "R.A. — CITE.

ANEXO 09 – Contrato entre Radio Colméia e IPCC para divulgação de programa.

Rádio Colméia de Cascavel Ltda. - ZYS - 66
 Av. Brasil, Ed. Colombelli, 2.º Andar - Fone, 255 - Cascavel - Paraná

CONTRATO DE PUBLICIDADE N.º

Firma IGREJA PRESBITERIANA Irsc.

Ramo Acima

Enderêço EM CASCAVEL

ESPECIFICAÇÕES DA PROPAGANDA

Tipo de publicidade:- programa

Espécie:- 4 Hora Presbiteriana

Horário:- das 12.00 às 12.25

Dias:- Aos domingos

a) - A publicidade acima especificada, à qual esta emissora se compromete dar pleno cumprimento, obedecerá os critérios a seguir enumerados, que o contratante está obrigado a seguir:

Início 1º de Dezembro de 1.966 Término 1º Dezembro de 1967

Prêço Mensal 30.000 Prêço Total 360.000

Cf. Duplicatas que a contratante compromete-se a aceitar.

b) - A emissora reserva-se o direito de interromper a publicidade, quando de transmissões externas e nos casos em que fôr obrigada a transmitir em cadeia com a Agencia Nacional, sem ...

c) - Nas falhas injustificadas, as compensações serão feitas através da prorrogação das irradiações, no final do contrato.

d) - No caso de textos, as compensações são, automaticamente aos domingos.

e) - O contratante (patrocinador) autoriza, por êste acôrdo, a cobrança judicial de seu débito conquanto não o salde no prazo normal.

f) - A emissora (contratada) reserva a si o direito de censurar tôda a matéria que fôr encaminhada para publicação.

Cascavel, 25 de Novembro de 196 6

.....
 Gerente da Rádio Colméia

Julius Cesar Paiva
 Anunciante

RÁDIO COLMÉIA DE CASCAVEL LTDA. CASCAVEL - PARANÁ	
IMPOSTO DO SELO - Inscrição n.º	
REGISTRO	VALOR DA OBRIGAÇÃO
Data <u>1º / 12 / 66</u>	Cr\$ <u>360.000</u>
Ordem <u>227</u>	Imposto: Cr\$ <u>36.000</u>
Fôlha n.º <u>25</u> IRIS	Assinatura do Contribuinte

Fonte: Rádio Colméia de Cascavel, 1966/67.

ANEXO 10 – Registro da sessão de extinção do Presbitério do Sul e formação do Presbitério de Curitiba. Sendo este último, responsável por gerir o Campo Missionário (Oeste do Paraná).

<p style="text-align: right;">Anexo 10 1</p> <p>TERMO DE ABERTURA — ESTE LIVRO, CONTENDO DUZENTAS (200) FOLHAS, NUMERADAS E POR MIM RUBRICADAS, SERUIRA' PARA O REGISTRO DAS ATAS DO PRESBITERIO DE CURITIBA, ORGANIZADO EM VINTE DE JANEIRO DE MIL NOVECEN- TOS E CINCOENTA E SEIS (20.1.1956), SENDO, PORTANTO, O PRIMEIRO (I) VOLUME DAS REFE- RIDAS ATAS - (Oswaldo S. Junod) - PRESIDENTE DO PRESBITERIO DE CURITIBA</p>	
<p><u>Ata da organização</u></p> <p>Aos vinte dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, às vinte horas e vinte minutos, no templo da Igreja Presbiteriana de Curitiba, reunido o Presbitério do Sul, sob a presidência do rev. Paschoal Luis Pitta, procede-se a leitura da ata da última sessão do Presbitério do Sul, que é aprovada. Em seguida, o Presidente passa a direção dos trabalhos ao rev. Boanerges Ribeiro, delegado do Sínodo Meridional, para proceder a divisão do Presbitério do Sul. Assumindo a direção, o rev. Boanerges faz a leitura do Salmo número vinte e quatro e, em seguida, uma oração. É convidado para funcionar como secretário ad-hoc da Mesa o rev. Walder Steffen. Faz-se a chamada dos Ministros e dos representantes das Igrejas que deverão constituir o Presbitério de Curitiba, registrando-se a presença dos revs. Alcides Augusto de Matos, Eljalma Mainque, Joel Rodrigues Cavalcante, Martinho Rickli, Osvaldo Sobeiro Enrich, Paschoal Luis Pitta, dr. Parisio Cidade e Wal-</p>	<p>Ata nº 1</p> <p>20-1-1956</p> <p>Curitiba</p> <p>Divisão dos trabalhos</p> <p>Secretário ad-hoc</p> <p>Presentes</p>

Fonte: I Livro de Atas do Presbitério de Curitiba, 1956.

ANEXO 11 – Pela ordem: registro de organização da IPCC; Estatística do ano 1966; Termo de encerramento de registro no Livro devido à organização da Congregação em Igreja.

43

No dia 15 de maio de 1966, foi organizada em Igreja, a Congregação Presbiterial de Cascavel. —

ORGANIZAÇÃO DA IGREJA DE CASCAVEL

— Estatística até a data supra-mencionada

Congregações: 3; Pontos de pregação: 15; —

Resumo de membros: Por Profissão de Fé e Batismo: Mc. 2, Fm. 3; Por Profissão de Fé: Mc. 1, Fm. 3; Por Jurisdição: Mc. 17, Fm. 21; Por Transferência: Mc. 20, Fm. 7; Número de membros congregados no campo, até junho: Mc. 107, Fm. 108; —

Total de membros congregados: 215. —

Resumo de não congregados: Por Batismo: Mc. 3, Fm. 5; Por transferência: Mc. 12, Fm. 15; Por jurisdição: Mc. 19, Fm. 23; Total de membros no campo, até o presente: Mc. 110, Fm. 139. Total de membros não congregados: 249. Escolas Dominicais: 5, com 30 oficiais e professores e com 412 alunos matriculados. —

UMPs. → 3, com mais de 60 sócios. SAsE → 3, com

Cascavel, junho de 1966

Rev. Roberto de Mattos

pastor

Aprovado até aqui sem observação

Sala das Sessões, Imbituva, 6 de Janeiro de 1967.

→ Concerne-se os registros pastorais deste livro do campo Missionário em virtude da organização em Igreja da congregação de Cascavel. Fica o mesmo livro no arquivo da Igreja de Cascavel.

Martinho Rickli - presidente do Presbitério de Ponta Grossa.

Fonte: Livro de Registro do Trabalho Missionário do Presbitério do Sul, 1966.

ANEXO 12 – Registro de inscrição dos estatutos da IPCC.

REPÚBLICA DO BRASIL

Comarca de Curitiba  Estado do Paraná

REGISTRO DE IMÓVEIS DA 1.ª CIRCUNSCRIÇÃO — 1.º OFÍCIO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
Rua XV de Novembro, 270 - Edifício Minas Gerais 5.ª andar - conj. 502 e 508 - Fone, 4-8331
SERVENTUÁRIO: **ELBE POSPISSIL**

REGISTRO DAS PESSOAS JURÍDICAS, ANEXO AO
CARTÓRIO DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS DO 1.º OFÍCIO DA CAPITAL.

CERTIFICO que do livro "A" de Registro *
das Pessoas Jurídicas, a meu cargo, sob nº de ordem *1.994* e
com data de *14* de *Janeiro* de 1.968, consta a inscrição dos
estatutos da " IGREJA PRESBITERIANA DE CASCAVEL ", associação
civil, com sede na cidade de Cascavel, neste Estado, onde foi
fundada em 15 de maio de 1.966.*****Dou fé.*****
Eu, *[assinatura]*, Oficial do Registro,
conferi, subscrevo e assino.
Curitiba, *14* de *Janeiro* de 1.968

Elbe Pospissil
Oficial do Registro

Reg.Arq.C.- NCr\$1,50
EP/

REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS
1.º Ofício
COMARCA DE CURITIBA
ELBE POSPISSIL
Oficial

ANEXO 13 – Registro da primeira Diretoria e dos Sócios fundadores da IPCC.

L I S T A D O S A S S O C I A D O S F U N D A D O R E S

IGREJA PRESBITERIANA DE CASCAVEL

Diretoria: Presidente: Rev. Roberto Ademar Pavelec
 Vice Pres.: Presb. Julio Gomes Barbosa
 1º Secretário: Presb. Antônio Simões de Araújo
 2º Secretário: Presb. Rui Domingues Carneiro
 Tesoureiro: Dr. Alceu Martins Ricci

REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS
 1º Ofício
 COMARCA DE CURITIBA
 ELBE. POSPISIL
 Oficial

Sócios Fundadores:

<u>Nome</u>	<u>profissão</u>	<u>estado civil</u>	<u>nacionalidade</u>
Alberto Blum	lavrador	casado	brasileira
Autília Blum	doméstica	casada	brasileira
Noemia Blum	doméstica	solteira	brasileira
Elma Samways	professora	casada	brasileira
Angelina Paiva	doméstica	casada	brasileira
Rute Teixeira Alves	doméstica	casada	brasileira
Nerice Teixeira Alves	doméstica	casada	brasileira
Izídia Ferreira Correia	doméstica	viúva	brasileira
Pedro Luciano da Silva	comerciário	casado	brasileira
Melena Bocatti Luciano	doméstica	casada	brasileira
Alcedina Luciano Ferrer	professora	casada	brasileira
João Pedro Ribeiro	lavrador	casado	brasileira
Dorival Dutra Ribeiro	doméstica	casada	brasileira
Ermelindo Alves da Silva	func. público	casado	brasileira
Job Ferreira Rosa	lavrador	casado	brasileira
Alice Ferreira Rosa	doméstica	casada	brasileira
Porcina Alves da Silva	doméstica	casada	brasileira
Nadir Teixeira Alves	estudante	solteira	brasileira
Nilza Teixeira Alves	doméstica	solteira	brasileira
Niceia Maria Alves	comerciária	solteira	brasileira
Nerivaldo Teixeira Alves	comerciário	solteiro	brasileira
Joel Paiva	estudante	solteira	brasileira
Elizabeth Rose Remer	estudante	solteira	brasileira
Julio Gomes Barbosa	apogentado	casado	brasileira
Irene Moraes Barbosa	doméstica	casada	brasileira
Natalino Alves	comerciário	casado	brasileira
Unbelina Alves	doméstica	casada	brasileira
Léa Cordeiro da Cruz	doméstica	casada	brasileira
Rosa Mehret	doméstica	casada	brasileira
Rui Domingues Carneiro	industrial	casado	brasileira
Dr. Alceu Martins Ricci	magistrado	casado	brasileira
Belmira Carneiro Ricci	professora	casada	brasileira
Clímenes Cano Pavelec	professora	casada	brasileira
Antônio Simões de Araújo	lavrador	casado	brasileira
Maria Edith Samways	professora	solteira	brasileira
Nicanor Schumaker	lavrador	casado	brasileira
Leonida Schumaker	doméstica	casada	brasileira
Sebastião Schumaker	lavrador	solteira	brasileira
Orfeu Rogério Schumaker	lavrador	solteiro	brasileira
Nicanor Antônio Schumaker	lavrador	solteira	brasileira
Divanir Lagos	doméstica	casada	brasileira
Lourival Mehret	comerciário	casado	brasileira
Waldemar Ludgero da Silva	lavrador	casado	brasileira
Eliza Braga Ludgero	doméstica	casada	brasileira
Job Felipe Freire	lavrador	casado	brasileira
Amélia Valim Freire	doméstica	casada	brasileira
Diomar Ludgero da Silva	lavrador	casado	brasileira
Idellir Elber	lavrador	casado	brasileira
Gilda Eller	doméstica	casada	brasileira
Maria Braga Ludgero	doméstica	solteira	brasileira
Zilda Braga Ludgero	doméstica	solteira	brasileira
Eli Valim Freire	lavrador	solteiro	brasileira
Dermival Valim Freire	lavrador	solteiro	brasileira

(Cont.)

ANEXO 14 – Continuação do Registro dos Sócios fundadores da IPCC.

(Cont. da Lista de Sócios fundadores da Igreja Presbiteriana de Cascavel).

<u>Nome</u>	<u>profissão</u>	<u>est.civil</u>	<u>naturalidade</u>
Adenir Valim Freire	lavrador	casado	brasileira
Mauraci Valim Freire	doméstica	casada	brasileira
Lícínio Eller	lavrador	casado	brasileira
Ivanize Palmeira Eller	doméstica	casada	brasileira
Geraldo Luiz Gomes	lavrador	casado	brasileira
Edina Valim Gomes	doméstica	casada	brasileira
Alípio Ribeiro da Silva	lavrador	casado	brasileira
Eunice Valim da Silva	doméstica	casada	brasileira
Nelson de Almeida Valim	lavrador	casado	brasileira
Silencina Valim de Carvalho	doméstica	casada	brasileira
Edson Frederico Eller	lavrador	casado	brasileira
Odete Batista Eller	doméstica	casada	brasileira
Janair de Almeida Valim	lavrador	casado	brasileira
Odete Lopes Valim	doméstica	casada	brasileira

Total de sócios fundadores: 70(setenta).-

Cascavel, 30 de outubro de 1967

Roberto Ademar Pavelec
 Rev. Roberto Ademar Pavelec
 -pastor

Roberto Ademar Pavelec
Heliang Boston
Antonio Carlos de Araujo

